



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA

Ana Leticia Lopes Tostes

O fantástico caso da médium Anna Prado nas páginas dos jornais paraenses no alvorecer do
século XX

Belém
2021

Ana Leticia Lopes Tostes

O fantástico caso da médium Anna Prado nas páginas dos jornais paraenses no alvorecer do século XX

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação – Linha de Pesquisa Processos Comunicacionais e Miatização na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

Belém

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T716f TOSTES, ANA LETICIA.
O fantástico caso da médium Anna Prado nas páginas dos
jornais paraenses no alvorecer do século XX / ANA LETICIA
TOSTES. — 2021.
98 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Lz Cezar Silva dos Santos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Belém, 2021.

1. Anna Prado. 2. Espiritismo. 3. Fantástico. 4.
Jornalismo.. I. Título.

CDD 070.17

Ana Leticia Lopes Tostes

O fantástico caso da médium Anna Prado nas páginas dos jornais paraenses no alvorecer do século XX

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação – Linha de Pesquisa Processos Comunicacionais e Miatização na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

Data da avaliação:

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz LZ Cezar Silva dos Santos (Orientador)

PPGCOM/UFPA

Prof. Dr. Leandro Rodrigues Lage (Avaliador Interno)

PPGCOM/UFPA

Prof. Dr. Marcio Couto Henrique (Avaliador Externo)

PPGHIS/UFPA

Belém

2021

Dedico este trabalho aos meus pais Fernando e
Cilene, meu irmão João, e meu noivo Gabriel.
Meus pilares nesse momento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu companheiro de todas as horas, Gabriel Muge, que durante toda essa jornada foi meu pilar, me ajudando com muito amor em todos os momentos que precisei e me acalmando nos momentos de desespero. Eu definitivamente não teria conseguido terminar a dissertação sem o seu apoio.

A minha mãe Juacilene Lopes e meu padrasto Fernando Amorim, que ficaram ao meu lado dando suporte e apoio durante esses anos sempre me cobrindo em um véu de amor. Assim como ao meu irmão João Amorim, o amorzinho da minha vida toda;

Ao meu pai Fernando Tostes, que faleceu aos meus 4 anos e desde então é meu guia e meu anjo nos céus.

A minha tia Sheila Evangelista, grande estudiosa da médium Anna Prado e que me apresentou a médium de forma magistral com seu trabalho. Não existiria essa pesquisa sem ela.

Ao professor Luiz LZ Cezar pelas orientações, puxões de orelha, paciência, pelo apoio e por crer que eu conseguiria. Foi ele quem tornou este trabalho possível.

Aos professores Leandro Lage e Márcio Couto Henrique, que me estimularam a continuar a pesquisa logo após o término da faculdade.

E aos meus companheiros nessa luta, Clarissa Rayol, Karoline Barbosa, Igor Blendon, e Jean Bremgartner. Sem vocês não teria graça!

E a todos que de alguma forma contribuíram para esta construção.

A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido.

(H.P Lovecraft)

RESUMO

Buscamos nesta dissertação, explorar as narrativas dos jornais paraenses nos anos de 1918-1920 que tinham como personagem principal uma médium chamada Anna Rebello Prado. Notícias que foram motivo de assombro para os leitores e incômodo para a igreja católica em virtude de a médium ganhar aliados e críticos ao permitir a cobertura da imprensa sobre seus feitos, principalmente a materialização de espíritos, e mostrando como o jornalismo rendia-se facilmente ao fantástico e ao insólito, no alvorecer do século XX na cidade de Belém do Pará. O objetivo da pesquisa é o de enxergar a cobertura jornalística de elementos fantásticos, como a médium e seus poderes, e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social e da história de uma comunidade. Para entender sobre estes aspectos, vamos também realizar estudo sobre Belém nos anos 20, e quem eram os principais personagens da intrigante médium que despertou curiosidade e atenção dos leitores dos jornais diários em Belém.

Palavras-chave: Anna Prado. Fantástico. Espiritismo. Jornalismo.

ABSTRACT

In this dissertation, we seek to explore the narratives of newspapers from Pará in the years 1918-1920 which had as main character a medium named Anna Rebello Prado. News that were a cause of astonishment for readers and annoyance for the Catholic Church because the medium gained allies and critics by allowing press coverage of her deeds, especially the materialization of spirits, and showing how journalism easily surrendered to the fantastic and unusual, at the dawn of the 20th century in the city of Belém do Pará. The objective of the research is to see the journalistic coverage of fantastic elements, such as the medium and her powers, and its acceptance by journalism as important components of reality the social and history of a community. To understand these aspects, we will also conduct a study on Belém in the 1920s, and who were the main characters of the intriguing medium that aroused the curiosity and attention of daily newspaper readers in Belém.

Keywords: Anna Prado. Fantastic. Spiritism. Journalism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manchete do jornal A Província do Pará de 16 de fevereiro de 1921	24
Figura 2: Fotografia da família Prado. Da esquerda para a direita: Antonina Prado, Eurípedes Prado, Anna Prado, Alice Prado e Eratóstenes Prado.	25
Figura 3: Flor produzida pelo espírito de Anita e entregue aos presentes	31
Figura 4 : Felismino de Carvalho Rebelo, quando vivo.....	31
Figura 5: O espírito de João	32
Figura 6 : Fotografia do espírito de Anita.....	34
Figura 7 Outro exemplo de flores produzidas pelo espírito de Anita	34
Figura 8 : Espírito do marinheiro	35
Figura 9 : Maestro Ettore Bosio.....	36
Figura 10 : Raymundo Nogueira de Farias	38
Figura 11: Um doloroso infortúnio	43
Figura 12: Manchete fantástica da Folha do Norte “Uma fotografia transcendental	48
Figura 13: Exemplo de Escrita Direta por Anna Prado.....	50
Figura 14: Anna em transe produzindo ectoplasma.....	51
Figura 15: Anna materializando espírito.....	52
Figura 16: Matéria do jornal A Província do Pará.....	56
Figura 17: Notícia mostrando flor produzida pelo espírito de Anita, e foto dos presentes na sessão	60
Figura 18: Notícia e foto de Anna demonstrando seus poderes.....	65
Figura 19: “O que vimos; o que pensamos”	69
Figura 20: Foto da grande na qual Anna Prado foi trancada	72
Figura 21: Manchete jornalística sobre a experiência com a médium	73
Figura 22: Parte de matéria do jornal Estado do Pará de 5 de julho de 1920	80
Figura 23: Matéria do Jornal A província do Pará em 28 de agosto de 1921	82
Figura 24: O Estado do Pará em 1 de julho de 1920, página 1	83
Figura 25: Destaque das fotos publicadas na matéria em O Estado do Pará em 1 de julho de 1920	84
Figura 26: O padre Florêncio Dubois.....	85
Figura 27: Crônica de Dubois sobre a manifestação do espírito de João.....	86
Figura 28: Matéria de Dubois sobre os médiuns da doutrina espírita.....	87

Figura 29: Detalhe da foto de Anna Prado publicada na Folha do Norte	89
Figura 30: Nuvem de palavra das matérias pesquisadas	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO 1 – ANNA PRADO: AS PERSONAGENS.....	18
2.1	A questão do espiritismo	18
2.2	Belém, palco dos fenômenos espíritas da médium Anna Prado	20
2.3	Os personagens da vida da médium Anna Prado.....	30
3	CAPÍTULO 2 – ANNA PRADO: A MÉDIUM.....	46
3.1	Anna e os fatos.....	46
4	CAPÍTULO 3 – ANNA PRADO E OS OUTROS.....	76
4.1	Os embates catolicismo x espiritismo nos jornais	76
5	CONCLUSÃO.....	95
6	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
7	PERIODICOS.....	101

1 INTRODUÇÃO

Não é comum que se enxergue no jornalismo lugar para a existência do imaginário e do fantástico. O jornalista é visto como vigilante da objetividade, racionalidade, e principalmente da realidade com seu importante papel de evitar o inefável. Comumente quando o desconhecido é noticiado, é em busca de ironizar e debochar de qualquer disparate que transcenda a realidade. Assim, matérias que abordem esse universo são voltadas para o entretenimento, em coberturas que buscam exaltar o exótico e o curioso, por vezes “esvaziando os fenômenos de suas significações epifânicas, debochando das crendices populares” (MOTTA, 2006, p. 9), ficando claro que o jornalismo factual ainda possui dificuldade em lidar com manifestações oriundas do imaginário.

Mas desde os primeiros textos informativos em larga escala com traços de jornalismo, havia uma forte presença do fantástico. Massacres, fenômenos desconhecidos, naufrágios, e até mesmo avanços científicos eram atribuídos a entidades divinas e seres sobrenaturais, revelando o medo do desconhecido e a angústia que acometiam aquelas pessoas diante de fatos extraordinários.

Peter Lamont (2017) explica que ao sermos confrontados com relatos do extraordinário, é comum que logo busquemos possíveis explicações normais para aqueles fenômenos, caso não encontremos, chegamos à conclusão de que aquele evento foi paranormal. Assim, a crença no fantástico exige que se exclua, e/ou não acredite em explicações ordinárias.

Essas crenças são, também, fruto do contexto social, visto que em determinadas épocas e lugares, se acredita em fenômenos fora do comum como parte da realidade vivida. O que é desconhecido também varia de acordo com determinado período da história.

Em outras palavras, as pessoas acreditam conforme um contexto mais amplo de plausibilidade, com base no que elas consideram normal, e conforme sua confiança de que aqueles que se consideram experts na área possam explicar as coisas. (LAMONT, 2017, p.21)

Em 1918, em Belém do Pará, cidade localizada na região amazônica, uma jovem chamada Anna Rebello Prado quebrou parâmetros lógicos ou racionais e atraiu os olhares da população paraense por 5 anos com suas habilidades paranormais, como a materialização de

espíritos, considerado como o fenômeno mais raro da fenomenologia espírita. A médium também possibilitava que espíritos trabalhassem em parafina líquida para a criação de complexas esculturas e possuía a habilidade de germinação de sementes de plantas, também através intervenção de espíritos materializados.

Allan Kardec¹, em sua obra *O Livro dos Médiuns*, descreve a materialização de espíritos da seguinte maneira:

As aparições propriamente ditas se dão quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio é, quase sempre, uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. Os ademanes, o aspecto, são semelhantes aos que tinha o Espírito quando vivo. Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenham tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus trajes tradicionais. (KARDEC, 2013, p.117)

Suas sessões tinham hora e local certo, na casa na qual a médium vivia com sua família, e tinham a presença de ilustres senhores da sociedade paraense da época, como médicos, advogados, comerciantes, políticos, e até governadores da província do Pará como Lauro Sodré e João Coelho, o médico legista Renato Chaves e o senador da república Justo Chermont.

De acordo com Magalhães (2012, p.51), a médium Anna Prado possuía uma mediunidade excepcional e comparável com às dos maiores médiuns que se tem notícia na doutrina espírita. Seus feitos foram apresentados e discutidos dentro e fora do círculo espírita brasileiro, alcançando repercussão além das nossas fronteiras. Pela presença de jornalistas nas sessões da médium Anna Prado temos um vasto material de relatos noticiosos, além de vários estudos e documentos em torno de suas atividades mediúnicas.

As atividades mediúnicas de Anna Prado despertaram uma novidade extraordinária em Belém nos inícios dos anos 20, um período considerado sombrio após a queda da economia da borracha na Amazônia e o fim da *belle époque*² amazônica mostrando o espiritismo e sua

¹ Allan Kardec, cujo nome verdadeiro é Hippolyte Léon Denizard Rivail é considerado o pai do espiritismo. Foi um educador, escritor e tradutor francês responsável pela obra que originou a doutrina: *O Livro dos Espíritos* – publicado em 18 de abril de 1857

² A expressão *belle époque* é utilizada neste trabalho para designar o período historicamente demarcado entre os anos de 1870 e 1918 (caracterizado, principalmente, pelo fim da I Grande Guerra Mundial).

relação com os religiosos, o campo científico, e a mídia impressa. As notícias de que Anna Prado seria capaz de invocar espíritos e conversar com os mortos são muito interessantes de se observar e passaram a compor um capítulo particular da história do jornalismo paraense.

As narrativas jornalísticas sobre a médium impressionam ao enfatizar o vínculo histórico entre jornalismo, literatura e imaginação, enxergando a qualidade narrativa dos relatos jornalísticos e chegando na fronteira entre real e irreal nas páginas dos jornais, reconhecendo os jogos de linguagem e os efeitos de sentido na comunicação jornalística.

Os eventos sobrenaturais, como os da médium Anna Prado, geram inquietação e provocam ansiedades nas pessoas, que a partir desses estados de comoção e da percepção de precariedade frente às forças da natureza e começa a tentar explicá-las. Transgredindo seu mundo objetivo e buscando justificativas para o irreal e incompreensível do fantástico, e significações para as suas inquietações.

As transcendências do mundo racional e/ou transposição do estado natural para o estado elevado recebem outros nomes, como milagres, destino, acaso (MOTTA, 2006). Essa escapada do real as vezes chega a um nível elevado de intensidade e pode passar, dependendo de crenças pessoais, ao plano sagrado e religioso. O homem também pode debochar, rir, e brincar com o fantástico diante da ambiguidade da realidade.

Os espíritas enxergam a morte como uma passagem. Não é o fim da vida, de acordo com o Alexandre Caldini em sua obra “A morte na visão do espiritismo”,

É o fim apenas de uma experiência com determinado corpo. Nesse sentido, seria mesmo mais adequado dizer passagem. Passagem deste modo de viver para outro, sem o corpo físico. Mas nós, espíritas, o usamos para expressar o momento em que o corpo espiritual deixa o corpo físico e se vai, para continuar a viver como espírito, preparando-se para uma próxima encarnação. Na terra fica o corpo material, que se transformará novamente em outros elementos químicos, compondo outros corpos orgânicos. Já o espírito continua o seu desenvolvimento. (NETO, 2017, p.86)

Em ambientes e sociedades tradicionalmente abertos às manifestações do fantástico, elas costumam circular por via oral, com seus misticismos, suas credices, suas histórias de fantasmas e monstros. A cultura popular foi o principal pilar que manteve as histórias fantásticas vivas não só no imaginário das pessoas como nos jornais.

A notícia, mesmo que de maneira involuntária, faz uso e se apoia em padrões culturais pré-existentes para sua realização e seu sentido, “o processo de fabrico e a construção das

notícias sofre uma ação informadora por parte do sistema sociocultural em que se insere” (SOUSA apud BRITES DA COSTA, 2013, p.31).

Quando encontra acontecimentos novos, o jornalista precisa saber como agir e escrever sobre ele dependendo do contexto histórico-cultural no qual está inserido. “Isto é, depende do aspecto que para o seletor de um enquadramento, como um jornalista, o real assume nesse momento, bem como da sua experiência, que lhe molda a percepção” (SOUSA apud BRITES DA COSTA, 2013, p.31).

Relacionando os processos culturais aos contextos nos quais foram produzidos, chegamos à conclusão de que cada realidade cultural teria suas lógicas internas, “a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (SANTOS, 1993 apud BRITES DA COSTA, 2013, p. 32). Desse modo, quando se estuda notícias envoltas dos mistérios dos fantásticos é preciso entender como elas são baseadas no contexto na qual são produzidas. Formas peculiares de se entender a realidade, e modos diferentes de vida influenciarão na prática jornalística, e os valores-notícia relevantes vão depender das características culturais vigentes e da forma como a sociedade lida com o tema do fantástico e sobrenatural.

Esta dissertação surgiu a partir de meu trabalho de conclusão de curso, no qual iniciei os estudos sobre a médium Anna Prado e as teorias do fantástico no jornalismo. Me impressionou o fato de sua história ser muito impactante e ter se desenrolado nas páginas dos jornais diários paraenses.

Em nosso primeiro capítulo faremos um breve resumo sobre a Belém na qual os eventos fantásticos e sobrenaturais se desencadearam, apresentaremos quem foi a médium amazonense Anna Prado, as questões importantes sobre o espiritismo e sua história no Brasil. Várias pessoas impactaram na trajetória da médium, e foram importantes para que Anna Prado se destacasse, não apenas nos jornais, mas também perante a sociedade paraense da época.

O capítulo 2 contempla as discussões jornalísticas em torno da médium e dos seus poderes, onde podemos enxergar como o fantástico está presente nas páginas dos jornais, e na vida das pessoas, das mais variadas maneiras. A própria definição de notícia para alguns estudiosos, como Luiz Gonzaga Motta, demonstra que a inusitabilidade de um fato, a exceção, e a ruptura com a normalidade o transformam em um importante valor notícia.

O capítulo 3 irá destacar como o espiritismo gerou irritabilidade e inquietação na igreja católica, que se utilizou das páginas dos jornais para também atacar a médium, a doutrina recém-chegada ao Pará e seus adeptos.

2 CAPÍTULO 1 – ANNA PRADO: AS PERSONAGENS.

2.1 A questão do espiritismo

Historicamente, novas formas de religiosidade se desenvolveram no Brasil desde o fim do século XIX, em paralelo com o cientificismo³ e o positivismo⁴, após o enfraquecimento do monopólio religioso católico com o advento da República no Brasil (1892). Assim, notícias de mesas girantes, aparições de seres do além, e médiuns passam a frequentar mais comumente as páginas dos jornais brasileiros. Na segunda década do século XX, a partir de 1920, começam intensos debates públicos nas páginas dos jornais entre a doutrina espírita, a igreja católica e a psiquiatria. Este ponto é importante para esta pesquisa, pois parte das matérias jornalísticas de cunho fantástico publicadas pelos jornais da época e relacionadas ao tema do espiritismo. E foi justamente em um momento de dificuldade, medo, incerteza e esperança de dias melhores na cidade de Belém do Pará que surge a figura da médium Anna Prado como a representante da nova concepção religiosa, o espiritismo.

O espiritismo é uma doutrina cuja base está em três princípios: a ciência, a filosofia e a religião. Allan Kardec, a codificou em cinco obras: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1859), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1863), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

Em sua concepção, o ser humano está em constante evolução espiritual através da reencarnação. No espiritismo, Jesus Cristo é visto como um espírito de primeira ordem, ou seja, com um propósito superior que é guiar a humanidade rumo a uma perfeição espiritual. Além disso, os princípios da caridade e da reencarnação são base da doutrina espírita.

O espiritismo desembarcou em Belém em 12 de junho 1870, através da fundação “Grupo Espírita Luz e Caridade, que funcionava à Rua Novade Santana n°. 7A – hoje, Rua Senador Manoel Barata” (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p 27). Esse grupo também sofreu nas mãos dos religiosos, principalmente católicos, sendo chamados de feiticeiros e humilhados publicamente pela enraizada fé popular. Por este motivo, inicialmente eram poucos que se aventuravam a assistir as sessões espíritas, o que foi mudando ao passar do tempo e onze anos depois devido a dedicação em difundir-se editaram o jornal espírita *O*

³ Uma perspectiva ideológica de que a ciência natural, de raiz observacional empírica, é a única fonte de conhecimento possível

⁴ Corrente filosófica surgida na França no século XIX que entende o conhecimento científico como única fonte de conhecimento verdadeira.

Regenerador (1881), que mais tarde seria o órgão oficial de propagação do espiritismo e espiritualismo moderno. De acordo com *A História do Espiritismo no Pará* (2006, p.29): “É evidente que os serviços mais importantes realizados pelo ‘Grupo Espírita Luz e Caridade’ foram os relativos à difusão dos ensinamentos da Doutrina, os quais tiveram progressivo desenvolvimento, impulsionados pelo franco apoio que chegava de diversos lugares”. O crescimento no número de adeptos fez com que houvesse a fundação de novas sociedades espíritas, como o Centro Espírita do Estado do Pará e a Sociedade Espírita Paraense.

Em 1892, o entusiasmo com a doutrina praticamente desapareceu, então, houve um hiato na divulgação do espiritismo até 23 de junho de 1895, quando houve a fundação do “Centro Espírita Esperança”. Sua fundação ocorreu pelas mãos de um operário do Arsenal de Marinha Ignácio Cipriano Belmont, presença frequente nas sessões da Sociedade Espírita Paraense ainda em 1892. Sentindo-se deslocado devido à sua condição social, buscou adeptos do espiritismo entre os seus companheiros de trabalho para lhe ajudar a fundar um centro espírita. Belmont encontrou muitas dificuldades, pois a maioria dos operários seguia outra religião, embora inclinados a aceitar o espiritismo. Demorou cerca de 3 anos para que ele conseguisse fundar seu Centro Espírita, na Travessa Carlos de Carvalho nº 46.

O “Esperança” não tinha uma organização adequada, sendo orientado mais pela força de vontade admirável de Cipriano Belmont, cujo esforço, unido aos dos demais dedicados companheiros, na propagação da Doutrina, não produzia grande resultado, como era do seu desejo, devido a sua pouca instrução e a sua condição social que não lhe permitia penetração maior na sociedade (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p 27).

No “Esperança” a frequência de adeptos aumentou conforme os anos passaram e o centro se tornou um lugar para as pessoas tratarem suas enfermidades físicas e morais. Por ser formado por pessoas simples, havia uma certa dificuldade em difundir os ensinamentos básicos da doutrina, e conseqüentemente a expansão dos mesmos, “situação essa que deu lugar à introdução de práticas ligadas à pajelança e à feitiçaria, a confundir-se, lamentavelmente, assim com os lídimos preceitos da abençoada doutrina codificada por Allan” (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p 35).

Foi a partir de 1902, que o espiritismo no Pará voltou a ganhar um pouco de força com o casal Arthúnio Vieira e a sua esposa, Emilia Freitas Vieira, vindos do Ceará, que em sua residência localizada na Travessa São Matheus nº 219, hoje Padre Eutíquio, começaram a realizar pequenas sessões espíritas. Os dois logo notaram que o espiritismo, apesar de ter adeptos no Pará, gozava de uma certa timidez pela força exercida em cima dos praticantes

para desacreditá-los. Pouco se fazia para divulgar a doutrina e Arthúnio juntou-se a um pequeno grupo de companheiros em busca de resolver esse problema.

Com o tempo, a pequena casinha já não suportava mais o grande número de pessoas que buscavam participar das sessões espíritas para conhecer a doutrina e em 7 de setembro de 1902, foi fundado o “Centro Espírita Paraense”. De acordo com *A História do Espiritismo no Pará*, houve uma tentativa de invasão por parte da polícia e a casa foi apedrejada, mas nada disso impediu as reuniões naquele lugar e os ânimos dos admiradores não diminuiu. Chegou-se a uma frequência de 400 pessoas por sessão, mesmo com as ameaças e humilhações de adeptos a outras concepções religiosas que acreditavam que ali estava acontecendo algum tipo de “magia negra”.

As atividades realizadas pelo centro iam muito bem até que o casal responsável precisou mudar-se para a cidade de Abaetetuba devido á circunstâncias pessoais. O centro não durou muito mais tempo nas mãos de outras pessoas e deixou de existir, suspendendo o maior núcleo de divulgação espírita da capital. Os participantes passaram a realizar breves reuniões por conta própria realizando palestras doutrinárias para pequenos grupos de pessoas. Somente em 1905 que foi reorganizado o antigo “Centro Espírita Paraense” e despertou mais uma vez entusiasmo nos espíritas paraenses.

Em agosto de 1906, a União Espírita Paraense lançou seu órgão de divulgação, *A Revelação*, e em 1907 criou as Escolas Allan Kardec e Amélia de Menezes que funcionavam na sede dos grupos espíritas “Atalaia” e “Deus Conosco”.

Instaladas em meio onde a pobreza avultava e a fé católica dominava, pouco tempo depois essas escolas tiveram uma procura extraordinária, na comunidade, registrando uma matrícula de 120 crianças e a frequência, respectivamente, de 60 e 80 alunos. Esse fato era a prova cabal da confiança que o povo começava a depositar nos espíritas, até então mal considerados, atestando que o Espiritismo, em Belém, e as iniciativas da União iam merecendo de todos uma melhor atenção (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p.53)

A partir daí, o espiritismo foi lentamente criando seu espaço junto às outras religiões no Pará, fortalecendo a doutrina através de instituições fundadas e da união e solidariedade entre os membros, vencendo aos poucos a crise e o preconceito, e adquirindo vida nova em uma comunidade ativa.

2.2 Belém, palco dos fenômenos espíritas da médium Anna Prado

A cidade, de uma forma geral, sempre foi uma grande máquina de narrar e produzir imagens. Muitos escritores da literatura mundial utilizaram da(s) cidade(s) em seus romances

como estratégias narrativas, misturando os elementos do cotidiano, histórias e ambientes reais de pessoas reais com personagens e histórias ficcionais.

Quando falamos em cidade há uma variedade de objetos, formas de pensar e escrever sobre ela que variam de acordo com o referencial epistemológico, “[a cidade] passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas. Assim, é Paris para Victor Hugo, Balzac e Zola, ou para Baudelaire em seus poemas; ou Londres para Dickens.” (GOMES, 1997).

Além desses citados, outro exemplo da construção do ambiente urbano como estratégia narrativa está no romance *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski, onde o autor utiliza-se da cidade de São Petersburgo como uma personagem cuja influência atua diretamente nas ações dos personagens e não apenas um palco estático onde ocorrem os fatos da história.

Ao estudar a representação da cidade sob o aspecto literário devemos versar os textos que narram a cidade para entender que é naquela cartografia simbólica onde se cruzam o imaginário história, a memória da cidade e a cidade da memória. (GOMES, 1997). Sob essa perspectiva é importante considerar que a cidade é um discurso, uma linguagem que se comunica com seus habitantes.

Essa mistura literatura e realidade cria uma atmosfera propícia para influenciar os leitores a entrarem cada vez mais na história narrada ao compartilhar de um ambiente conhecido. Estudar a história de Anna Prado e a presença de eventos paranormais nas páginas dos jornais de Belém nos primeiros anos da década de 20 do século XX também supõe uma apresentação da cidade de Belém retratada nas páginas dos jornais da época, como forma de retratar os seus habitantes e o mundo supostamente assombrado, onde os fatos se desenrolam e principalmente narrativas fantásticas são construídas.

Os áureos anos vividos pela cidade de Belém do Pará, consequência da exportação do látex produzido na Amazônia ao final do século XIX e início de XX, período conhecido como a belle époque amazônica, proporcionaram a modernização e urbanização da capital paraense tendo como ambição o modelo de grandes capitais do continente europeu, com paralelepípedos de granito importado, prédios públicos, casarões, praças e monumentos, todos inspirados nas cidades de Paris e de Londres. A nova ordem econômica vigente na Amazônia levou a cidade de Belém a tornar-se o principal porto de escoamento da produção gomífera,

canalizando parte do excedente dessa economia para os cofres públicos, que direcionaram seus olhos e investimentos para área urbana da capital.

Toda essa efervescência urbana no comércio da cidade deu à fisionomia da Belém desse período um ar de modernidade bem ao estilo dos governantes da época, que sonhavam em transformar a cidade em uma “Paris dos trópicos”. Isso se reflete no grande número de estabelecimentos comerciais que utilizavam palavras francesas em seus nomes comerciais ou que faziam referência à língua de Victor Hugo, inclusive em um dos símbolos comerciais mais emblemáticos da *belle époque* paraense: a loja Paris N^o América. (SANTOS, 2018, p.33)

Todo esse apogeu faz surgir uma nova elite na capital paraense, os “coronéis da borracha”, proprietários dos seringais que buscavam na expansão do negócio do látex deter poder nas mãos e transformar a sociedade belemense e a capital Belém em uma “Paris nos trópicos”. A transformação da cidade de Belém para desenvolver uma vida urbana mais moderna, para disciplinar seu espaço público e transformar do espaço-cidade, intensificou a construção de prédios públicos, hospitais, fábricas e grandes casarões de moradia inspirados na arquitetura europeia.

O modelo de urbanismo moderno proposto pela elite paraense buscava a reordenação da cidade bem como a proposta de trabalhar novas políticas de saneamento, limpeza e higienização, além de remodelar costumes e hábitos sociais para alinhar a cidade de Belém aos padrões da civilização europeia. Nas duas primeiras décadas do século XX, no espaço urbano do centro da cidade, onde vivia a elite belemense, foram realizadas uma série de melhorias pelo governo: ruas e avenidas foram pavimentadas, praças e jardins estruturados, limpeza e arborização dos espaços públicos além da construção de uma usina de incineração do lixo. O poder público também se encarregou de criar uma estratégia de ordenação dos bons costumes dos cidadãos que viviam e moravam na cidade.

O Recenseamento de 1920⁵, nos mostra as principais atividades econômicas da cidade de Belém, evidenciando que os homens executavam as atividades que envolviam agricultura, construção civil, comércio, transporte (especialmente marítimos) e vestuário, em sua grande maioria atividades ligadas ao setor terciário; enquanto isso, as mulheres exerciam principalmente atividades agrárias, serviços domésticos, e magistério. É importante notar que este recenseamento afirma que 83,7% das mulheres não estavam inseridas no mercado de trabalho de maneira alguma. Sua principal ocupação ainda era de mãe e esposa, tendo como

⁵ IBGE. Recenseamento de 1920. Tomo IV: População do Brasil segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade. Rio de Janeiro: Tipografia de Estatística, 1926, p. 712

principal obrigação os serviços domésticos. As poucas ocupações que conseguiam ter, de um certo modo, ainda envolviam os serviços domésticos, como costureiras e lavadoras de roupas.

Em 1920 de acordo com Penteado, que cita Theodoro Braga como fonte (1968, p.157), a cidade seria dividida em 3 espaços: o da Cidade Velha, tranquilo e conservando um ar arcaico; o do comércio, onde localizavam-se lojas, mercados de todos os gêneros, e bancos; o da Campina, bairro residencial, moderno e que abrange a maior parte da cidade. Haveria ainda os bairros mais afastados, habitados pelo proletariado. Contudo, Braga (1916) afirma que Belém ainda era uma capital moderna e requintada que estava rejuvenescendo após a crise com seus “palacetes onde o conforto e o gosto apurado” lembravam dos centros europeus cheios de elegância. Mesmo que a geografia urbana da capital ainda lembrasse a Europa o resultado desta “evolução” após a crise ainda era problemático para a cidade. A falta de higiene e saneamento básico em várias áreas permitia que quando a maré baixasse nos igarapés, dejetos e lixo ficassem a amostra exalando forte odor principalmente perto da linha do cais do porto. A água potável também tinha uma péssima qualidade e a limpeza pública, que antes reservava-se por onde as elites passavam, agora até mesmo nesses locais estava deficiente. (PENTEADO, 1968). A crise da cidade de Belém veio acompanhada por problemas e desorganização administrativa, que levou o espaço urbano a passar por uma forte estagnação em muitos setores.

A Província do Pará em 16 de fevereiro de 1921 (Figura 1) estampou em sua primeira página:

Os quadros terríveis da fome, o espantinho da miséria se desenha aos olhos assombrados dos paraenses. Escondidos na sombra, de noite, aos portões das casas burguesas batem inúmeras crianças, acanhadas, timoratas que apenas pedem o que comer (A PROVINCIA DO PARÁ, 16.02.1921, p.01).

Figura 1: Manchete do jornal A Província do Pará de 16 de fevereiro de 1921



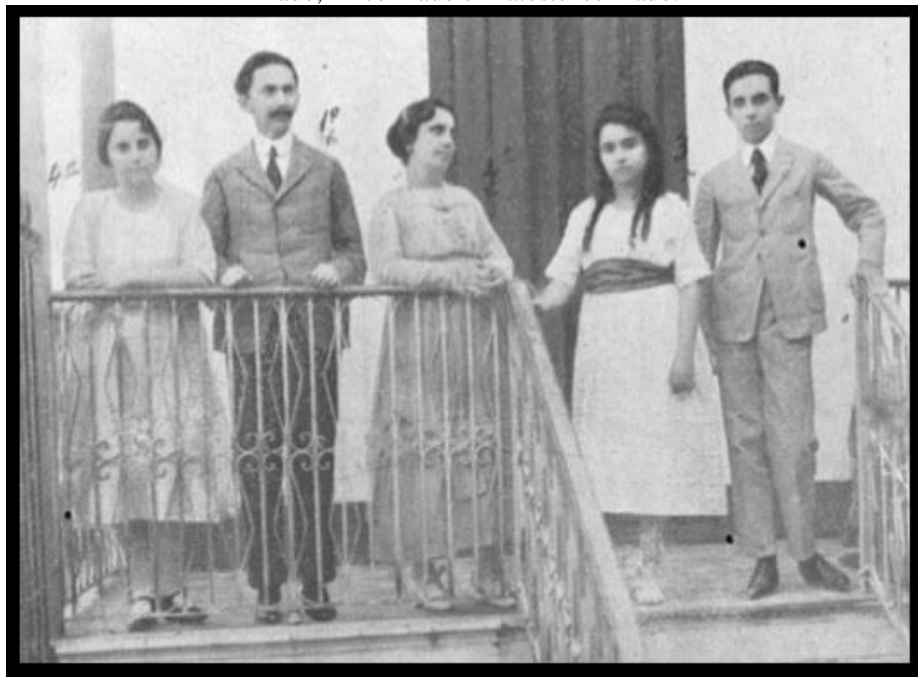
Fonte: Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna

A situação exposta diariamente nas páginas do jornal *A Província do Pará* mostrava que Belém era uma cidade fantasmagórica, posto que a cidade naquele período era apenas uma pálida lembrança do que já fora antes, no período da belle époque amazônica, com ares assustadores, não pela ausência de habitantes, mas sim pela falta de perspectiva de futuro, emprego, e oportunidades, bem diferente do surto desenvolvimentista o qual a cidade havia passado menos de uma década antes. Consequentemente, o número de crimes na capital aumentou. O *Boom* populacional agora gerava proliferação de doenças e expansão de atividades consideradas “sujas”, como a prostituição, do outro lado, as autoridades não conseguiam suprir a necessidade cada vez maior de policiamento e saúde pública eficaz.

Como podemos perceber, o cenário da Belém no qual a médium Anna Prado aparece é o de uma cidade próspera que passou por alguns problemas, mas seguia firme como uma grande capital no norte do país. Neste período houve uma migração do interior do estado para a capital, já que não se tinha mais perspectiva de crescimento nos seringais na extração de látex (borracha). O destaque nas páginas dos principais jornais diários era o de levar aos leitores a imagem de uma cidade empobrecida e decadente. Onde antes houve espaço para os eventos mais elegantes e aristocráticos da cidade, durante a belle époque amazônica, agora era lugar de uma melancólica saudade dos áureos tempos da borracha.

É nessa cidade de Belém na década de 20 do século XX que surge nas páginas dos jornais a médium Anna Prado, que de acordo com o historiador Samuel Magalhães (2012), nasceu em Parintins, por volta de 1883, batizada de Anna Rabello Prado, ainda segundo o autor, por volta de 1913 veio do estado do Amazonas para a capital do Pará acompanhando do esposo Eurípedes Prado, um comerciante, jornalista, professor e homem de negócios que buscava se estabilizar na capital paraense. Nas pesquisas documentais realizadas, não foram encontrados registros sobre a infância e adolescência de Anna Prado, mas sabemos que se casou em 9 de junho de 1901, em Parintins no estado do Amazonas. A época a família Prado era constituída por Anna Prado, o marido Eurípedes Prado, a filha Antonina Albuquerque Prado, e os filhos Erastóstenes Albuquerque Prado, Eurides Albuquerque Prado e Dinamérico de Albuquerque Prado (Figura 1). Mesmo em um momento de crise os Prado possuíam uma posição social respeitável e eram financeiramente estáveis na cidade de Belém.

Figura 2: Fotografia da família Prado. Da esquerda para a direita: Antonina Prado, Eurípedes Prado, Anna Prado, Alice Prado e Eratóstenes Prado.



Fonte: FARIAS, 1921, p.18

Eurípedes Prado era um homem letrado, educado na religião católica, e desde a sua adolescência se preocupava com os destinos da alma após a morte. De acordo com Magalhães (2012, p.40), Eurípedes sempre achou inconcebível a ideia de um Deus único, vingativo e criador de seres destinados a intérminos sofrimentos conforme preceitua a doutrina cristã, como ele mesmo afirma em anotações, “Os meus raciocínios me convenciam da existência de um

ser superior, erija essência o Catolicismo, no meu entender, desvirtuava.” (PRADO apud FARIAS, 1984, p.44). Por não acreditar nessas possibilidades e nas explicações oferecidas, Eurípedes encontrou revelações nos estudos de Allan Kardec e se reconheceu como espírita.

O espírita é quem encontra na doutrina as respostas para às suas questões existenciais

E foi a partir de seu contato com o espiritismo que começou a executar experiências em casa com a finalidade de ter contato com habitantes do além. Seus filhos o ajudavam, mas Anna Prado, segundo relatos do marido, não se interessava, alegando incredulidade e ocupações com tarefas domésticas.

As tentativas de Eurípedes de realizar o fenômeno conhecido como mesa girante⁶ foram sem sucesso durante vários dias. Em uma noite no ano de 1918 ele insistiu que Anna Prado participasse e para sua surpresa foi justamente neste experimento que as atividades mediúnicas da esposa se manifestaram pela primeira vez. Após sentar-se para iniciar o experimento, a mesa começou a se mexer, mostrando os primeiros sinais de um fenômeno espírita. Anna Prado assustou-se com os movimentos da mesa, que levitou de maneira baixa por alguns minutos. Impressionado, Eurípedes relatou com detalhes os acontecimentos para Nogueira de Faria, que publicou a carta em o Livro *dos Mortos*:

O fenômeno, então, evidenciou-se de modo pleno: a mesa levantou uma das pernas, oscilou, dando algumas pancadas. Minha esposa resistiu à crise e, assim, vencido este obstáculo, prosseguimos em nossas experiências, até que a mesa, por pancadas convencionadas, deu o nome de um nosso conhecido, transmitindo-nos um pedido feito pela entidade que se dizia manifestada. (...) Passados 6 ou 8 dias fomos surpreendidos por um fenômeno insólito e inesperado: encontramos atirado ao chão, no meio da sala, o álbum de fotografias ao qual já aludimos e que permanece sempre sobre a mesa-centro. Ficamos em dúvida: teria sido o meu filho menor, aliás muito travesso, ou um fenômeno? Interrogado, o menino negou. (...) Prosseguiam, assim, os fenômenos, até que, em 24 de Junho de 1918, por ocasião de uma experiência, violentos abalos agitaram a mesa. Minha esposa, que já se ia habituando às manifestações, foi, de novo, possuída de pavor. A força que atuava sobre a mesa, em vez de suspender a perna desse móvel e dar as pancadas habituais, começou a imprimir-lhe rotações violentas. A custo conseguimos obter um ditado inteligível e viemos a, saber por ele que o Espírito que se manifestava tão insolitamente era o mesmo que tinha sacudido ao solo o álbum de fotografias. Nada mais logramos alcançar nas experiências dessa noite (24 de Junho de 1918). O certo é, porém, que desde então o álbum não teve mais “sossego” sobre a mesa referida, e, tantas vezes o atiraram ao solo, que se inutilizou. (...) Uma noite recebemos pela tiptologia o seguinte ditado: “A médium deve concentrar-se, pois vou fazer uma surpresa. Não tenham receio. A médium dormirá - mas bastará tocar-lhe a fronte com um pano molhado que despertará logo.” Feita a obscuridade, a médium adormeceu e sem demora uma pancada nos anunciava a realização da surpresa. Dando-se luz, encontramos uma flor sobre a pequena mesa que servia para receber as manifestações, uma flor transportada do jardim.⁴⁸ Essa espécie de fenômenos, chamados de transporte, repetiu-se freqüentemente, em crescente intensidade,

⁶ Neste fenômeno, o espírito comunica-se pela tiptologia, ou seja, através de pancadas dadas à mesa.

chegando a realizar-se, em uma sessão, o aparecimento, na sala inteira e cuidadosamente fechada, de mais de vinte flores. Foi esse o começo dos fenômenos. Seguiram-se depois as materializações em obscuridade plena, apenas perceptíveis pelo tato, enquanto se ouvia a médium ressonar ao lado, junto à fila dos assistentes; gradualmente, da obscuridade plena, passou-se a uma luz muito tênue e de materializações de membros esparsos - um braço, mãos, etc. - ao aparecimento de vultos perfeitos e até ao reconhecimento dos mesmos por parte de parentes.” (PRADO apud FARIAS 1984, p.46-48).

Depois deste evento, a médium Anna Prado se tornou figura ativa no espiritismo paraense, realizando sessões em sua residência e produzindo feitos surpreendentes que foram parar nas páginas dos jornais da capital e ultrapassando fronteiras, com publicações sobre seus supostos poderes na Europa, principalmente na França e na Alemanha. Fatos jornalísticos que serão descritos no capítulo 2.

De acordo com Magalhães (2012), conforme as habilidades mediúnicas de Anna Prado se desenvolviam, os filhos do casal Prado se interessavam mais pela doutrina espírita. Eurípedes demonstrou felicidade com esse interesse, pois, via os filhos mais velhos inclinados para o materialismo e gostaria que realizassem uma reflexão acerca dos males do culto materialista.

Ératosthenes cooperava assiduamente com a organização das reuniões. Antonina servia de intermediária a diversos espíritos pela psicografia mecânica e se tornou, depois, trabalhadora do Centro Espírita Caminheiros do Bem. Alice tocava piano durante as sessões de materializações a pedido do espírito de João e, após a desencarnação de sua mãe, colaborou igualmente com as tarefas do Centro Espírita Caminheiros do Bem. (MAGALHÃES, 2012, p. 42).

A família Prado, mesmo em uma época na qual havia grande preconceito e receio sobre as questões do espiritismo, foi dedicada à causa e buscava aumentar o conhecimento sobre a doutrina no norte do país. De acordo com Magalhães (2012, p.35) os tios maternos de Anna, Emiliano Olympio de Carvalho Rebello e Jovita Olympio de Carvalho Rebello, funcionários públicos e com respeitável posição na sociedade manauara, participavam ativamente das agremiações espíritas na capital do Amazonas e foram importantes figuras para o aperfeiçoamento das atividades na cidade. Emiliano Rebello, foi um membro ativo da *Sociedade de Propaganda Espírita*, instituição responsável pelo jornal *Mensageiro*, o primeiro jornal espírita a circular no Amazonas, além de ter sido um dos fundadores da *Federação Espírita Amazonense*, considerado o segundo órgão espírita de caráter federativo estadual brasileiro. Junto a outros seguidores da doutrina, os tios de Anna Prado “foram importantes por propiciar um aumento expressivo na imprensa espírita nacional num tempo em que as publicações eram extremamente custosas e difíceis” (MAGALHÃES, 2012, p.36).

Outras figuras importantes na vida da médium Anna Prado, que tiveram participação na expansão ao movimento espírita amazonense, foram Ermelinda de Carvalho Rebello, mãe da médium, João Rebelllo Corrêa, irmão dela, Cristina Rebello Prado, sua irmã, e o cunhado Clóvis de Albuquerque Prado. Depois de iniciar suas atividades na doutrina, a médium tinha em várias sessões a companhia espiritual de *João*, que na verdade era seu tio materno Felismino Rebello, que também se tornou uma espécie de orientador mediúnico. Interessante frisarmos que antes mesmo de apresentar seus supostos poderes mediúnicos, em Belém do Pará, a médium vivia cercada de praticantes e crentes no espiritismo.

O Espiritismo nasce no século XIX em um momento de furor científico em busca de modernidade. Tratando-se de uma concepção religiosa, sofreu ataques das novas ideologias que buscavam a racionalização do saber humano e o domínio técnico da realidade em busca do monopólio do saber científico em detrimento do teológico. São três os principais pressupostos da doutrina, a imortalidade de alma, ou seja, a continuidade da vida após a morte, a reencarnação, a volta do espírito a um corpo para iniciar uma nova vida, e a comunicação com os mortos.

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. (...) O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 2013, p.40)

No Brasil a doutrina adaptou-se para poder se inserir em uma realidade diferente da qual Kardec vivia na França. Sua chegada não foi difícil devido à grande influência francesa no Brasil, em grande parte pela admiração dos portugueses e brasileiros pela cultura do país. No Brasil, o espiritismo, a doutrina com suas concepções e codificações, chega em 1860 para tentar influenciar nossa cultura e a maneira como enxergamos a religião. Os intelectuais do país passaram aos poucos a debater sobre o espiritismo, sendo um dos pioneiros o jornal *Courier du Brésil*, em 1861. O jornal francês editado no Brasil discutia sobre os temas mais importantes do momento, sendo importante para a fixação do espiritismo no país e para o aumento do interesse dos intelectuais em saber mais sobre a doutrina. Teles de Menezes também foi o responsável por fundar o primeiro órgão da imprensa espírita no Brasil, o *Écho d'Além-Tumulo*, em 1869. Nesse mesmo ano houve o primeiro lançamento de uma obra poética cujo objetivo fosse divulgar a doutrina, *O Espiritismo – Meditações Poéticas sobre o Mundo Invisível*.

Quase dez anos depois, em 12 de junho 1870, o espiritismo desembarcava em Belém através da fundação “Grupo Espírita Luz e Caridade, que funcionava à Rua Novade Santana nº. 7A – hoje, Rua Senador Manoel Barata” (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p 27). De acordo com *A História do Espiritismo no Pará* (2006, p.29): “É evidente que os serviços mais importantes realizados pelo ‘Grupo Espírita Luz e Caridade’ foram os relativos à difusão dos ensinamentos da Doutrina, os quais tiveram progressivo desenvolvimento, impulsionados pelo franco apoio que chegava de diversos lugares”. O crescimento no número de adeptos fez com que houvesse a fundação de novas sociedades espíritas, como o Centro Espírita do Estado do Pará e a Sociedade Espírita Paraense. Contudo, a partir de 1902, o espiritismo no Pará voltou a ganhar força com o casal Arthúnio Vieira e a sua esposa, Emilia Freitas Vieira, vindos do Ceará, que em sua residência localizada na Travessa São Matheus nº 219, hoje Padre Eutíquio, começaram a realizar pequenas sessões espíritas. Os dois logo notaram que o espiritismo, apesar de ter adeptos no Pará, gozava de uma certa timidez pela força exercida em cima dos praticantes para desacreditá-los. Pouco se fazia para divulgar a doutrina e Arthúnio juntou-se a um pequeno grupo de companheiros em busca de resolver esse problema.

Em agosto de 1906, a União Espírita Paraense lançou seu órgão de divulgação, *A Revelação*, e em 1907 criou as Escolas Allan Kardec e Amélia de Menezes que funcionavam na sede dos grupos espíritas “Atalaia” e “Deus Conosco”. E a partir daí, o espiritismo foi lentamente criando seu espaço junto às outras religiões no Pará, fortalecendo a doutrina através de instituições fundadas e da união e solidariedade entre os membros, vencendo aos poucos a crise e o preconceito, e adquirindo vida nova em uma comunidade ativa.

Ainda em 1906, no mês de agosto, a União lança o seu órgão de divulgação – *A Revelação*. Em 1907, cria as Escolas Allan Kardec e Amélia de Menezes que funcionavam na sede dos grupos espíritas “Atalaia” e “Deus Conosco”. Instaladas em meio onde a pobreza avultava e a fé católica dominava, pouco tempo depois essas escolas tiveram uma procura extraordinária, na comunidade, registrando uma matrícula de 120 crianças e a frequência, respectivamente, de 60 e 80 alunos. (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p.53)

O aumento gradativo de praticantes do espiritismo e da procura em conhecer a doutrina evidenciava que as pessoas estavam um pouco mais confiantes nessa nova vertente religiosa. Dando gás para os grupos espíritas continuarem os seus trabalhos.

Em 1918, Anna Rebello Prado desperta seus poderes mediúnicos e passa a ter uma parte de sua história contada pelos jornais. Atraindo olhares e despertando curiosidade em

todas as camadas sobre o que era o espiritismo e o que acontecia nas sessões realizadas em Belém do Pará.

Anna Prado não se utilizava da mediunidade de maneira profissional, seus poderes não eram usados para ajudar as pessoas em troca de dinheiro. Essa, talvez tenha sido mais uma das peculiaridades que a tornou uma pessoa tão interessante para a sociedade belenense. A divulgação de seus feitos e as sessões com a presença de um público eram insistências de seu marido, que nunca cobrou nenhuma quantia para que as pessoas assistissem às sessões. (EVANGELISTA, 2012, p.24). Tanto que, inicialmente, o próprio Eurípedes tinha receio em aumentar o número de participantes e liberar a cobertura da imprensa. Sendo assim, as sessões inicialmente eram para amigos íntimos e familiares que, impressionados e intrigados com o que viam, convidavam outras pessoas para participar das sessões.

2.3 Os personagens da vida da médium Anna Prado

A produção de fenômenos de rara ocorrência da doutrina espírita, fez de Anna Prado uma das médiuns de efeito físico que se tem notícia até hoje no Estado do Pará. O registro jornalístico da multiplicidade de seus poderes impressiona, bem como as fotografias registradas por amigos e familiares dos poderes apresentados pela médium como: a materialização dos espíritos e as produções de parafina nas sessões realizadas por ela.

Raymundo Nogueira de Farias, amigo íntimo dos Prado, escreveu em seu livro sobre a primeira vez que vira uma sessão na casa da médium, na noite de 28 de setembro de 1919. Além dele e da família da médium, também estavam presentes (FARIAS, 1984): “o Senador Virgílio Mendonça, Doutor Giovanni Costa, Srs. Manoel Barbosa Rodrigues, Manoel Batista, proprietário da Farmácia Beirão, professora Elisabet Hammond”. A preparação iniciou-se com a colocação de dois baldes de zinco, um com parafina líquida a ferver e outro com água, sendo examinados por todos. Em seguida, o espírito de João pediu que os baldes fossem encerrados em uma espécie de gaiola presa ao assoalho. Todo esse procedimento foi feito na frente dos que ali estavam.

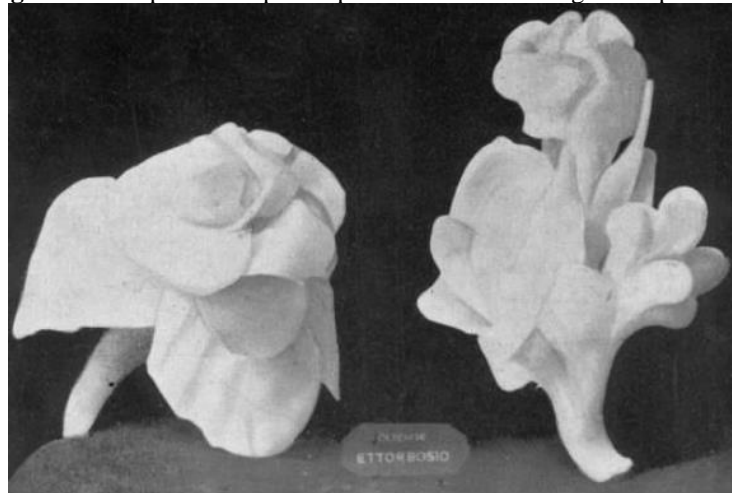
Tudo assim preparado, apagou-se a luz e, dentro de cinco minutos, via-se o primeiro núcleo branco de formação fluídica destacar-se do fundo negro, pois a parede caiada fora forrada de um pano preto. Em breve distinguia-se perfeitamente o fantasma que se debruçava sobre a grade [...]de quando em quando ouvia-se, já o cuidado da asa do balde sacudida de um lado para outro, já o da água remexida pelas mãos de alguém. Isto chamou a atenção daquele senador que, levantando-se da cadeira em que se achava, distante da gaiola um metro, se tanto, tentou aproximar-se mais ainda, de

modo a observar melhor o que se passava. Então, a voz clara do Espírito, pela médium adormecida, lhe observou: - Por que tentas perturbar o trabalho de João? Senta-te. Não viste a grade ser pregada? Findos os trabalhos, peço-te que tu mesmo a arranques. (FARIAS, 1984, p.49).

Ao fim da sessão, o balde de parafina líquida encontrava-se vazio, e no outro havia um molde de mão humana com os dedos curvados e um ramalhete de rosas.

Três espíritos foram mais recorrentes no seu período ativo no espiritismo. De acordo com Magalhães (2012), eram respectivamente: *Anita*, conhecida como *a florista*, que criava flores de parafina e oferecia aos presentes na sessão; *João*, tio materno de Anna Prado e um dos primeiros espíritos a se manifestar para a médium, e *Rachel Figner*, que criava moldes de suas mãos. A médium Anna Prado produziu inúmeras provas do que seria capaz, como as moldagens em parafina líquida aquecida em alta temperatura que os espíritos materializados realizavam ao confeccionar partes de seus corpos ou coisas que lhes agradava em vida.

Figura 3: Flor produzida pelo espírito de Anita e entregue aos presentes



Fonte: Farias, 1984, p. 163

Sobre o espírito de *João*, Nogueira de Farias (1984) explica que se tratava de Felismino de Carvalho Rebelo, um tio materno de Anna que havia falecido há 20 anos. Ele aparecia ainda com um caráter jovial, não apenas na aparência, mas no jeito, pois:

[...] a morte, simples retorno à vida normal, que é a do Espírito, não melhora, só por só, o desenvolvimento intelectual e moral do morto. O que se dá, tão somente, é que, estando livre da influência, do jugo da matéria, a alma percebe melhor, e melhor compreende os diversos problemas da vida, da evolução eterna e progressiva dos seres, no seio da Criação. (FARIAS, 1984, p.33)

Figura 4 : Felismino de Carvalho Rebelo, quando vivo



Fonte: FARIAS, 1984, p. 36

O espírito também era obstinado e teimoso, não deixando de enfrentar as dificuldades que os fenômenos apresentavam. Vindas da “hostilidade mental da maioria dos assistentes.” (FARIAS, 1984, p.34). O pensamento tem uma força muito poderosa sobre os fenômenos espíritas e psíquicos. A presença de descrentes com atenção fixa na médium “perturbam” os trabalhos, consciente ou inconscientemente, quase inutilizando as experiências.

O Espírito, no ato de agregar os fluidos que, para isso, consegue ir ‘extraindo’ da médium, recebe, como verdadeiras forças dissociativas, as vibrações mentais dos assistentes tanto mais eficazmente destruidoras do seu trabalho, quanto mais cientemente manejadas.” (FARIAS. 1984, p. 34).

Em uma sessão realizada em 15 de dezembro de 1919, o espírito de *João* teria se incomodado com esta situação e dito o seguinte: “Um de vós pensa em relação aos outros. Como são tolos! Tudo isto é o produto de forças ainda desconhecidas que agem.”. O espírito recebeu este nome por ter dado sua primeira manifestação na noite do dia 24 de junho, dia de São João. Quando se descobriu a sua identidade, Felismino de Carvalho Rebelo, todos já o conheciam por *João*, e assim continuou a ser chamado. O espírito de *João* gostava que tocassem uma valsa para ele em suas sessões de materialização. A música era executada no piano pela filha da médium.

Figura 5: O espírito de João



Fonte: FARIAS, 1984, p.37

Ettore Bósio, autor da fotografia acima, relatou em seu livro “O que eu vi” como obteve a foto:

MAGNÍFICO RETRATO DE JOÃO

No dia 5 tínhamos combinado, eu e minha esposa e conosco as filhas da médium, ir tomar passes na casa do Senhor Bastos. Na volta, entramos todos em nossa casa para conversar um pouco. Uma lembrança insistente sugeria-me telefonar à Senhora Prado, mesmo sem ter assunto a tratar, o que fiz, respondendo-me em voz agitada, ela mesma. Pedia-me que mandasse incontinenti as filhas, visto sentir-se muito mal. A ocasião não podia ser mais própria para o caso. Fomos depressa, encontrando a Senhora Prado agitada e chorando convulsivamente. Não perdi tempo; cortei o cordão que prendia a tampa dos chassis, abri-a e me coloquei no meu lugar. As filhas acompanharam-na até à sala, sentando-a na cadeira indicada pelo João.

O sinal não se fez esperar; dei a exposição necessária, obtendo um resultado esplêndido como se pode verificar pela fotografia abaixo. O motivo da comoção da médium foi ter visto o próprio filho Eratóstenes no quarto de dormir, achando-se este atualmente no Rio de Janeiro. Durante o transe continuava ela soluçando fortemente. A figura nitidíssima é do Espírito “João”, que em vida tinha o nome de Felismino de Carvalho Rebelo. Ao lado direito coloco o seu retrato quando encarnado, e junto, à esquerda, o mesmo em Espírito. E notável a clareza e nitidez da fotografia, a “pose” solene, o manto duplo, estendendo o braço esquerdo que mal se vê segurando uma parte da sua vestimenta espiritual. Na parte superior da cabeça observa-se um arco fluídico e atrás uns panos também fluídicos, envolvendo-a. Apenas uma pequena diferença entre os dois retratos: é que o espiritual tem os bigodes um pouco mais visíveis.” (BOSIO apud FARIAS, p. 38)

Outro espírito recorrente foi de Anita, que teria aparecido inesperadamente no gabinete da médium em uma noite e se identificado pelo nome, dizendo ainda ter sido florista em sua última encarnação. Dedicou-se especialmente aos trabalhos de parafina,

confeccionando flores durante as sessões. Bosio também conseguiu capturar em fotografia este espírito.

Figura 6 : Fotografia do espírito de Anita

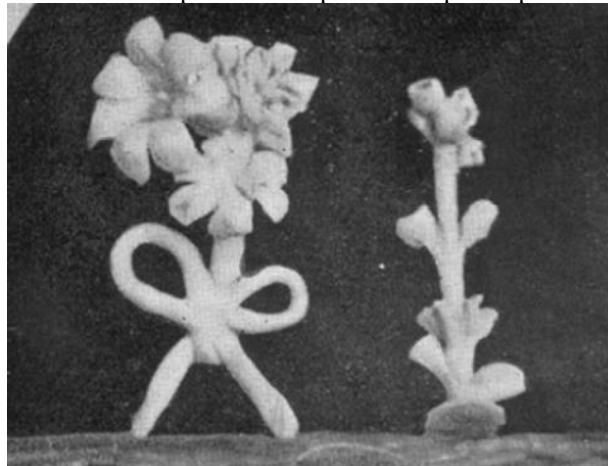


Fonte: FARIAS, 1984, p. 39.

Sobre essa fotografia Bosio afirma:

Ajoelhada e vestida de branco, em atitude de quem reza, deixa ver na cabeça uma espécie de coroa ou diadema que seja, pouco nítido. O resto é bem visível, tendo da boca para o peito um fluido branco como que escondendo uma parte da fisionomia. Os traços do rosto indicam formosura não comum. Ao lado da imagem vê-se uma planta fluídica envolvida em diversos fluidos esbranquiçados. A figura é transparente e em certos pontos, como nas mãos, distingue-se perfeitamente a armação do sofá que lhe está atrás. (FARIAS, 1984, p.40)

Figura 7 Outro exemplo de flores produzidas pelo espírito de Anita



Fonte: FARIAS, 1984, p.162

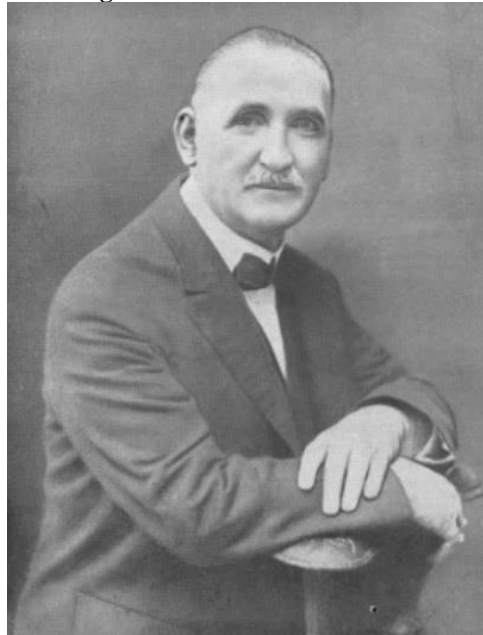
No dia 24 de junho de 1920, em uma sessão com mais de 70 pessoas na residência dos Prado, mais um espírito foi capturado em fotografia por Ettore Bosio, desta vez, parecia uma criança que foi chamada de marinheiro, em razão de suas vestes.

Figura 8 : Espírito do marinheiro



Fonte: FARIAS, 1984, p.41

Como foi possível notar, todas as fotografias advêm do mesmo fotógrafo: o Ettore Bosio. Figura constante nas sessões de Anna Prado, amigo íntimo da família, o maestro, tinha o desejo de provar a existência do mundo dos mortos e via na fotografia o melhor jeito de conseguir evidências disso. Farias (1984, p. 19), o descreve como: “grande e modesto artista, forte e excelente caráter.”

Figura 9 : Maestro Ettore Bosio

Fonte: FARIAS, 1984, p. 19

O mastro e compositor italiano Ettore Bosio (1862-1936) também foi músico, e professor, diretor do Instituto Carlos Gomes em Belém do Pará de 1929 até o ano de sua morte. O maestro nasceu na Itália, na cidade de Vicenza, interior do Vêneto, província ao nordeste do país europeu e passou a residir em Belém a partir de 1893. Sua formação em música deu-se pelo Liceu Musical de Bolonha, na Itália em 1887.

Ettore Bósio era uma pessoa de influência na elite de Belém do período republicano. O maestro estava sempre regendo concertos musicais no Theatro da Paz,⁷ ou participando de eventos culturais nos clubes privados da cidade, onde participavam grande parte da elite da capital. O maestro também teve importante participação no Instituto Carlos Gomes, existente até hoje e responsável pela formação em música de crianças e adolescentes.

Sua primeira ópera em Belém, *Duque de Vizeu*, recebeu uma indicação do próprio Carlos Gomes em carta enviada a um amigo no Rio de Janeiro.

Amigo F. Brito. O sentido destas linhas é especialmente para lhe apresentar e recomendar muito vivamente o meu jovem colega compositor E. Bosio, musicista de primeira ordem. Ele é autor de uma ópera de assunto português muito interessante: “O Duque de Vizeu”. Pelos trechos que eu ouvi desse importante trabalho ao piano, reconheci em seu egrégio autor as qualidades de operista distinto e conhecedor do melodrama moderno. Carlos Gomes. (FARIAS, 1984, p.20)

⁷Fundado em 15 de fevereiro de 1878, o Theatro da Paz foi a primeira casa da espetáculos construída na Amazônia, está localizado em Belém do Pará, e atualmente é o maior teatro da região norte, com 1.100 lugares e 130 anos de história

A ópera em questão foi toda feita e cantada em português, o que gerou uma onda de críticas negativas por alguns críticos de jornais paraenses, por ser considerado rústico e feio. Os cronistas a acusaram de ser moderna demais, e avaliaram o trabalho do maestro como de baixa qualidade.

As composições do maestro foram se regionalizando após sua residência fixa na cidade de Belém, passando a ter um olhar mais folclorista.

Isto comprova, igualmente, sua profunda inserção no meio artístico-musical de Belém, através de suas relações sociais com músicos paraenses, também em noites boêmias, em que se encontrava com violonistas, músicos com conhecimento, mas sem formação técnica. (PARACAMPO, 2018, p. 20)

Sendo ávido por novidades, e por conhecimento, Ettore Bosio passeou pela sociedade paraense e teve contato com todo o tipo de experiências que pudesse. Interessado pelo espiritismo, doutrina que estava ganhando adeptos no Brasil das primeiras décadas do século XX, teve um papel muito importante na história de Anna Prado. Sua relação com o espiritismo e com a médium foi detalhada no livro *O que eu vi* (S/N), porém, o livro completo não foi encontrado para pesquisa sendo achado apenas trechos da obra em outras fontes, como em *O trabalho dos mortos*, de Nogueira de Farias.

O espiritismo uniu duas de suas paixões, além da música: a fotografia e sua crença no pensamento científico após a morte, trazida pela doutrina. Bosio foi o principal, e praticamente único, fotógrafo a registrar as sessões com demonstrações dos poderes da médium Anna Prado. Por ser muito próximo da família Prado, o maestro sempre esteve presente nos momentos mais importantes das manifestações mediúnicas, fornecendo até mesmo a sua própria residência para as reuniões e as sessões.

Bosio foi um ferrenho defensor dos Prado, e tinha o interesse muito grande em comprovar as materializações, os poderes da médium Anna Prado e a existência da vida após a morte. Foi responsável até mesmo por levar ao conhecimento das pessoas mais conhecidas da cidade de Belém a história das sessões e a instigar o prestígio, credibilidade e, acima de tudo, popularidade a doutrina espírita. Acerca de sua relação com ao espiritismo. Bosio escreveu em seu livro, que transcrevemos aqui através de Nogueira de Farias, o seguinte:

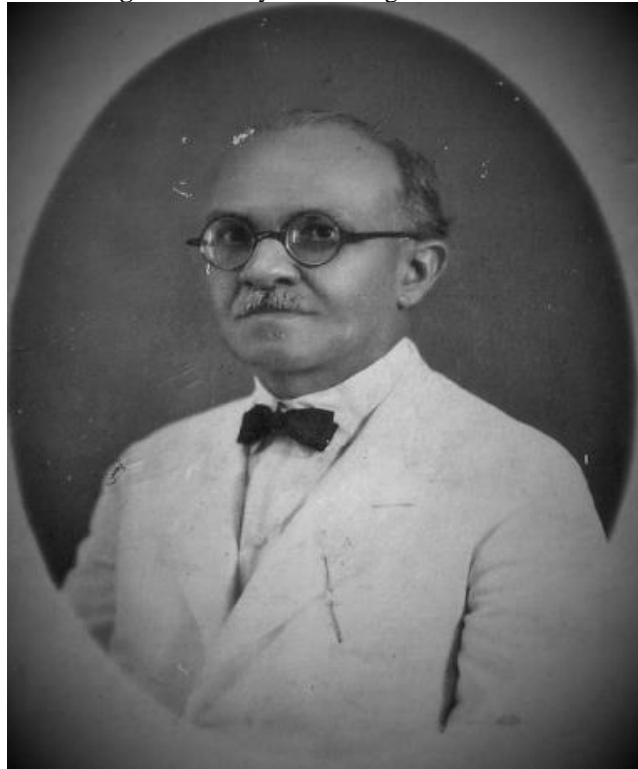
Certos pontos, apenas, chamaram-me a atenção, nesta leitura: os das manifestações dos Espíritos por meio dos médiuns. Este para mim suposto liame com os habitantes do Espaço, do mundo invisível, despertou-me, como era natural, o desejo de conhecê-lo “de visu”. De fato, na noite de 23 de fevereiro de 1920, assisti, depois de reiterados pedidos meus, na casa do 24 Senhor Eurípedes Prado, ao fenômeno espírita chamado materialização, sendo médium a sua própria esposa. A respeitabilidade da família, a sinceridade do ato, o ambiente de honestidade e de absoluto desinteresse, tudo isso me convenceu de que o fenômeno era real, e, como

tal, assombroso! Vi-me então em presença, pela primeira vez, de Espíritos materializados, demonstrando estes inteligência e vontade próprias, independentemente do pensar dos assistentes. Não havia mais dúvidas, eram eles os habitantes do Além. Procurei assisti a novas manifestações dos Espíritos para ratificar a minha opinião sobre o que tinha visto; o êxito foi completo. A alma era imortal, e, por conseguinte - Deus, Espírito Perfeitíssimo, existia! Eis como eu me tornei espírita. (BOSIO apud FARIAS, 1984, p24).

Os principais relatos sobre a história da médium Anna Prado foram feitos por Raymundo Nogueira de Farias. A nosso ver, personalidade mais importante para entender de maneira profunda não apenas quem foi a médium, mas o impacto dos seus fenômenos mediúnicos e as pessoas do seu círculo pessoal.

De acordo com informação da seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna, Nogueira de Farias (Figura 12) nasceu em 15 de outubro de 1884 e faleceu em 10 de maio de 1957. Sua formação foi em Ciências Jurídicas e Sociais, e atuou como repórter e fiscal aduaneiro do jornal *A Província do Pará*. Dentre suas outras funções estão: Secretário Geral do Estado, chefe de polícia, diretor interino da Faculdade de Direito do Estado. Presidente da Comissão mista de Conciliação do Município de Belém. Presidente do Tribunal de Justiça, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Pará na cadeira de Direito Penal.

Figura 10 : Raymundo Nogueira de Farias



Fonte: BARBOSA, 2017, p.172

Segundo Barbosa (2017), Nogueira de farias encontrou-se no espiritismo anos após a morte de sua filha, Maria Esperança, ocorrida em 1906.

Foi justamente esse giro que o fez estudar a doutrina espírita, passando a integrar grupos espíritas e a escrever obras com essa temática. Chegou a fundar seu próprio grupo, denominado "Grupo Espírita Filhos Pródigos", que se reunia nas dependências da Escola Monte'Alverne. (BARBOSA, 2017, p. 172).

O seu envolvimento na doutrina foi intenso, tornando-se em 1914 Presidente da União Espírita Paraense (UEP), que ajudou a fundar. Na década de 20, já era uma pessoa essencial para o movimento espírita kardecista na cidade. Em 1921, escreveu o livro *O Trabalho dos Mortos* nossa principal referência sobre a médium Anna Prado e utilizado até hoje por estudiosos do espiritismo e pesquisadores das religiões, sendo traduzido para vários outros idiomas e considerado um repositório sobre o assunto.

Este é um repositório de provas concretas da sobrevivência da alma, que expõe documentos divulgados na imprensa, ou registrados em atas, referentes aos fenômenos mediúnicos observados pelo Sr. Eurípedes Prado, obtidos graças à mediunidade de sua esposa Sra. Ana Prado. Reunindo preciosa documentação e cerca de 50 ilustrações, o autor imprimiu aos seus relatos a seriedade e o vigor científicos, tecendo-os, entretanto, numa linguagem descritiva e acessível a todos. A obra apresenta admiráveis sessões de materialização de Espíritos recém desencanados, registrados pela fotografia e pela moldagem de membros em cera. Contém, ainda, depoimentos de pessoas reconfortadas pelo reencontro com seus entes queridos, já habitantes do plano espiritual. Este trabalho tem como objetivo oferecer elementos de estudos à Ciência, além de levar conforto aos que sofrem e esperança aos que não crêem na imortalidade. (FARIAS, 1984, p.2).

Raymundo de Farias enxergava o espiritismo como pensamentos que iam além do sentido puro religioso, entrando também no campo da filosofia e do psiquismo experimental, como ele mesmo afirma em seu livro.

De acordo com Barbosa (2017, p.61), *O Trabalho dos mortos*⁸ recebeu o título alternativo "O livro de João", porque uma das primeiras materializações foi do espírito de Felismino de Carvalho, tio da médium Anna Prado. No entanto, como já explicamos, ele não foi imediatamente identificado e seu aparecimento se deu em 24 de junho, dia de São João, quando ficou conhecido como "João", nome que se popularizou rapidamente. Assim mesmo, depois de denominado "O Trabalho dos Mortos", o livro continuou sendo chamado de "O Livro de João".

Em sua atuação em prol do espiritismo em Belém fundou a *Revista Espírita* em 1912, onde também atuou como jornalista, e teve importante papel na divulgação da União Espírita

⁸ O nome do livro de Farias nos remete ao O Livro dos Mortos, do antigo Egito, no qual continham principalmente preceitos mágicos e ladainhas que versavam sobre o destino dos que morreram.

Paraense. A revista foi importante para articular os recursos necessários para a compra da sede da União Espírita Paraense UEP.

A Revista Espírita, que informou desde o início a marcha das iniciativas visando a aquisição do prédio da União, e que lhe deu valiosíssimo apoio, noticiando com detalhes os acontecimentos a ele relacionados, publicou, mês a mês, nominalmente, a relação das contribuições que iam sendo recolhidas, permitindo aos colaboradores e aos leitores em geral acompanhar a movimentação financeira e o esforço daqueles que estavam à frente da luta. Essa espécie de prestação de contas ajudava a alimentar o interesse e o entusiasmo de todos, traduzindo-se no empenho e até no sacrifício para não faltarem com sua parte. (SANTANA, 2006, p.70).

Em seu tempo atuante no espiritismo escreveu mais dois livros: *A Caminho da nova era* (1938), e *O socorro que o céu me enviou* (1944). O primeiro, impresso no Instituto Lauro Sodré e subvencionada pelo poder público, contém 6 capítulos no qual cada um aborda um aspecto da doutrina espírita de forma a demonstrar como o kardecismo e a ciência estão ligados. No segundo livro, Farias relata sobre a experiência da perda de três filhos seus.

Já citamos o maestro Ettore Bosio, um dos principais participantes das sessões e fotógrafo oficial dos fenômenos, mas vários foram os assistentes que estiveram presentes nas sessões da médium Anna Prado no período de sua atuação. Não há como fornecer um número exato de pessoas, pois, nem todas as sessões foram documentadas, mas podemos fazer uma menção de relatos importantes que foram destacadas por Nogueira de Farias de pessoas que assistiram aos fenômenos mediúnicos produzidos pela médium. Em seu livro Farias (1984, p.26) nomeia muitas pessoas consideradas relevantes e importantes para o estado Pará que se fizeram presentes nas sessões. O autor justifica que

Esta citação pessoal de nomes tem por intuito dizer aos que nos lêem que não foram ignorantes nem imbecis aqueles que freqüentaram as sessões Prado. Observaram e verificaram o fenômeno. Não modificaram, por isso, suas ideias. Atribuíram-no, em grande maioria, a outras causas, menos à fraude.

Lauro Sodré, ex-governador do estado do Pará, no período de 1891 a 1897 e 1912 a 1917, por exemplo, afirmou a Nogueira de Farias ao sair de uma sessão que não via fraudes ali, mas também não saberia explicar o que acabara de experimentar. Em suas palavras “Não creio que haja aí uma intervenção de almas. São, a meu ver, forças ainda desconhecidas. Mas o que repilo, pelos meus sentimentos de justiça, é a ideia da fraude.” (SODRÉ, apud FARIAS, 1984, p.26).

Outra pessoa citada no livro de Farias foi o doutor Ferreira Lemos, cuja identidade não achamos com mais detalhes em nenhuma fonte pesquisada. Nogueira de Farias diz que “o oculista de fama” assistiu a 4 ou 5 sessões observando sempre friamente o fenômeno, aparentando quase indiferença, dispensando, por vezes, lugar na primeira fila dos assistentes.

Nogueira de Farias relata que, por trás de toda a frieza, notava o médico com intensa curiosidade acerca dos mistérios que ali o cercavam. Antes de as sessões iniciarem, as vezes passeava pela sala em busca de alçapões ou molas, mas nunca atribuiu fraude a nenhum dos fenômenos.

Quase sempre, terminados os trabalhos, quando havia experiência em parafina, S.S.^a, como por distração, entretinha-se a fazer luvas de cera, reproduzindo o processo do Espírito pondo a mão nua no balde de parafina derretida, retirando-a para o de água fria, até que, obtida a luva, tentava retirar a mão sem inutilizar-lhe o punho, o que não conseguiu nunca. Será ocioso lembrar que, quando o ilustre médico efetuava essas experiências, já a parafina estava resfriada, acusando temperatura facilmente suportável. Ainda hoje, estamos persuadidos de que S.S.^a não se arriscaria a tentá-las no início das sessões, quando a parafina fervia, à nossa vista, no balde sobre o fogo, inteiramente liquefeita por uns cem graus de calor... (FARIAS, 1984, p.28)

Em ano não especificado por Farias, outro relato interessante veio de Virgílio de Mendonça, médico clínico em Belém e intendente do Estado do Pará⁹, com estudos no hipnotismo e entusiasta sobre justificativas ou origens das manifestações da médium. O médico foi um dos rubricadores de chapas fotográficas de Ettore Bosio que capturaram espíritos materializados, sendo sempre muito respeitoso com os Prado, revelando suas dúvidas sem exceder-se e confessando com franqueza a Nogueira de Farias (1984) as dificuldades da ciência oficial para explicar o caso.

Médico, particularmente apaixonado pelos estudos hipnóticos, sobre os quais versou a sua bela tese, S. Ex. vem acompanhando tais fenômenos com a imparcialidade, o sangue frio, a discrição do homem de Ciência. E ainda bem que assim é, porque, sendo quem é, o Doutor Virgílio Mendonça, ninguém terá o direito de, por muito que seja homem de má fé, pôr em dúvida a sinceridade de S. Ex., que interesse algum tem em semelhantes casos, a não ser o da Ciência.
(FARIAS, 1984, p.58)

Como já pontuamos, o papel da imprensa da época é importante para termos o conhecimento que temos hoje sobre as sessões espíritas da médium Anna Prado realizadas em Belém. A diversificação do uso de materiais para pesquisa, como a imprensa, mesmo que seja fragmentada, proporciona a compreensão de facetas anônimas de uma sociedade, de personagens desconhecidos, de seus costumes, suas ideias, sua cultura, sua economia, questões políticas, e seu vocabulário. A imprensa também define papéis sociais, mobiliza opiniões, expande discussões, fomentam ideias, valores, comportamentos, mas principalmente informa, registra e participa, mesmo com as suas peculiaridades, da história e do que acontece cotidianamente em uma sociedade.

⁹ Atuou como 1º secretário de Antônio Lemos em 1897. Foi Intendente da prefeitura de Belém de 1912 a 1913. Entrou no Exercício do cargo visto ter sido eleito vice-presidente para o período imediato. Assumiu em 31 de maio de 1912 e em 30 de janeiro de 1913 renunciou ao cargo.

A mudança de pensamento e aceitação da utilização dos jornais como fontes de pesquisas de acordo com Peter Burke (1992), estampa que os historiadores atuais estão mais empenhados em buscar uma variedade maior de evidências das atividades humanas, buscando explorar um diálogo com outras disciplinas das ciências humanas e transformando a imprensa em importante fonte de pesquisa.

Para Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007), o jornalismo costumeiramente aparece nas pesquisas como fonte subsidiária de informações, deslocando as matérias para a produção de uma narrativa sobre como ocorre algo, as autoras exemplificam com notícias sobre greves ou movimentos sociais no período da ditadura,

Via de regra, o que prevalece é uma pesquisa sobre o assunto em pauta, na qual artigos e seções identificados são imediatamente deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.256)

As autoras afirmam que ao se deparar com o objeto de pesquisa jornalístico o estudioso deve entender que sua postura precisa ser crítica, refletindo e entendendo o papel da imprensa como força ativa na história, como uma prática constituinte da realidade social, e na vida moderna, não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas, “muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica.”

Para mostrar a força da intervenção da imprensa nas diferentes esferas da vida social, política e cultural as autoras exemplificam a abrangência do campo de ação da imprensa da seguinte maneira,

No fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; Na articulação, divulgação e disseminação de projetos, idéias, valores, comportamentos, etc.; Na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; No alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade; Na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo; Na formação do consumidor, , funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259)

Em maio de 1921, a médium foi procurada por Frederico e Esther Figner, vindos do Rio de Janeiro para falar especialmente com Anna Prado. Atraídos pelas notícias dos fenômenos espíritas e materialização publicadas nos jornais, procuraram a médium para sanar um pouco da dor que sentiam, pois, sua filha de 21 anos havia falecido um ano antes. De

acordo com *A História do Espiritismo no Pará*, Frederico Figner, era um rico comerciante carioca, proprietário da famosa “Casa Edson”¹⁰

Anna Prado materializou Raquel mais de uma vez em sessões nos dias 1, 2, 4, e 6 de maio. Em agradecimento, os Figner doaram uma generosa quantia para a União Espírita Paraense para a compra da atual sede, na rua Oswaldo Cruz, número 45, bairro da Campina.

A vinda a Belém de Frederico Figner, nos últimos dias de abril de 1921 cuja estada se estendeu pelo mês seguinte, foi providencial. Com sua convivência nos meios espíritas, durante o tempo que aqui permaneceu, teve a oportunidade de sentir a imperiosa necessidade de se dotar a União Espírita Paraense de sede própria para desenvolver suas atividades. Manifestou, então, o interesse em colaborar para que se concretizasse esse anseio da família espírita do Pará. (SANTANA; PONTES; BARBOSA, 2006, p.67)

Anna Prado faleceu, aos 39 anos, precocemente em razão de um acidente doméstico com o fogão a álcool que utilizava na sua casa em 23 de abril de 1923. Sofrendo terríveis queimaduras e profundas lesões que mesmo com cuidados médicos de Camilo Salgado quase que instantâneos ao acidente, não resistiu e faleceu na manhã do dia seguinte. (MAGALHÃES, 2012). *A Província do Pará* em 24 de abril relatou a morte da médium em *Um doloroso infortúnio*, onde também noticiaram que o corpo fora sepultado as 9h no cemitério de Santa Izabel.

Nesta matéria sobre o seu falecimento, somos informados que ao acender o fogão a álcool para esquentar um leite, a senhora Prado foi atingida por uma explosão que a queimou de forma extremamente agressiva. Após os gritos de socorro, os filhos da médium jogaram água para apagar o fogo e chamaram com pressa o médico Dr. Camillo Salgado. Curativos foram feitos, e a senhora foi deixada bem, apenas com dores no corpo decorrentes das queimaduras. De acordo com a notícia, a médium conversava com os filhos de maneira bastante ativa, e encontrava-se esperta. No dia seguinte, porém, a médium faleceu.

Eurípedes não se encontrava na cidade, mas veio correndo para acudir a esposa. Quando chegou na capital, ela já estava sem vida e o comerciante foi amparado pela família e amigos. Na notícia, fica claro como a senhora Prado era uma mulher conhecida, e que a sua morte abalou demais as pessoas de seu ciclo.

Figura 11: Um doloroso infortúnio

¹⁰ Foi a primeira casa gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900 por Frederico Figner no **Rio de Janeiro** na Rua do Ouvidor, 107.

Um doloroso infortunio

Queimaduras fataes Ao aquecer o leite encontra a morte

Uma triste noticia abalou profundamente, hontem, o sentimento da sociedade belemense: o fallecimento da senhora Anna Rebello Prado, virtuosa consorte do sr. Euripedes de Albuquerque Prado, concei usado commerciante de nossa praça.

E o que mais causou dor foi a maneira brutal por que essa distinta senhora se viu arrancada ao seio venturosa dos seus.

Estava ella, ante-hontem, pelas 19,30 horas, a aquecer um pouco de leite em um fogareiro a alcool, quando aconteceu a lamparina deste perigoso inflammavel explodir, lançado sobre as vestes da inditosa senhora todo o seu contido, em virtude do que ella recebeu grandes queimaduras no thorax e sobre os rins.

A senhora Prado, vendo o perigo em que estava, correu á sala de jantar, aos gritos, sendo soccorrida pelas pessoas da casa, tendo um seu filho lançado mão de um jarro de agua e a molhado, assim conseguindo extinguir o fogo.

Chamado ás pressas o dr. Camillo Salgado, este humanitario facultativo não se fez esperar, não tendo, porém, dado esperanças á familia da desventurada senhora, em face de constatar tratar-se de queimaduras do 3º grau.

Contudo, com a sollicitude que lhe é propria, o dr. Camillo applicou-lhe os curativos necessarios, tendo, ao retirar-se, deixado a enferma em alguma calma.

O resto da noite passou a senhora Prado mais ou menos tranquilla, dizendo sentir apenas as dores das queimaduras, conversando, porém bem, com suas filhas, aos cuidados de quem estava, pois seu esposo encontrava-se, a negocio, na villa de Igarapé-assú.

As 7,30 horas de hoje foi passado um telegramma áquella cavalheiro, no qual lhe era dito que viesse immediatamente em vista de sua esposa encontrar-se doente, sem, entretanto, lhe ser dada sciencia do facto, porque os seus filhos temiam que lhe occasionasse um forte abalo, em vista do seu estado de grande nervoso.

A noticia, porém, chegou áquella villa no momento em que, nesta capital, se dava no contristador passamento da senhora Prado.

O sr. Euripedes Prado, ao passar o trem do horario de Bragança pela localidade em que se achava, embarcou para Belem, vindo ter sciencia do que se passara na estação de S. Braz.

Dizer o modo por que foi recebido a infausta nova é materia difficil, pois só quem tiver um coração sumamente bom poderá comprehendê-lo, pois de todos é sabida a paz e a alegria que reinavam n'aquelle lar tão venturoso, outr'ora, e hoje em completo lucto pela separação de um dos entes que o fazia feliz.

O sr. Euripedes Prado foi conduzido á sua residencia por diversos amigos, conservando-se até tarde numa grande agitação nervosa, profundamente abalado pelo golpe terrivel que lhe contristou o coração de carinhoso esposo, se bem que se via confortado pelas palavras carinhosas de sua extremecida filha, senhorita Eurides, que, acceitando a fatalidade como uma escriptura provida dos ceus, a tudo affeita, dirigis, com uma calma invejavel e incommum na mulher, palavras de consolo a seu pae, que não podia acreditar tão desastrosado fim.

Mas, infelizmente, é lei do mundo a que não podemos fugir e o sr. Prado, pensando nos filhos queridos que lhe ficavam aos cuidados, teve, a pouco e pouco, de se conformar

com a dura realidade, aceitando, embora com sacrificios, a dolorosa separação.

A senhora Anna Rebello Prado, que era amazonense, de 39 annos, deixa os seguintes filhos: senhoritas Eurides e Antonina de Albuquerque Prado, pharmaceuticas. Erasthenes e Dinamerico de Albuquerque, aquelle de 19 e este de 12 annos de idade.

Era a extincta, irmã do dr. Francisco Maximiano Rebello.

Os seus fueraes, que estão a cargo do armador Lamarão, realizar-se-ão hoje, ás 9 horas, sahindo os despojos da casa em que se deu o obito, á avenida Conselheiro Furtado, 38, para a necropole de Santa Izabel.

Não ha convites especiaes.

Fonte: A província do Pará, 23.05.1923, p.2

A Belém na qual a médium Anna Prado viveu e os fatos relacionados a sua mediunidade são facetas de uma cidade “moderna” em plena Amazônia no alvorecer do século XX, cenas do cotidiano da época as quais o jornalismo se propôs a trazer para o deleite e a informação dos leitores e que, muitas vezes, veem acompanhadas de personagens e acontecimentos desconhecidos para alguns e até mesmo de fora do mundo dos vivos, como veremos no próximo capítulo.

3 CAPÍTULO 2 – ANNA PRADO: A MÉDIUM.

3.1 Anna e os fatos

Luiz Gonzaga Motta, em sua obra *Notícias do Fantástico (2006)*, explica que o fantástico pode ser uma experiência estética ou emocional que se manifesta por meio de um estado de espanto ou assombro frente a um fato ou ao relato de um fato inverossímil (insólito), que rompe com o universo ordenado e familiar, que mexa com seu mundo físico e sua estabilidade.

No ato de comunicação jornalística os elementos de estética fantástica aparecem para causar estados de ânimos, efeitos cognitivos, no leitor, sujeito interpretante, que de maneira extralinguística pode enxergar ali muito além do que se relata de maneira explícita na matéria jornalística publicada nas páginas dos jornais.

Para Motta (2006, p. 49), a linguagem jornalística, por ser uma linguagem dramática feita para contar um fato, está sempre descrevendo uma objetividade concreta por um lado, e por outro está cheia de relações implícitas sugerindo subjetividade e conduzindo o leitor a ambíguos entendimentos do real. O jornalismo permite implícita ou explicitamente que o fantástico venha habitar de maneira contraditória seus enunciados, e estimula os leitores a interpretar muito além do sentido informativo pretendido.

Motta (2006, p. 56) considera que as manifestações fantásticas são quase impossíveis de terem uma definição e conceito preciso, distinto e claro, por participarem das experiências mais subjetivas e intersubjetivas de um indivíduo ou da sociedade, dos fenômenos sensitivos e emocionais da vida. Para o autor, a linguagem é uma estrutura racional que ordena a realidade e o fantástico é seu contrário, é uma manifestação de algo considerado irreal e que não pertence ao mundo familiar.

A natureza subjetiva do fantástico o torna um fenômeno de difícil compreensão. Estudar sua estética e presença no jornalismo requer que iniciemos esta trajetória através de sua conceituação na literatura. Não encontraremos o fantástico no jornalismo na mesma intensidade e densidade que na sua presença na literatura ou no cinema, mas é preciso explorar sua manifestação literária para então refletir sobre suas dimensões no ato comunicativo.

Os elementos estéticos da literatura fantástica podem ser encontrados nos relatos jornalísticos, como os da médium Anna Prado, e permitem com que se possa explorar o

insólito como valor notícia. Motta (2006, p.82), esclarece a aproximação dos dois partindo de que ambos são escrituras, ambos são relatos, podem trabalhar com o inverossímil, necessitam de envolvimento do leitor, e com isso a linguagem literária pode servir de padrão para se entender o que é fantástico, sobrenatural, horror e medo e como essas características aparecem na linguagem textual da notícia.

De maneira simplificada, a manifestação do fantástico na notícia ocorre quando se busca informar sobre algo e utiliza-se de explicações, motivos, personagens e situações sobrenaturais. As matérias sobre Anna Prado, por exemplo, trazem consigo uma carga forte de “ecos do além”, pois, mexem com tudo que desafia a ciência e a racionalidade, tratando-se, portanto, do sobrenatural.

De acordo com Samuel Magalhães (2012), a imprensa impulsionou o conhecimento dos fenômenos da médium Anna Prado às pessoas a partir de 1918, e o que a médium realizava havia se tornado tema preferencial das rodas de conversa da sociedade paraense. Todos estavam curiosos para entender melhor sobre esta nova vertente religiosa, e principalmente quem era essa mulher que falava com os mortos.

A comunicação com os mortos é um dos princípios básicos do espiritismo. Nas palavras do próprio Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*:

Esses fenômenos não são mais sobrenaturais que todos os fenômenos aos quais a Ciência hoje dá a solução, e que pareceram maravilhosos numa outra época. Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, são a consequência de leis gerais e nos revelam um dos poderes da Natureza, poder desconhecido, ou dizendo melhor, incompreendido até aqui, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas”. (KARDEC, 2013 p. 462).

Dentre as inúmeras notícias que os jornais *Folha do Norte*, *A Provincia do Pará*, e *o Estado do Pará* publicavam diariamente, em especial, no período entre 1918 e 1921, as matérias que faziam referência a médium Anna Prado, iam de encontro com o pensamento científico que se alastrava no início do século XX e com as crenças e os pensamentos da religião católica. Havia outros jornais que abordaram esse fato, e destacaremos brevemente o *Jornal da Tarde*¹¹, cujas informações são escassas, e que não foi encontrado no setor de microfilmagem, mas foi muito citado por Nogueira de Farias em seu livro, contendo relatos interessantíssimos sobre as sessões da médium. Pouco informação encontramos sobre o jornal, somente uma citação na qual Farias afirma que os jornalistas do noticiário estavam sempre presentes nas sessões.

¹¹ Jornal de publicação diária, redigido por Domingos Olympio e depois por Vicente Carmino Leal. Propriedade de Antônio Frutuoso da Costa e Cia., era impresso na tipografia da Rua S. Vicente, n. 3.

A escolha das matérias e das notícias dos fenômenos fantásticos realizados pela médium Anna Prado eram, na maioria das vezes, destaque nas páginas dos jornais, durante os primeiros anos de manifestação espírita dela, entre 1918 e 1920. Por meio de nossa pesquisa fomos percebendo que, com o avanço do tempo, deixaram de ser novidade, sendo assim, sumindo dos jornais.

O alcance da imprensa nos primeiros anos da década de 20 era limitado, de acordo com o Recenseamento de 1920, havia em Belém cerca de 236.402 habitantes, sendo 115.254 das pessoas que sabem ler e escrever e 121.148 dos que não possuem nenhum dos dois. Por isso, a transmissão de informação oral e principalmente a existência de fotografias no jornal, mesmo que de forma limitada, era importantíssima para a circulação das notícias dos fenômenos espíritos produzidos pela médium. Ouvir ou ler sobre as sessões poderia ser assustador para alguns, mas ver tinha um impacto emocional muito maior, além da possibilidade de persuasão de opiniões sobre os fenômenos de maneira bem mais efetiva do que apenas nas matérias jornalísticas.

Figura 12: Manchete fantástica da Folha do Norte “Uma fotografia transcendental”



Fonte: Folha do norte, 20 de maio de 1920, p.1

De acordo com os relatos nas mais de 18 matérias jornalísticas pesquisadas e de estudo Samuel Magalhães (2012) sobre a biografia da médium Anna Prado, ela manifestava principalmente os fenômenos de levitação, tiptologia, escrita direta e materialização de espíritos.

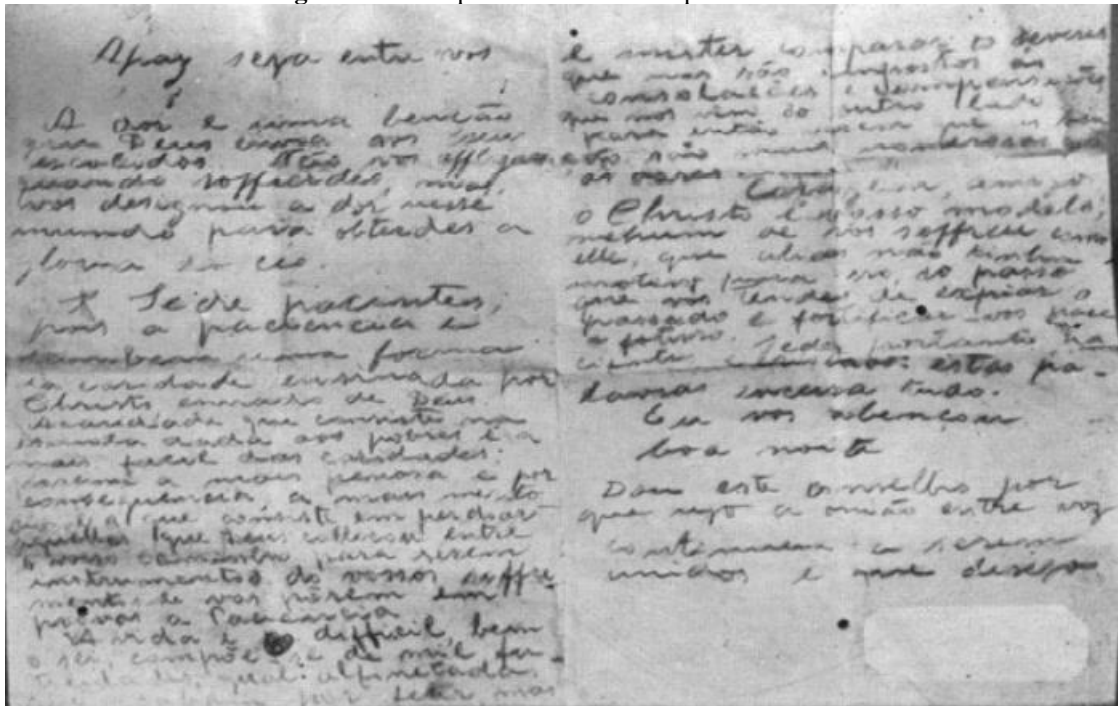
Tiptologia é a comunicação de espíritos através de batidas, esse diálogo é realizado geralmente através de mesas girantes. A Levitação ocorre quando o médium desafia as leis da gravidade ao flutuar acima do chão. Este aspecto é considerado difícil de realizar-se, sendo poucos médiuns que conseguem fazê-lo. Na escrita direta, o espírito utiliza-se de papel e caneta, ou outro apetrecho utilizado para a escrita, e faz seu relato sem ajuda da médium.

Em relação a escrita direta, Nogueira de Farias exemplifica, em data não especificada, uma sessão na qual este fenômeno ocorreu. Eurípedes Prado havia viajado ao Rio de Janeiro em busca de matricular o filho mais velho em uma escola na cidade, mas consentiu que os experimentos espíritas continuassem ocorrendo de forma reservada, sem alarde e materializações. Farias (1984) descreve que, em uma determinada noite, em busca de comunicar-se com habitantes do além na residência dos Bosio, a sessão iniciou-se na mais completa escuridão, e foi posto debaixo da mesa um caderno com lápis para facilitar a comunicação com o espírito.

Concentramo-nos, cada qual orando mentalmente. Pouco depois, “João” disse à médium, pelo sentido auditivo: - “Está pronto o primeiro ditado. Há outro irmão que se quer comunicar.” Poucos minutos depois, continuou: - “Este sim, que escreve bem, com pontos e vírgulas.” (FARIAS, 1984, p.181)

Depois de um tempo, as luzes foram acessas e encontrou-se uma comunicação dirigida a esposa de Ettore Bosio e assinada por “Guilherme”. O espírito foi reconhecido pelo casal Bosio como o irmão mais velho do maestro, desencarnado há 6 anos e cujo último contato físico com o casal ocorrera em 1912, em viagem para a Itália. O assunto da comunicação referida “liga-se a um fato acontecido naquela época, por nós completamente esquecido e ora recordado pelo Espírito” (FARIAS, 1984, p.181).

Figura 13: Exemplo de Escrita Direta por Anna Prado



Fonte: FARIAS, 1985, p.182

A médium Anna Prado permitia que “médicos do além” se materializassem por meio de seus poderes, e realizassem intervenções cirúrgicas, sem o uso de anestésicos, em doentes e enfermos. O curioso destes casos, é que os pacientes afirmavam não sentir nenhuma dor durante o procedimento, apenas um leve incômodo.

Uma matéria sobre este tipo de intervenção pela médium Anna Prado foi publicada em 1922, no “Jornal do comércio”¹², de Manaus no Amazonas, em 22 de maio de 1921. Na matéria em questão, conta-se que Eurípedes Prado realizou em Parintins uma sessão para demonstrar “às pessoas em evidência na sociedade Parintinense que é um fato a revelação dos Espíritos e a 185 proficiência destes na cura de certas moléstias que afetam a vida da Humanidade”. A sessão estava lotada, e seriam dois os operados, Dona Nicota Prado, parentesco desconhecido, que se encontrava com um abscesso na boca e um médico chamado Alexandre de Carvalho Leal, com constantes dores de garganta.

Ai, no decurso de quarenta e cinco minutos, praticou a operação, ouvindo-se nesse intervalo um como rumor de pinças a tocar nos dentes da operada. De vez em quando, D. Nicota Prado soltava gemidos abafados, mas sempre imóvel e hirta como uma pessoa atacada de catalepsia (FARIAS, 1984, p.186).

¹² Não encontramos a matéria original, por se tratar de um jornal de Manaus. O relato que utilizamos e temos é apenas o de Farias.

Conforme o relato, após o ato operatório, a médium explicou o procedimento, os espíritos se despediram e as luzes da sala foram acessas. Os operados melhoraram de suas dores, e não apresentaram reação durante o procedimento.

A produção de fluidos ectoplásmicos pela médium (Figura 12), de acordo com registros, lhe permitia materializar mais de uma materialização de mais de um espírito ao mesmo tempo. E como já foi dito anteriormente, os fenômenos que ocorriam na casa dos Prado atraíam curiosos, personalidades políticas do Estado, e principalmente a imprensa na capital paraense. Suas atividades mediúnicas eram tão interessantes e curiosas que chegaram a renomados periódicos espíritas europeus, como *Revue Spirite*, *Psychische studien* e o *Metapsychique internacional*, e foram durante os anos de 1918 a 1922 manchetes nos três principais jornais que circulavam a época na cidade de Belém: *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará*.

Figura 14: Anna em transe produzindo ectoplasma



Fonte: MAGALHÃES, 2012, p.114

A materialização consiste na produção de objetos de parafina líquida pelos espíritos e de fluido espiritual, conhecido como ectoplasma. (MAGALHÃES, 2012, p.111). Sua

materialização era tão forte, que permitia com que os espíritos ficassem um longo tempo na produção dos objetos de parafina, fazendo mãos, pés, flores e outros. Esse último foi o fenômeno mediúnico de Anna Prado mais divulgado pela imprensa, que também realizava cirurgias “do além”.

Figura 15: Anna materializando espírito



Fonte: FARIAS, 1984, p.192

A primeira matéria que encontramos nos jornais sobre a médium em Belém mostra sobre esse poder da matrerealização e foi publicada pelo *Folha do Norte*, em 16 de novembro de 1918, com o título de “Sessões espíritas”. Nela, um articulista chamado José de Carvalho descreve que aconteceu ali sob a sua ótica, sendo sua primeira vez como participante da sessão. Neste relato, é interessante notar como o jornalista detalha a organização das cadeiras dos participantes, e a saída de fluido ectoplásmico da médium:

Numa pequena sala são colocadas algumas ordens de cadeira em que todos se assentam, em frente a um pano preto, em quadro, formando um fundo. Junto a uma pequena mesa redonda de três pés, senta-se a médium, que é a senhora do senhor Eurípedes Prado. [...] Depois de alguns minutos as vezes meia hora seguramente: quando no lugar em que esta médium começa a se divisar uma pequena mancha branca. Esta mancha vae aumentando, tornando-se gradativamente accentuada e por fim se desenvolve um vulto. É um vulto como que luminoso, ou phosphorecente.

Abre distintamente os braços, gesticula, ainda, levanta a uma altura regular a mesa de três pés, que pesa alguns kilos, distribui flores e folhas de begônia: deixa uma tabua polvilhada as impressões de um pé ou uma mão, e por fim desaparece acenando, em despedida com um lenço branco;[...] A senhora, a médium, jaz adormecida. (CARVALHO, Folha do Norte, *Sessões espíritas*. Belém, 16 de nov. 1918, p.1).

Este relato nos permite tentar visualizar como as sessões ocorriam, e como a médium continuava adormecida do começo ao fim do fenômeno, possibilitando que os seres materializados tivessem liberdade para realizar os seus feitos. De acordo com a historiadora Sheila Evangelista (2012, p. 23) Anna Prado estava harmonizada com o mundo dos espíritos, vivendo entre o mundo material e/ou tangível e o mundo imaterial e/ou espiritual, que se tornava acessível em razão de seus poderes.

A observação atenta do articulista José de Carvalho rendeu uma matéria descritiva e objetiva, buscando apenas narrar o ocorrido sem qualquer tipo de juízo, ou descrédito, aos fenômenos espíritas presenciados. Procurou caracterizar o que vivenciou para permitir ao leitor reconstruir aquela cena conforme fluísse sua leitura, contando ou narrando uma história e não apenas transformando um relato em notícia.

Sendo esse um dos primeiros relatos, é importante destacar mais uma vez que Eurípedes Prado nunca quis provar nada a ninguém, e não cobrava pelas sessões. A ideia de ter convidados, e principalmente jornalistas, veio após insistência dos amigos, como Ettore Bosio e Nogueira de Farias.

A princípio, havia pouquíssimos convidados, sendo estes a maior parte do próprio ciclo da família Prado, sem a presença de pessoas de fora deste ciclo. Os relatos dos poderes de Anna Prado foram se espalhando, e os pedidos para assistir as sessões aumentavam cada dia mais, até que a imprensa também foi liberada para estar em algumas sessões. De acordo com Evangelista (2012), a presença de pessoas com um capital mais elevado dava credibilidade e aceitabilidade aos fenômenos do espiritismo que aconteciam na casa dos Prado, e ajudava na afirmação na cidade de Belém da doutrina como nova vertente religiosa.

Em 9 de dezembro de 1919, o *Jornal da Tarde* publicou um relato bastante interessante sobre uma sessão na casa dos Prado, onde ocorreu a materialização de João, que de forma ativa, brincou e se comunicou com todos os presentes de forma curiosa.

[...] Às 8 horas da noite, começou a sessão, tendo ficado a médium no meio do círculo formado pelos assistentes. Feita a obscuridade, o Espírito determinou fossem buscar as flores deixadas na varanda e que as distribuíssem pelos assistentes. Estes repararam na espécie de flores que lhes coube. Apagaram-se as luzes. Logo, como que uma brisa bem acentuada acariciou o rosto de todos. Era o sinal de que os fenômenos começavam. Com efeito, daí a segundos sentimos a mão de alguém -

mão fina, mas evidentemente masculina - tocar nas nossas como que tateantes e quase simultaneamente anunciaram igual contacto os Srs. Eurípedes Prado, Doutor Amazonas de Figueiredo, minha esposa, professora Elisabet e, finalmente, a assistência inteira, com exceção da Senhora Amazonas de Figueiredo, Assunção Santiago e professor Sílvio Nascimento. A seguir produziu o Espírito, que se dá pelo nome de João, uma série interessantíssima de fenômenos, entre os quais, num resumo, destacaremos os seguintes: troca de flores entre os assistentes, sentindo-se bem distintamente as mãos que retiravam e devolviam as flores, sendo de notar que os ramos dos Srs. Amazonas de Figueiredo, Santiago e o nosso, foram entregues às nossas respectivas esposas e vice-versa, sem equívoco algum. A retirada de um lenço do bolso do Senhor Doutor Amazonas de Figueiredo e sua imediata restituição, num trançado de forma semelhante a uma pêra; os lenços do Senhor Manoel Barbosa Rodrigues foram transformados em pequenas e interessantes estatuetas, de difícil formato. A troca de anéis: a aliança de minha esposa foi-me entregue e em troca levaram-lhe a que me pertence. O próprio Espírito no-las tirou e enfiou nos dedos. O anel do Senhor Doutor Virgílio foi-nos trazido. A professora Elisabet o Espírito retirou do colo a gravata e a bolsa, tendo dado esta ao senador Virgílio de Mendonça e aquela ao Senhor Barbosa Rodrigues, que teve também a sua aliança oferecida a um dos assistentes. Ao Doutor Amazonas o Espírito tentou arrancar a gravata e como o laço desta estivesse bastante apertado, limitou-se a tirá-la de sob o colete. Minha esposa ainda ficou por instantes sem um dos sapatos, que nos trouxeram. João também lhe retirou o leque e pôs-se a vibrá-lo demoradamente, no ar, percorrendo o círculo inteiro, ora elevando-o bastante alto, ora aproximando-o do rosto dos presentes.

Mais alguns detalhes dessa noite foram relatados por Nogueira de Farias, como por exemplo, o fato de a esposa do doutor Amazonas – não há menção ao nome da senhora – estar assustada e receosa com a aproximação de João. Este, por sua vez, pressentindo este sentimento não mexeu com a senhora de início, até que a própria demonstrou menos medo e foi surpreendida com o espírito puxando seu leque. Outra Senhora, chamada apenas de Santiago, também teve o leque retirado de suas mãos pelo espírito de João, que de forma delicada lhe demonstrou simpatia e afeto.

Mas, ao retirá-lo das mãos da Senhora Amazonas, fê-lo tão delicadamente, que esta quase não sentiu contacto algum. [...] A Senhora Santiago, meio assustada ao começo, também teve entre as suas a mão veludosa de João, que lhe demonstrou simpatia e afeto.” (FARIAS, 1984, p.52).

A sessão ainda serviu, segundo Faria, para mostrar como os espíritos materializados possuíam uma inteligência muito aguçada, não apenas por se expressar de maneira eloquente, mas por compreender que sua presença ali poderia assustar, ou deixar algumas pessoas desconfortáveis. Outro fato interessante, que não consta nas matérias jornalísticas, é que se alguém durante as sessões produzisse qualquer ruído, o espírito de João logo indicava quem era, dessa forma, evitava equívocos e mentiras para cima da médium. nesta mesma ocasião compartilhada pelo *jornal da tarde*, um dos presentes, o doutor Virgílio de Mendonça, fez vibrar um pequeno elástico entregue pelo espírito em suas mãos que este retirara das mãos de

outra pessoa. O fato foi atribuído a João, que se defendeu afirmando “não fui eu, mas o irmão Virgílio.” (Farias, 1984, p. 52).

Sobre este relato publicado no jornal, Farias (1984, p.52) afirma:

Eis aí a narração fria, deficientíssima até, sem pormenores, sem um exagero, do que se passou. Podem confirmá-la os que lá estiveram conosco. Todos fizeram as perguntas, os pedidos, às experiências que bem entenderam e quiseram, sendo atendidos.

Em outro relato publicado, também, no *Jornal da Tarde*, em 1 de dezembro de 1919, é possível entender ainda mais sobre o espírito de João

[...] Sábado último, novas experiências. Lentamente, pacientemente, o Espírito se prepara para trabalhos de importância, que só oportunamente será reconhecida. Percebe-se um plano que se executa, que se desdobra aos poucos, sob a orientação de uma inteligência clara, que sabe o que quer e age como quer, conciliando elementos para um desejado fim. Aqui e ali um embaraço, um pequeno contratempo, mas avante sempre. Anuncia o Espírito que a sua missão durará ainda um ano, ao cabo do qual, estamos certos, produzirá fenômenos que muito se aproximarão dos observados por William Crookes e outros sábios de igual valor. E senão vejamos: sábado último foi experimentada uma pequena grade de metal, pregada ao solo, dentro da qual foram colocados os baldes de parafina a ferver, ò de água fria e uma campainha. Feita a obscuridade, começou o Espírito a trabalhar, ouvindo-se distintamente o ruído da água, como quem lava alguma coisa. Demorava, porém, o fenômeno. Súbito outro Espírito falou pela médium adormecida: - Houve um incidente. João luta com dificuldades. Conversai menos e auxiliai-o, orando. Pouco depois, o próprio Espírito de João dizia: - A parafina foi mal preparada. Por mais que faça não lhe posso dar a consistência desejada. Era sua intenção, declarou, oferecer uma bem-feita mão de cera ao Doutor Arquimimo Lima, que assistia à sessão. Mas não estava contente.

- A mão sairá horrível - afirmou.
- Mas oferece-me flores; ficarei satisfeito.
- Essas já estão feitas - respondeu.

Soou demoradamente a campainha. Aberta a luz, verificou-se, dentro do balde de água fria, a metade de uma mão, em parafina, mas defeituosa, como o Espírito anunciara, e duas flores, também de cera, estas, porém, bem-acabadas, perfeitas mesmo. O Espírito convidou, então, os presentes para uma próxima reunião, em que fará novas experiências, aliás de muita importância, porque, além do mais, tentará isolar completamente a médium, dentro de uma grade, operando e fazendo-se ver do lado de fora, a alguma distância.

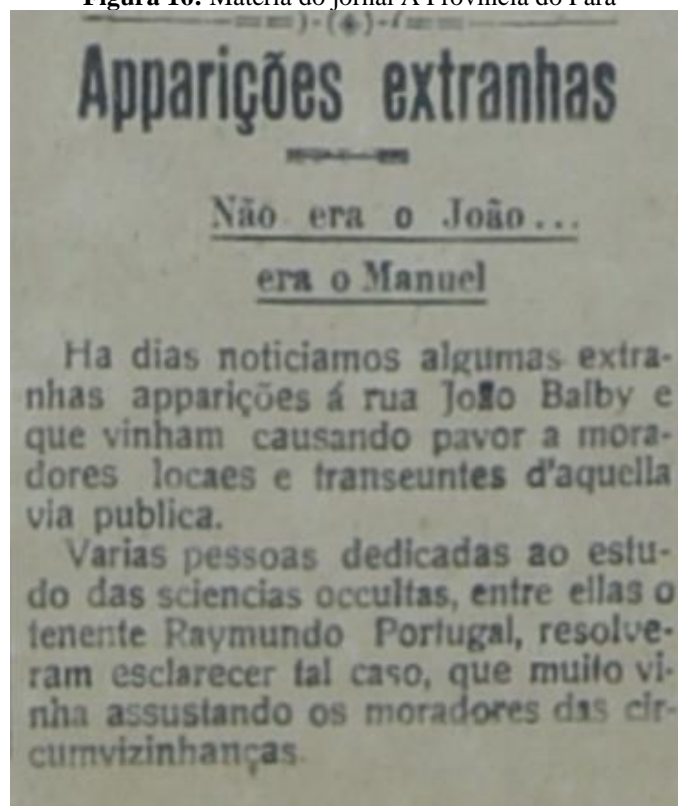
Sobre este relato noticioso, mais uma vez podemos observar que *João* é o grande protagonista da sessão. O espírito, sempre cheio de artimanhas, estava ganhando espaço nas rodas de conversa e nas páginas dos jornais paraenses.

Em 4 de fevereiro de 1921, *A Provincia do Pará* trouxe a seguinte matéria: “Aparições estranhas. Será o João?”. Aqui, o jornalista relata que um suposto fantasma que era visto tomando várias formas, e desaparecendo misteriosamente em algumas noites na rua João

Balbi, entre 22 de junho¹³ e 9 de janeiro. Sua presença causava pavor nos moradores da região, que afirmavam vê-lo. Curioso, o jornalista, de nome desconhecido, pergunta se o espírito em questão não era João, e se essa não era mais uma de suas brincadeiras. É interessante notar como *João*, originado nas sessões da médium Anna Prado, havia se tornado referência jornalística quando o assunto era o mundo dos mortos, mostrando-se como um personagem conhecido pelos leitores do jornal.

Em 12 de fevereiro temos o desfecho dessa história, em “Aparições estranhas. Não era João, era Manuel”

Figura 16: Matéria do jornal A Província do Pará



¹³ Atual Avenida Alcindo Cacela localizada no bairro do Umarizal na cidade de Belém.

Depois de algumas pesquisas notaram que as aparições combinavam com uns ataques de que era acometido Antonio Barradas, morador áquella mesma rua, n.º 14, rapaz de constituição nervosa.

No dia 4 do mez corrente, quando Antonio foi presa de forte ataque, o tenente Portugal interrogou-o, obtendo em resposta ser o espirito de Manuel Leal, morto em Bragança, que n'elle se incarnava, por encontrar um temperamento apropriado.

Soube tambem que o espirito de Manuel andava assim penando em virtude de ter, quando vivo, promettido mandar rezar uma ladainha a São Pedro, promessa que não poude cumprir.

Alguns moradores d'aquella rua reuniram-se e mandaram, no dia seguinte, na casa de Antonio, dizer a ladainha promettida.

Mal começava o officio rellgioso quando Antonio exclamou: «Eis que Manuel se aproxima», cahindo logo com uma crise nervosa que se prolongou até ao terminio da ladainha. Então, entre lagrimas, Antonio, sob o poder do espirito agradeceu aos presentes a caridade que tinham feito, dando socego a uma alma attribulada, recobrando logo em seguida os sentidos.

O facto foi presenciado por muitas pessoas, quer d'aquella rua, quer d'outra, atrahidas pela noticia.

Fonte: Jornal A Província do Pará, 12 de fevereiro de 1921, p. 1

Neste outro relato, ficamos sabendo que mesmo tomados pelo pavor, os moradores da região decidiram investigar mais a fundo sobre a situação e descobriram que essa não era mais uma das peripécias de *João*, e sim um morador da própria rua, da casa de número 14. Antônio Barradas, protagonista dos relatos, estava acometido pelo espírito de Manuel Leal, morto em Bragança, e que encontrara em Barradas o temperamento adequado para incorporá-lo, segundo relato dos moradores do bairro. Ao ser questionado do motivo de estar fazendo isso,

o espírito afirmou que não conseguia encontrar a sua paz, pois em vida teria prometido mandar rezar uma ladainha a São Pedro, promessa que não conseguiu cumprir antes de sua morte.

Preocupados, os moradores e pessoas interessadas no caso após lerem os relatos no jornal, decidiram realizar celebração religiosa para desempenhar esse desejo do espírito. Feito isso, Manuel agradeceu através de Antônio Barradas e finalmente descansou a sua alma. Destacamos que na referida matéria jornalística não aparece nenhuma explicação de quem é o tal Manuel Leal, somente que ele foi assassinado.

Quase um ano depois da reportagem de José de Carvalho, em 24 de dezembro de 1919 Anna Prado continuava trabalhando intensamente pela doutrina espírita em Belém do Pará. O *Jornal da tarde* trouxe a seguinte notícia, da qual destacamos os pontos mais importantes:

[..] Às 8 horas, presentes várias senhoras e cavalheiros, entre os quais os Drs. Arquimimo Lima, Pena e Costa, Virgílio Mendonça, Barbosa Rodrigues, Pedro Batista e Nogueira de Faria, tiveram começo os trabalhos, cuja primeira parte constou de fenômenos já conhecidos dos nossos leitores. O Espírito efetuou o transporte, da varanda para o aposento em que se faziam as experiências, de duas flores, entregando-as, uma ao Senhor Doutor Arquimimo Lima, outra, ao professor Sílvio Nascimento. Depois, com as mãos perfeitamente materializadas, apertou a mão de vários assistentes, tendo retirado e restituído os lenços do Doutor Pena e Costa e senhora. Ansiávamos pela experiência da materialização à meia luz, e tínhamos razão nessa ansiedade, pela estreia da grade dentro da qual devia ficar a médium. Desde logo afirmamos o êxito absoluto da experiência. Forrado de pano preto, como poderia ser de qualquer outra cor escura, um dos ângulos do aposento, a médium foi adormecida e, depois de ficar em “transe”, colocada dentro da grade. Isolada da assistência, foi passado outro pano de uma parede a outra, improvisando-se assim um gabinete semelhante aos descritos por William Crookes em suas experiências com o Espírito de Katie King. Feito isso, o Espírito convidou vários assistentes a examinarem a médium, no gabinete que à vista de todos fora improvisado. Aquela dormia profundamente, sentada em uma cadeira, dentro da grade, sendo esta quase da altura de um homem. Ficou o aposento à meia luz de uma lâmpada verde, suficientemente claro, portanto, dentro de um quarto de hora, talvez, viu-se pequeno núcleo fluídico luminoso que oscilava no reposteiro, na abertura central. Dentro em pouco esse núcleo tomou a forma esguia de um braço, acenando-nos levemente e desapareceu. Passados alguns segundos mais, vimos, surpresos, comovidos uns, inteiramente serenos outros, aparecer à esquerda o Espírito nítido e perfeitamente materializado, enquanto que se apresentava à abertura central uma faixa branca, da largura talvez de meio palmo - fronteira à grade em que permanecia encerrada a médium - como que velando por esta. Uma, duas, três, quatro vezes e mais o Espírito se fez ver assim, nítido, perfeito, ora aparecendo na abertura da esquerda, ora na abertura central. Simplesmente estupendo! Tinha gestos, já abrindo os braços, apontando para cima, como quem indica o céu, já tendo atitudes amigáveis para os assistentes. Ajoelhou-se várias vezes, mas, subitamente, provocou uma cena verdadeiramente tocante: ajoelhou-se, convidou num gesto os assistentes para que o fizessem também, elevando as mãos postas em ação de graças! Alguns dos assistentes, especialmente as senhoras, tiveram lágrimas de comoção. Ficou assim por alguns segundos, levantando-se depois, em um gesto de agradecimento, voltando ao gabinete improvisado. Pensamos estar finda a sessão. De repente vimos que ele elevava acima da linha daquele gabinete, rumo do teto, todo o busto! Logo depois, fez-se ver ainda uma vez e desapareceu dizendo adeus.

A notícia se inicia afirmando que os fenômenos na casa de Eurípedes Prado ganhavam cada dia mais nitidez e precisão, com resultados animadores de forma a demonstrar como a ciência teria que reconhecer o espiritismo “A nossa educação, as nossas ideias, os nossos preconceitos, tudo nos afasta desses fenômenos que parecem inverossímeis porque são pouco conhecidos.” (JORNAL DA TARDE, 24 dezembro de 1919, s/p). Na matéria jornalística em questão, do *Jornal da Tarde*, antes de descrever a sessão, o jornalista ainda debate sobre a importância de enxergar esses feitos com seriedade, que as maiores mentalidades da Terra se têm ocupado dos fatos espíritas. As experiências realizadas devem ser de forma respeitosa, para não violar as leis dos espíritos. Não se pode tocar na médium, e nem nos espíritos, e de início devem ser realizadas no escuro.

Isso nos lembra que David Roas (2014) em *A ameaça do fantástico*, enxerga a existência do fantástico na narrativa atrelada a criação de um espaço similar ao que o leitor habita, o qual será atingido por algum fenômeno transgressor de sua estabilidade. As rigorosas e imutáveis leis da nossa realidade serão postas à prova com a ameaça do sobrenatural. Para o autor, a narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural para desestabilizá-lo sobre sua segurança em seu mundo real e interrogá-lo sobre a realidade. É essa característica transgressora que determina seu valor no conto fantástico.

Pensemos, por exemplo, em um dos recursos básicos da narrativa fantástica: o fantasma. A aparição incorpórea de um morto não é apenas aterrorizante como tal (o que tem a ver com o medo dos mortos que, definitivamente, representam o *outro*, o não humano), mas também supõe a transgressão das leis físicas que ordenam nosso mundo: primeiro porque o fantasma é um ser que voltou da morte (o termo em francês *revenant* para se referir a ele expressa muito claramente essa ideia) para o mundo dos vivos em uma forma de existência radicalmente diferente da deles e, como tal, inexplicável; e segundo, porque para o fantasma não existem nem o tempo nem espaço (vale lembrar, por exemplo, a imagem tópica do fantasma atravessando paredes). (ROAS, 2014, p 31-32).

Uma narrativa fantástica ao revelar a existência do impossível e de outra realidade além da sua, provoca e instiga o leitor a refletir sobre sua incerteza em relação a sua percepção da realidade e de si próprio, pois o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade. Quebrando, assim, com a lógica racional que garante a segurança, estabilidade e a tranquilidade da realidade regida pelas leis físicas do mundo do leitor.

Para Roas (2014, p.33) este aspecto é importante para o reconhecimento do fantástico na narrativa. Se o sobrenatural não entra em conflito com o contexto no qual os fatos acontecem, a realidade, não se produz o fantástico. Não há os seres divinos, fantasmas, fadas, gênios, monstros, e demais criaturas extraordinárias que aparecem nas narrativas consideradas

fantásticas, na medida em que não há intervenção na realidade e não se produz ruptura com ela.

Em 26 de junho de 1920, o jornal *Folha do Norte* relatou uma sessão especial: aniversário de aparição de *João*, em 24 de junho. Por este motivo, Eurípedes Prado resolveu efetuar uma sessão diferente, com um número de pessoas maior que o normal. Foram cerca de 80 assistentes nesta data, como mostra foto publicada no jornal (Figura 15). Nesta sessão tivemos a aparição de três espíritos já explicados no capítulo 1 deste trabalho: o clássico João, Anita, e o marinheiro.

Precisamente às 9 horas e quinze minutos, após terem sido tiradas, pelo maestro Bosio, duas chapas fotográficas dos assistentes, preparado convenientemente o gabinete da médium e colocada esta na respectiva grade, anteriormente descrita, a qual foi fechada, apareceu o Espírito de Anita, que confeccionou uma bela flor de parafina, cuja fotografia publicamos, mostrando-a em seguida aos circunstantes. Depois, retirando-se este Espírito, veio um outro que, pela feição do traje, parecia ser um marinheiro. Caso notável: dias antes, o Espírito diretor dos trabalhos houvera pedido que tocassem uma canção militar, não se efetivando o desejo do visitante de além-túmulo a conselho de um cavalheiro. Tal fato, assim, vem justificar, pela veste à maruja, o motivo da solicitação. Este habitante do Espaço arredou uma mesa, tirou de sobre a mesma dois baldes destinados aos trabalhos de parafina e colocou uma cesta de flores na maçaneta de uma das portas. O terceiro Espírito a manifestar-se foi o de João, que distribuiu pelos assistentes muitas flores, percorrendo o local da reunião, próximo às pessoas. Todos os fantasmas, ao se retirarem do recinto, despediram-se dos presentes, acenando com os lenços. Entre os assistentes contavam-se os Srs. Desembargador Santos Estanislau, Drs. Nogueira de Faria, Melo César, Pena e Costa, Abel da Costa, Oséas Antunes, Bacelar Júnior, Pio Ramos e Manços Vilaça, Coronel Assunção Santiago, J. J. Teixeira Marques, Manoel Barbosa Rodrigues, Antônio Luculo de Souza e Silva, Carlos Barros de Sousa, Farmacêuticos Pedro Batista e Manoel Coimbra, Professor Sílvio Nascimento, Anélio Costa, Joaquim Fernandes Antunes, Maestro Ettore Bosio, José Cruz e muitos outros, além de várias senhoras e senhoritas. (FOLHA DO NORTE, 1920, p.1)

Figura 17: Notícia mostrando flor produzida pelo espírito de Anita, e foto dos presentes na sessão

PHENOMENOS ESPIRITAS



Aspecto da assistência á sessão espirita ante-hontem realizada na residência do sr. Euripedes Prado.—Uma flor, trabalhada em parafina, durante a sessão, pelo espirito de Annita.

Em commemoração ao anniversario do inicio das experiencias de materialisação que se realizam na residência do sr. Euripedes Prado, perante numerosa assistência, avallada em oitenta pessoas, applicaram-se ante-hontem, á noite, varios phenomenos daquelle genero, com absoluta nitidez.

Precisamente ás 9 horas e quinze minutos, após terem sido tiradas, pelo maestro Bosio, duas chapas photographicas dos assistentes, preparão convenientemente o gabinete do medium e collocado esta na respectiva grade, anteriormente descripta, a qual foi fechada, apparece o espirito de Annita, que confeccionou uma bella flor de parafina, cuja photographia publicamos, mostrando-a em seguida nos circumstantes.

Depois, retirando-se este espirito, veiu outro que, pela feição do traje, parecia ser um marinheiro.

Caso notavel: dias antes, o espirito director dos trabalhos houvera pedido que tocasse uma canção militar, não se effectivando o desejo do visitante de além-túmulo a conselho de um cavalheiro. Tal facto, assim, vem justificar, pela veste á maruja, o motivo da solicitação. Este habitante do espaço arredou uma mesa, tirou de sobre a mesma dois baldes destinados aos trabalhos de parafina e collocou uma cesta com flores na macaneta de uma das portas.

O terceiro espirito a manifestar-se foi o de João, que distribuiu pelos assistentes muitas flores, percorrendo o local da reunião, próximo ás pessoas. Todos os phantasmas se retiraram do recinto, despejando se dos presentes, accendendo velas.

Entre os assistentes contavam-se os desembargador Santos Espanhola, dr. Aguiar de Faria, Mello Cesar, Penna e Abel da Costa, Oséas Antunes, Baccalari, Pío Ramos e Mauços Villaca, Assumpção Santiago, J. J. Teixeira, Manoel Barbosa Rodriguez, Antonio Lu de Sousa e Silva, Carlos Barros de S. pharmaceuticos Pedro Baptista e W. Coimbra, professor Sylvia Nascimento, Ho Costa, Joaquim Fernandes Antunes, Ettore Bosio, José Cruz e muitos outros além de varias senhoras e senhorinhas.

Fonte: FOLHA DO NORTE, 26.06.1920, p.1

Neste relato do dia 26 de junho, podemos enxergar características que levavam o leitor a fixar-se na narrativa jornalística que viria a seguir, podendo gerar, ou não, efeitos de sentidos emocionais, como surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia. Mesmo de forma curta, a chamada “PHENOMENOS ESPIRITAS” e o relato da notícia cria uma atmosfera interessante para levar o leitor para dentro das sessões e instigando a sua imaginação ao ler sobre as assustadoras materializações de espíritos que ocorriam tão perto de todos na cidade de Belém.

As narrativas noticiosas da médium Anna Prado também podem ser identificadas pela ótica de um dos mais extensos estudos sobre a literatura fantástica, do búlgaro Tzvetan Todorov, que começa seus estudos a partir de uma perspectiva de gênero e uma abordagem estruturalista. Todorov (2010) de maneira similar a existência do fantástico, partindo do mesmo princípio de que o fantástico é uma experiência de um ser que só conhece a sua realidade, com suas leis naturais, diante de um acontecimento que não possui explicação racional e não poderia existir sem que rompesse com essas mesmas leis. A hesitação do leitor entre o natural e o sobrenatural, o real e o ilusório perante um acontecimento sobrenatural formaliza o que Todorov chama de fantástico literário.

A expressão “literatura fantástica” refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário. Examinar obras literárias a partir da perspectiva de um gênero é um empreendimento absolutamente peculiar. Nosso propósito é descobrir uma regra que funcione para muitos textos e nos permita aplicar a eles o nome de “obras fantásticas”, [e] não pelo que cada um tenha de específico. (TODOROV, 2010, p.7)

Para o autor, geralmente o que não é de conhecimento coletivo torna-se digno de dúvida. Assim, é possível que exista realmente um fato desconhecido, e a falta de uma explicação formal o torna misterioso, ou, realmente, tal fato desconhecido é fruto da imaginação. Para reforçar seu pensamento Todorov (2010) se refere à figura do diabo, culturalmente aceito como um ser fantástico, cuja existência pode ser verdadeira, tendo a fama de fantástico e imaginário justificada pelo fato de poucas pessoas terem o visto.

Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que rara vez o encontramos. (TODOROV, 2010, p. 30)

O espiritismo, apesar de já existir a mais de um século, ainda era uma doutrina misteriosa para muitos em Belém nos anos 20 do século XX. Por isso, existia não apenas curiosidade, mas também essa ideia de que o que é não é conhecido de forma coletiva, gera mistério, como afirma Todorov (2010).

Em 4 de maio de 1920, outra matéria do *Jornal da Tarde* reforça essa visão. A médium Anna Prado estava dentro de sua grade, com todos os preparativos sendo observados de perto pelos participantes, “conceituados homens de ciência, observadores insuspeitos, animados do mais puro desinteresse - excetuando-se aquele, elevado e nobre, decorrente do

caráter científico de que se podem revestir tais fenômenos.”. Nesta sessão havia a presença de Virgílio Mendonça, diretor da Higiene Escolar e senador do Estado; Jaime Aben Athar, diretor do Instituto Pasteur; Pinheiro Sozinho, professor da Escola de Agronomia; João Alfredo de Mendonça, jornalista, secretário da *Folha do Norte* e sua esposa; doutor Amazonas de Figueiredo, diretor do Ginásio Pais de Carvalho e professor da Faculdade de Direito, Manoel Barbosa Rodrigues, comerciante e acadêmico de Medicina, Pedro Bastos, corretor, e esposa, doutor Nogueira de Faria, 1º prefeito da Capital, e algumas pessoas da família Eurípedes Prado.

[...] Às 8 horas da noite, em 10 de abril do corrente ano, preparado o gabinete onde operam os Espíritos, isto é, uma armação de madeira, toda forrada de lona preta, inclusive o teto, ou parte superior; foi nele colocada uma grade, dentro da qual fica a médium isolada. [...] Em breve, no interior da grade e na altura da cabeça da médium, se fez uma espécie de pequena névoa, nívea e levemente luminosa. Em seguida, ao lado começou a formação de um vulto, sendo o primeiro a distinguir o fenômeno, o Senhor João Alfredo de Mendonça, que chamou para o fato a atenção do Doutor Nogueira de Faria, sentado junto a si. Ficou por alguns instantes, entretanto, apenas uma espécie de larga faixa branca, em toda a altura da grade. Fora desta começou a aparecer um outro vulto, sendo ainda a vista penetrante do Senhor João Alfredo de Mendonça, a primeira a distingui-la. Nesse instante o Espírito, por meio de baques na grade, pediu música. A esse tempo, este último vulto elevou-se em toda a altura do gabinete, tomando nitidamente forma humana, uma jovem, tipo caboclo, blusa e cinto de cor, saia, meia e sapatos brancos, sendo que seus passos não faziam ruído. Por várias vezes andou em frente ao gabinete. Aproximou-se das extremidades do círculo dos assistentes, apertando a mão do Senhor Eurípedes Prado e Senhora Pedro Bastos. De quando em quando, espalhava os longos cabelos sobre os ombros. Era de estatura regular, quase alta para uma senhora, de compleição mais forte que a médium. [...] Desaparecida que foi a moça, começaram os assistentes a distinguir nova materialização. Daí a instantes saía do gabinete, sempre aberto à vista observadora daqueles, o Espírito de João. Vestia calças e paletó, um pano branco envolvendo o cabelo e amarrado sob o queixo, pés vestidos de uma espécie de meias brancas. Depois de ir e vir ao longo do intervalo entre o gabinete e os assistentes, apertou as mãos dos Srs. Manoel Barbosa Rodrigues, Nogueira de Faria, Eurípedes Prado, tocando ligeiramente nas do Senhor Amazonas de Figueiredo. Pedindo-lhe a Doutor Jaime Aben Athar que apertasse as suas, respondeu com um gesto que não. (JORNAL DA TARDE, 4 de maio de 1920, s/p).

Todas as narrativas sobre a médium Anna Prado são bem detalhistas, como já falamos, de forma a ajudar o leitor a se encontrar na sessão, se enxergar ali. Primeiramente, já foi possível perceber que o padrão das matérias jornalísticas é iniciar pela hora e data, seguido por uma explicação sobre o local e arrumação do ambiente. Somente depois ocorre a transgressão do natural, da realidade já conhecida, e aparição dos seres do além.

Para David Roas (2014) a transgressão que define o fantástico só pode ocorrer em narrativas cuja construção de mundo sejam semelhantes aos nossos, ambientadas em uma realidade análoga ao do leitor. Como exemplo literário para ilustrar essa teoria podemos citar, o *Drácula* de Bran Stoker, escrito em 1897, “história” cuja narrativa se passa na Inglaterra

vitoriana retratada com detalhes para situá-la em uma realidade possível quando surge o elemento impossível que rompe com a tranquilidade dos personagens e do leitor, o vampiro, o Conde Drácula. Nos primeiros capítulos do livro não parece haver traços de elementos sobrenaturais, ao contrário, o personagem Jonatham Harker descreve em seu diário os locais por onde passa, o que fez, e o que comeu com naturalidade e tranquilidade, deixando claro que no seu cotidiano não há transgressões à normalidade.

Saí de Munique às 8:35 da noite no dia primeiro de maio, chegando em Vienna cedo na manhã do dia seguinte; deveria ter chegado às 6:46, mas o trem se atrasou por uma hora. Budapeste parece um lugar maravilhoso, pelo que pude observar do trem e do pouco que pude andar pelas ruas. Fiquei com medo de sair de perto da estação de trem, pois chegamos atrasados. Tive a impressão de que estava saindo do ocidente e entrando no oriente. (STROKER, 2015, P.1.).¹⁴

Sabemos que este cotidiano pacato será atingido pela ameaça do vampiro Drácula em capítulos a seguir, não apenas a ameaça física que o vampiro representa para os personagens, mas também a ameaça à estabilidade da realidade e transgressão das leis que a organizam. Podendo concluir, então, que a vacilação entre uma explicação para justificar o sobrenatural não pode ser utilizada como único traço definitivo do gênero fantástico.

Roas (2014) conclui que tanto as narrativas nas quais a evidência do fantástico não está sujeita a discussão, quanto as que a ambiguidade é insolúvel fazem parte do conceito maior de narrativa fantástica pois todas postulam a mesma ideia geral: a irrupção do sobrenatural no mundo real, e sobretudo, a impossibilidade de explicá-lo de forma razoável (ROAS, 2014, p.43).

Mais uma vez o leitor se torna o centro fundamental para a existência do fantástico. Sua participação ativa ao se colocar a história narrada em contato com o âmbito do real extratextual é decisiva para reconhecer se uma história faz parte do gênero. O fantástico vai depender sempre do que determinamos como real, que por sua vez está amarrado aquilo que conhecemos da realidade.

Em 20 de Maio de 1920, o jornal *Folha do Norte* trouxe o que seria a matéria mais impactante da cobertura desse caso, a médium Anna Prado em transe sentada em uma cadeira, com um espírito materializado atrás dela.

¹⁴ Tradução livre: “Left Munich at 8:35 P.M on 1st May, arriving at Vienna early next morning; should have arrived at 6:46, but train was na hour late. Buda-pesh seems a wonderful place, from the glimpse which I got of it from the train and the little i could walk through the streets. I feared to go very far from the station, as we had arrived late and would start as near the correct time as possible. The impression i had was that we were leaving the West and entering the East”.

Figura 18: Notícia e foto de Anna demonstrando seus poderes

Phenomenos espiritas

Um habitante do Alem photographado nesta capital.

A photographia que reproduzimos a seguir revela um interessantissimo phenomeno espirita, manifestado na noite de 17 do corrente, na residencia do sr. Euripedes Prado, guarda-livros da firma Albuquerque & C., desta praça, e cavalheiro muito conceituado nesta capital.

Como ha sido noticiado pelos nossos confrades do "Jornal da Tarde", na residencia do sr. Prado tem occorrido varios desses phenomenos, assistidos por pessoas de alto con-



tro Bosto, na residencia do sr. Euripedes Prado, onde, as 8 horas, além de outras pessoas, estavam presentes os srs. senador Virgilio Mendonça, dr. Nogueira de Faria, 1.º prefeito, deputado Apollinario Moreira, dr. Feliciano Mendonça, pharmaceutico, Pedro Baptista, correitor P. L., Bastos e esposa, João Alfredo de Mendonça, etc.

Feitos os preparativos, o maestro Ettore Bosto, á luz do magnésio, pois o trabalho necessitava ser feito em plena escuridão, apunhou uma chapa photographica, a qual, depois de revelada, denunciou a presença de um ser extranho á assistência.

Convém frisar que a chapa foi revelada poucos momentos depois da explosão do magnésio, tendo sido o maestro Bosto auxiliado nesse trabalho por um photographo do atelier Girard.

Impressa a photographia, com geral surpresa para todos e indizivel commoção do sr. Euripedes Prado, declarou este que o unico photographado reproduzia as feições do sr. Joaquin Prado, pae daquella cavalheira, ha annos fallecido.

Na photographia que reproduzimos e que é copia fiel do cliché do maestro Bosto, cê-se, colado á parede branca e junto á senhora do sr. Euripedes, a qual é o *medium*, uma figura esbelta, envoltida numa tunica preta, divisando-se-lhe apenas o rosto.

O facto, que encerra uma prova positiva da communicação dos habitantes do Alem, impressionou profundamente quantos o assistiram, os quaes não regatearam as suas felicitações ao maestro Bosto, pelo esplendido exito da sua interessante experiencia, que, pela primeira vez, se realiza em Belem.

Congresso dos americanistas no Brasil.

Todas as monographias e estudos dos que, nesta circumscripção, se dedicam a observação dos varios phenomenos ethnicos, geographicos e historicos sobre o valle do Amazonas deverão ser remetidas imperitavelmente pelas mãos do João Alfredo, a partir amanhã para o sul da Republica, afim de entrarem na discussão dos trabalhos do XX Congresso Nacional de Americanistas, a ser inaugurado a 6 de junho proximo.

O Pará não pode, de maneira alguma, naquella importantissima assemblea de competentes, representar um papel de somenos importancia.

Situados em um verdadeiro laboratorio da antropogenia americana, deveriamos estar na dianteira de todos os nossos irmãos da Confederação nacional. Se lá não apparecermos, os congressistas providos da Europa, da Asia e do norte da America, não sei em que categoria classificariam o interesse que deveriamos tomar por esses estudos, mais intimamente adheridos a nossa lingua eavaliativa.

O Instituto Historico e Geographico do Pará, mal desperto do indifferentismo, com que essas questoes eram tratadas pelos homens de maior cultura regional, não pode fazer muito coisa, para não deixar de tudo no vaeu o nome do grande Estado portista. Um dos seus consocios vai para alli enviar uma completa colleção de lendas amazonicas; o seu presidente, entre mil obstaculos e com a collaboração de uma alta competencia ethnologica, organizou um ligeiro estudo sobre os *Aracajus*, tribo hoje extincta no valle do Amazonas, mas de que fizeram menção o dr. Estindorf, o dom frei João da S. José e Carlos Von-Martius.

Sentimos que, na primeira reunião de tão importante assemblea, que se vai effectuar no Brasil, contribua a Amazonia para deslustrar os elevados fins scientificos das outras sessões effectuadas nas primeiras capitales do mundo.—J. N.

celto no nosso meio social, entre as quaes diversos medicos, magistrados, jornalistas, advogados, etc.

Atrahido por essas manifestações, o maestro Ettore Bosto, que é um excelente amador photographico, deliberou apunhar um cliché do espirito manifestado, tendo para isso reunido mais de uma experiencia.

Para isso, de posse do que poderia garantir a honra e a integridade dos trabalhos do maestro Bosto, este, para dar um amparo de absoluta autenticidade á prova que se realizava, convidou os srs. senador Virgilio de Mendonça, dr. Augusto Chermont, director do "Estado do Pará" e João Alfredo de Mendonça, secretario da FOLHA, a comparem com as suas assignaturas as chapas photographicas que iam servir á interessante experiencia.

De facto, na tarde de 17 do corrente, reunidos ávelles cavalheiros no "Centro Photographico", de propriedade do professor José Girard, á rua 13 de Maio, onde foram agrupadas as chapas, ali surtenticaram as mesmas com as suas assignaturas, em presença dos photographos José Girard e Armando Mendonça.

Assignadas as chapas e carregado o *chassis*, foi este lacrado e só entregue, á noite, ao maes-

Com o título de *Phenomenos Espiritas* e subtítulo “Um habitante do Além fotografado na capital” chama a atenção, pois os anos 20 foram um ano de florescer científico e pensamento racionalista. A matéria afirmava logo em seu primeiro parágrafo que o jornal estava reproduzindo a foto de um “interessantíssimo” fenômeno que ocorrera na casa de Eurípedes Prado na noite do dia 17 de maio e fora assistido por muitas pessoas, de acordo com o relato. A entidade atrás de Anna fora reconhecida como seu sogro, pai de Eurípedes.

A fotografia possui autoria do maestro Ettore Bosio, que chamou um representante do próprio jornal, João Alfredo de Mendonça, o Senador Virgílio de Mendonça, e Antônio Chermont, diretor do *Estado do Pará*, para analisarem as chapas fotográficas que seriam usadas para capturar o espírito atrás de Anna Prado como prova de autenticidade. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Bosio era fotógrafo amador, estudou por conta própria as técnicas fotográficas utilizando magnésio para garantir confiabilidade e a melhor maneira de se conseguir um registro de um habitante do além.

As chapas foram averiguadas e assinadas no “Centro Fotográfico” com a presença de João Alfredo e do senador Virgílio de Mendonça, e logo depois foram levadas à residência dos Prado para que Ettore pudesse realizar a foto e a revelação. À luz de magnésio e em plena escuridão foi revelada uma das fotografias mais impactantes de todas as sessões de Anna Prado a irem parar no jornal. A matéria é finalizada com a afirmação do jornalista de que aquela era a prova positiva da existência do mundo dos mortos e da possibilidade de se comunicar com eles através dos médiuns, ele também afirma que aquela fora a primeira vez em Belém em que se capturara um habitante do além de maneira tão nítida e com feições tão boas em uma fotografia.

Feitos os preparativos, o maestro Ettore Bosio, à luz do magnésio, pois o trabalho necessitava ser em plena escuridão, apanhou uma chapa, a qual, depois de revelada, denunciou a presença de um ser estranho à assistência. Convém frisar que a chapa foi revelada poucos momentos depois da explosão do magnésio, tendo sido o maestro Bosio auxiliado nesse trabalho por um fotógrafo do “atelier” Girard. Impressa a fotografia, com geral surpresa para todos e indizível comoção do Sr. Eurípedes Prado, declarou este que o vulto fotografado reproduzia as feições do Sr. Joaquim Prado, pai daquele cavalheiro, há anos (*sic*) falecido. (FOLHA DO NORTE. 20 de maio. 1920).

É interessante notar que a forma de escrever a notícia na época pode ser caracterizada como jornalística e narrativa, uma vez que apresenta uma narrativa de acontecimentos de forma cronológica, a fim de definir uma história ocorrida em dado espaço temporal.

Os jornais utilizavam-se de metáforas, polissemias e adjetivos para informa, mas a sua descrição dos acontecimentos, e principalmente das sessões na casa dos Prado onde a médium

Anna Prado realizava seus fenômenos costumavam ser detalhadas. Sobre isto Luiz Gonzaga Motta afirma que a descrição de fatos, ou a criação do efeito de real acontece pelo excesso de informações geradoras de verossimilhança. (MOTTA, 2004, p.3)

O fantástico está em constante relação intertextual com o discurso da realidade, ou construção cultural, pois não se pode narrar o fantástico sem levar em consideração o que pode ou não ocorrer em determinado contexto sociocultural. O desconhecido está, então, ligado diretamente à cultura de cada época e do que se sabe sobre tempos e espaços que não são os seus. O autor tem em mãos a possibilidade de elaborar sua obra de maneira especial, criando e combinando regras de mundos e situações que contrapõe à sua. Roas (2014) utiliza de Bessiére para fortalecer sua concepção, “o fantástico dramatiza a constante distancia que existe entre o sujeito e o real, por isso sempre aparece ligado às teorias sobre os conhecimentos e as crenças de uma época” (BESSIÉRE APUD ROAS, 2014, p.47).

A construção de um mundo real onde inicialmente tudo é normal funciona como maneira de fisgar o leitor para identificar sua própria realidade. As referências, reconhecíveis para quem digere a narrativa garante a ilusão de realidade e demonstram a importância da construção do mundo textual para que ele funcione igual ao real. É esse aspecto que leva os leitores a sair do texto e pôr em dúvida sua ideia de realidade interpretando o verdadeiro sentido da história narrada. Se no mundo, aparentemente igual ao nosso e com as nossas leis físicas, ocorreu um fenômeno sobrenatural e inexplicável, ele poderia também atingir a realidade fora do texto?

Essa provocação causada leva o leitor a refletir profundamente sobre sua percepção do real e contrastá-los com sua própria realidade para tentar compreender o que acontece na história narrada. Essa “cooperação” com o texto o coloca diretamente com a sua percepção de mundo não apenas na literatura fantástica, mas também nos textos “realistas”, pois é a partir de sua projeção sobre a vida externa que surgirá sua interpretação. Mas é no fantástico que esse aspecto fica mais forte em razão de sua relação conflituosa com a realidade empírica.

Todos os esforços do narrador de uma notícia ou contos fantásticos giram em torno de ultrapassar a barreira da incredulidade no leitor, que sabe que, no seu mundo, o sobrenatural é impossível, e aceite aquela presença de outro mundo e a encare como factível mesmo que não possa ser explicada. Além de construir um espaço verossímil ao do leitor, com similar funcionamento, precisa transferir esse mundo ao texto em sua mais absoluta cotidianidade. Significa dizer que desde as suas origens na cultura oral dos povos primitivos, a seu efetivo nascimento literário na literatura gótica, existe um esforço para impressionar um receptor que

conforme os tempos passam se torna cada vez mais cético perante o sobrenatural. Quanto mais próximo do leitor, mais crível, e enquanto mais crível, maior será o efeito psicológico produzido pela irrupção do fenômeno insólito. (ROAS, 2014, p. 115)

A regularidade da vida e as certezas pré-construídas do dia a dia, criam a nossa percepção do real, e a partir deste ponto “estabelecemos, codificamos, o possível e o impossível, o normal e o anormal” e principalmente traçamos a linha entre o conhecido e o desconhecido, vivendo, na maior parte, seguros dentro de nossa própria bolha de cotidianidade. Ao sermos atingidos pela transgressão do sobrenatural um efeito fundamental para o fantástico nasce: o *medo*.

Uma narrativa fantástica, independentemente de onde foi publicada, cria uma atmosfera sufocante ao falar de forças que não são deste mundo terreno e não possuem, inicialmente, explicações lógicas.

Para H.P Lovecraft (2008) o ser humano tem uma certa predisposição ao horror e ao medo, algo ligado ao fator biológico e aos antepassados cujos instintos e emoções eram respostas ao meio no qual eles viviam baseadas em dois fatores, na dor e no prazer. Por viver em um mundo desconhecido, o homem primitivo criou conceitos, fantásticos ou não, para buscar explicar o inexplicável, “teceram-se naturalmente os conceitos de magia, as personificações e sensações de assombro e medo próprias de uma raça portadora de ideias poucas e simples e experiência limitada.” (LOVECRAFT, 2008, p.2)

O autor afirma em seu estudo que todas as sensações que estão ligadas com elementos malignos e assustadores, que causem medo e espanto no leitor, são mais intensas em sua vida do que todas as outras sensações de prazer que ele possa sentir. Isso se dá em razão da morte e do desconhecido serem objetos de extrema curiosidade e fascinação com suas inúmeras possibilidades

Sobre a questão do medo, Kadec (2013, p.42) afirma que a cultura religiosa no geral incute esta sensação em suas doutrinas, e que o espiritismo busca ensinar para neutralizar os medos, e não o usar como método de ensinamento.

Cumpra também colocar entre as causas da loucura o pavor, sendo que o do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Quantas vítimas não têm feito os que abalam imaginações fracas com esse quadro, que cada vez mais pavoroso se esforçam por tornar, mediante horríveis pormenores? O diabo, dizem, só mete medo a crianças, é um freio para fazê-las ajuizadas. Sim, é, do mesmo modo que o papão e o lobisomem. Quando, porém, elas deixam de ter medo, estão piores do que dantes. E, para alcançar-se tão belo resultado, não se levam em conta as inúmeras epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por não infundir terror, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente, assim não é. De outros meios dispõe ela para atuar sobre as almas. Mais eficazes e mais sérios são os

que o Espiritismo lhe faculta, desde que ela os saiba utilizar. Ele mostra a realidade das coisas e só com isso neutraliza os funestos efeitos de um temor exagerado.

Os relatos jornalísticos sobre a médium Anna Prado eram, em sua maioria, narrados na terceira pessoa, como outras matérias dos jornais costumavam ser. Mesmo quando assinadas por algum articulista, a distância entre o jornalista e o texto ficava evidente. Porém, em 28 de julho de 1920, o médico Porto de Oliveira publicou o artigo no jornal *Folha do Norte* “O que vimos; o que pensamos”, na qual descreve sobre sua experiência em uma sessão da médium. Porto se mostra um homem desconfiado com tudo que acontecida, descrendo da mediunidade de Anna Prado e de sua família. No artigo, o médico descreve a médium como uma senhora bastante nervosa, frágil e descontrolada emocionalmente, e se pergunta se talvez esse não seja o motivo do sucesso dos fenômenos por parte dela.

Assim que começou a sessão e diante da primeira aparição, a de uma criança que moldou braços em parafina, Porto de Oliveira se mostrou ainda cético e ludibriado, mas não achou nenhum modo de como a suposta fraude teria sido executada. A segunda materialização fora de uma mulher com bochechas rosadas e pele branca. O médico, ao fim da sessão estava extremamente instigado com o fenômeno, decidiu tentar entender as formas que ali se manifestavam. Ele queria experimentar com os espíritos, prendê-los para estudar aquela força tão estranha e curiosa que nenhum homem da ciência jamais conseguiu. Porto de Oliveira chegou à sessão com bastante curiosidade e certa incredulidade, mas saíra de lá com a certeza de que algo estranho acontecia ali.

Uma das suas exigências era a de que se ligasse uma forte luz no local da materialização para que ele pudesse melhor visualizar o espírito para encurralá-lo. Eurípedes Prado protestou contra as exigências do médico para a realização da experimentação, pois ele acreditava que a intensa luz de magnésio em cima da esposa iria machucá-la. No fim, Eurípedes cedeu aos pedidos de Porto de Oliveira e permitiu que fossem feitos experimentos em sua casa para resolver de vez o embate científico-religioso que havia se instaurado na ocasião e que explicitaremos com mais detalhes no capítulo 3.

Figura 19: “O que vimos; o que pensamos”

Destacamos um pequeno trecho do relato de Porto de Oliveira:

O ruído que se vinha fazendo em torno de pretensos fenômenos espíritas, realizados na residência do Senhor Eurípedes Prado, aguçou-nos, como a muita gente, a curiosidade, determinando-nos a pedir, por intermédio de algumas pessoas amigas, a nosso acesso a uma das sessões. Após demorada espera de quinze a vinte dias, recebemos um convite que nos foi notificado pelo prezado colega J. Aben-Athar. Residia ainda o Senhor Prado à rua Padre Prudêncio e ali comparecendo, vai já para dois meses, fomos gentilmente acolhidas pelo dono da casa, pródigo em gentilezas. Antes de iniciados os trabalhos, discretamente fizemos um rápido exame do local, nada encontrando que nos prendesse a atenção. A hora precisa, evocado pelo processo da mesa redonda o Espírito, foi o mesmo consultado sobre se poderia realizar a sessão, o que foi respondido afirmativamente[...] Poucos minutos e nuvens esbranquiçadas se desprenderam em torno da médium, se condensaram, tomaram forma. Ouvia-se, então, o ressonar da médium, vestida de “etamine” verde-escura, com gola branca e sapatos também brancos, que nos serviam de pontos de reparo no interior da gaiola. A forma atravessou a grade, encaminhou-se para o meio da assistência, saudou-a, ajoelhou-se e orou, no que foi acompanhada por alguns crentes.

Essa questão do narrador personagem é muito interessante quando decidimos visualizar as narrativas da médium Anna Prado por meio das teorias do fantástico literário, pois o narrador representado tem primazia nas narrativas fantásticas. Segundo Todorov (2010), o acontecimento sobrenatural ao ser contado em terceira pessoa ou heterodigético, anula a dúvida essencial para a existência do fantástico, nos deixando diante de um conto maravilhoso. A primeira pessoa também possibilita uma identificação mais rápida, fácil e eficaz do leitor com o personagem, tornando a leitura mais impactante e assustadora. Para Todorov:

O narrador representado convém, pois, perfeitamente ao fantástico. Ele é preferível a simples personagem, que pode facilmente mentir, como iremos ver por alguns exemplos. Mas ele é igualmente preferível ao narrador não representado e isto por duas razões. Primeiro, se o acontecimento sobrenatural nos fosse contado por um narrador desse tipo estaríamos imediatamente no maravilhoso; não haveria possibilidade, com efeito, de duvidar de suas palavras; mas o fantástico, nós o sabemos, exige a dúvida (...) Em segundo lugar, e isto se liga a própria definição do fantástico, a primeira pessoa “que conta” é a que permite mais facilmente a identificação do leitor com a personagem, já que, como se sabe, o pronome “eu” pertence a todos. (TODOROV, 2010, p. 91-92).

Ao lermos o artigo escrito pelo médico Porto de Oliveira descrevendo o que viu causa um impacto muito maior para um leitor sensível ao sobrenatural. Ficamos mais tentados a acreditar no relato, porque, segundo Nogueira de Farias, o médico era um senhor muito conhecido por seu profissionalismo e dedicação à ciência. Seu relato inicia de forma simples, até as atividades iniciarem e chegarem ao clímax: a aparição do espectro.

Para discutir sobre esse traço estrutural podemos citar Peter Penzoldt e seu *Supernatural in Fiction* (1952) o qual afirma que o ponto culminante da história de fantasmas

é a aparição do espectro. Na literatura Edgar Allan Poe é um autor que já dissertou sobre essa teoria da intriga na narrativa fantástica, para ele, existe um ponto único ao final da história e todos os elementos da novela precisam ser construídos a fim de contribuir para este efeito final, perspectiva compartilhada por Todorov, “Desde o começo diferentes detalhes nos preparam para este acontecimento; e do ponto de visto do fantástico, esses detalhes formam uma perfeita gradação” (TODOROV, 2010, p.95).

Em 8 de agosto de 1920, Ferreira Lemos, Renato Chaves, Porto de Oliveira e outros médicos mandaram construir uma grade de ferro para a médium enclausurar-se enquanto realizava suas materializações como forma de realizar experimentos científicos. Os médicos queriam tornar a experiência mais rigorosa, evitar qualquer comunicação da médium com os membros da família e isolá-la para que conseguissem que ela realizasse a experiências, como Porto afirma ao jornal, e procuraram trancar a médium Anna Prado em uma gaiola de ferro durante a materialização dos espíritos. Isso também serviria para provar que os membros da família Prado não a ajudavam durante as sessões, ou farsas, como afirmavam alguns.

Eurípedes já possuía uma gaiola na qual Anna Prado ficava dentro, mas ela não fechava completamente e os experimentadores queriam algo mais rigoroso para esta experiência. Então mandaram fazer uma nova gaiola que se encaixasse nas suas exigências.

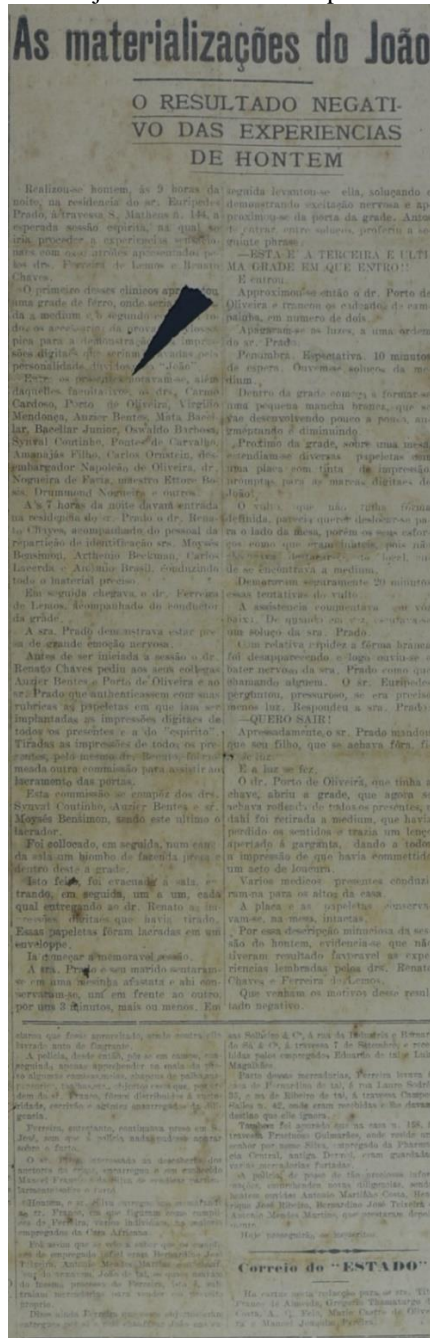
Figura 20: Foto da grade na qual Anna Prado foi trancada



Fonte: *O Estado do Pará*, 08 de agosto de 1920, p.1

O resultado da experiencia realizada pelos médicos saiu na edição do dia 9 de agosto. Em um longo relato, o jornalista inicia de maneira usual: “Realizou-se hontem, às 9 horas da noite, na residência do senhor Eurípedes Prado, á travessa S. Matheus n.144 a esperada sessão espírita [...]”, seguido pelos nomes dos que estavam ali presentes, todos homens, de forma a comprovar aquele experimento.

Figura 21: Manchete jornalística sobre a experiencia com a médium



Fonte: O Estado do Pará, 09 de agosto de 1920, p.1

Antes do início da sessão, Anna Prado estava sentada em frente ao seu marido e, de acordo com o jornalista, a médium soluçava de forma nervosa e aparentava desconforto. Antes de entrar na grade produzida pelos médicos, teria proferido chorando: “ESTA É A TERCEIRA E ÚLTIMA GRADE QUE ENTRO”. Dito isso, iniciou-se a penumbra e após 10 silenciosos minutos ouviu-se a médium soluçando e começou a se formar um vulto branco de forma não definida que por várias vezes tentou se mover para a mesa ao lado da grade, na qual estavam papeis e carimbos para captar a impressão digital do espírito de *João*. Após vinte minutos de tentativa, é importante destacar que a médium ainda soluçava, o vulto foi dispersando-se. Eurípedes teria perguntado se o espírito necessitava de menos luz. Foi quando a médium respondeu de forma nervosa “QUERO SAIR”. Apressadamente o filho de Anna Prado acendeu as luzes e Porto de Oliveira abriu a grade, onde ela estava com um pano branco amarrado no pescoço como se tivesse “cometido um acto de loucura”. O relato finaliza afirmando que a experiencia não teve um resultado positivo.

É interessante ressaltarmos que esta matéria jornalística é única vez na qual “ouvimos”, ou melhor, temos uma “fala” direta da médium. Até então, Anna Prado segue sendo a protagonista silenciosa das narrativas sobre si mesma e seus poderes.

Sobre esse caso, Nogueira de Farias (1984) afirma que a médium estava extremamente desgastada pelos fenômenos e com uma saúde muito frágil, além dos ataques morais a ela e a sua família, que em muitas rodas de conversa era motivo de chacota. Farias não estava satisfeito com o erro do experimento e procurou o médico Renato Chaves com o intuito de lhe entregar para análise duas chapas, uma das impressões de digitais de Anna Prado e outra de um espírito materializado por ela. Em sua análise, o médico chegou à conclusão de que ambas as impressões eram da médium.

Foi curioso de perceber que Chaves foi cauteloso em revelar o fato, e em nenhum momento acusou a família Prado de algo. O médico revelou a Farias o resultado de seu experimento científico com as digitais sem qualquer tipo de agressão como fariam outros homens da ciência ou líderes religiosos que a atacavam constantemente naquela época.

Os relatos do experimento fracassado nos jornais, deu assunto para os que não acreditavam nos fenômenos mediúnicos de Anna Prado, e que a desmoralizavam diante da sociedade, fato que estava deixando a médium bastante frágil e triste. O trauma do experimento feito pelos médicos fez com que ela nunca mais se submetesse a outra experiência de cunho científico mesmo continuando a realizar fenômenos até perto de sua

morte. As matérias sobre ela também perderam espaço nas páginas nos jornais da época, e se tornaram escassas, resumindo-se apenas a chamadas para algumas sessões espíritas até sumir completamente da imprensa.

No próximo capítulo, discutiremos sobre mais um aspecto importante da história da médium: os embates entre o espiritismo e o catolicismo que tomaram conta das páginas dos jornais em 1920, após o início das crônicas do padre barnabita Florencio Dubois.

4 CAPÍTULO 3 – ANNA PRADO E OS OUTROS

4.1 Os embates catolicismo x espiritismo nos jornais

De acordo com Nogueira de Farias (1984), um dos motivos pelos quais a médium Anna Prado optou por voltar a reclusão, e por sumir das páginas dos jornais, foi o intenso ataque a sua pessoa, aos seus amigos e sua família que ocorria de forma cada vez mais intensa e violenta, principalmente por membros da igreja católica.

A Igreja Católica no Brasil encarou intensas mudanças após a instalação do regime republicano em 1889, já que se expandiram os ideais modernistas, evolucionistas, racionalistas, liberal e cientificista. A mais impactante das mudanças para igreja católica foi o fim da aliança entre igreja e estado, influenciada pelas ideias positivistas que buscam a laicização do Estado na ordenação político jurídica do país.

A igreja se viu perdendo seus privilégios do período colonial e imperial, e precisou estabelecer novas formas de expansão do catolicismo no Brasil. Buscando a reestruturação, decidiu incentivar a vinda de congregações religiosas da Europa e a criação de novas dioceses. De acordo com Sheila Evangelista (2012, p. 52) a vinda desses estrangeiros foi muito importante para a reestruturar a igreja católica no Brasil, e por atuar na área da educação, imprensa e saúde.

Entre 1890 e 1930 foram criadas 56 dioceses, 18 prelazias e 3 subprefeituras apostólicas, para as quais foram designadas, no mesmo período, aproximadamente 100 bispos; cabendo respectivamente ao conjunto dos estados nordestinos, a São Paulo e a Minas Gerais, os percentuais mais elevados de circunscrições e prelados (Miceli, 1988, p. 59).

A liberdade religiosa no Brasil República possibilitou a expansão de outros credos, como o Espiritismo e o Protestantismo. O que desencadeou um incomodo e preocupação constante no clero, com medo de perder ainda mais fiéis e o seu poder religioso e político.

Desde o seu surgimento o espiritismo tornou-se alvo de várias polêmicas frente a outras religiões já institucionalizadas, principalmente o catolicismo. Visto como uma seita “místico-cristã com elementos orientais em seu corpo doutrinário” (FERNANDES, 2008, p.7), sua origem data de 1848 com a descoberta dos poderes mediúnicos das irmãs Fox, em Hydesville nos Estados Unidos. Popularizou-se na França, um pouco tempo depois, as “mesas girantes ou dançantes” e em 1855 despertou o interesse do pedagogo Hippolyte Léon

Denizard Rivail, que iniciou extensa pesquisa resultando em 1857 na publicação de “O Livro dos Espíritos”, sob o pseudônimo de Allan Kardec.

O Espiritismo nasce no século XIX em um momento de furor científico mundial em busca de modernidade. Tratando-se de uma concepção religiosa, sofreu ataques das novas ideologias que buscavam a racionalização do saber humano e o domínio técnico da realidade em busca do monopólio do saber científico em detrimento do teológico. Sabemos hoje em dia que as religiões não perderam seu lugar privilegiado e continuam com poder de controle e fala sobre a realidade e as coisas que nos cercam.

São três os principais pressupostos da doutrina, a imortalidade de alma, ou seja, a continuidade da vida após a morte, a reencarnação, a volta do espírito a um corpo para iniciar uma nova vida, e a comunicação com os mortos. O espiritismo deseja tecer discursos que possam ir além da religião, mesclando ciência e filosofia para se firmar como proposta doutrinária. Nas palavras do próprio Allan Kardec,

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. (...) O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 2013, p.40).

Kardec possuía o desejo de firmar o espiritismo sob esse tripé: ciência, religião e filosofia. Mas no Brasil, a religiosidade ocupou maior visibilidade a ponto de quase ofuscar os outros aspectos da doutrina (FERNANDES, 2008, p.9).

No Brasil a doutrina adaptou-se para poder se inserir em uma realidade diferente da qual Kardec vivia na França. Sua chegada não foi difícil devido à grande influência francesa na cultura brasileira, em grande parte pela admiração dos portugueses e brasileiros pela cultura francesa, como já pontuamos com relação à belle époque paraense e amazônica. Logo, a elite intelectual e até mesmo o imperador D. Pedro II e a princesa Isabel, interessaram-se em saber sobre a doutrina que todos estavam falando na França.

O espiritismo chega para influenciar nossa cultura e a maneira de se enxergar a religião no Brasil, que se tornou o país com o maior número de adeptos no mundo, apesar de ainda ter como religião principal o catolicismo.

Atualmente, o trabalho iniciado por Kardec tem 15 milhões de seguidores no mundo. A maioria, está no Brasil. Nossos espíritas tem os melhores indicadores socioeducacionais dentre os fiéis de todas as religiões praticadas no país – 31,5% deles têm nível superior completo, segundo o IBGE. Entre 2000 e 2010, eles saltaram de 1,3% da população para 2%. O sucesso nos cinemas é resultado da boa imagem da religião: em 2010, Chico Xavier, a biografia do médium mais famoso do

século 20, alcançou 3,4 milhões de espectadores e *Nosso Lar*, no mesmo ano, chegou a 4 milhões. (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2018).

Ao chegar em terras brasileiras, o espiritismo encontra um país buscando desatrelar-se de Portugal depois da revolução de 1822 e pós formação do Estado Nacional. A pintura e a literatura buscavam falar de um país exuberante exaltando elementos nacionais e buscava-se a expansão das cidades com ares cosmopolitas, enquanto o campo seria o lugar do atraso.

Os intensos embates devido ao acirramento das estratificações sociais combinado com a Guerra do Paraguai¹⁵ trouxeram um ambiente de incerteza e instabilidade que fez com que a religião fosse cada vez mais procurada para sanar os medos e dúvidas do futuro. Naquele momento havia uma certa necessidade em falar do “além”, da vida após a morte, como meio de consolação para as preocupações, e o espiritismo chegou para tentar resolver essas questões.

Em 1853, antes da publicação das pesquisas de Allan Kardec, os primeiros eventos espíritas começavam a ser noticiados no Brasil, já se falava em evocar espíritos através das mesas girantes, cujo fenômeno aconteceria por intermédio de um iluminado, mais tarde conhecido como médium:

O Jornal do Comércio - do Rio de Janeiro - de 14 de junho de 1853, o Diário de Pernambuco de 2 de Julho do mesmo ano e O Cearense nas edições de 3 a 26 de julho do mesmo ano, foram alguns dos periódicos brasileiros que noticiaram as “maravilhas das mesas” (FERNANDES, 2008, p.82)

O espiritismo propriamente dito, a doutrina com suas concepções e codificações, só chegou ao Brasil em 1860, mais precisamente na Bahia. Em 1857 Allan Kardec lançou seu livro e alguns franceses com moradia no Brasil, assim como brasileiros de famílias ricas e instruídas, trouxeram alguns exemplares para o país. Os intelectuais brasileiros passaram aos poucos a debater sobre o espiritismo, e os jornais também entram no debate, sendo um dos pioneiros o jornal *Courier du Brésil*, jornal francês editado no Brasil que discutia sobre os temas mais importantes do momento. O jornal foi importante para a fixação do espiritismo no país e para o aumento do interesse dos intelectuais em saber mais sobre a doutrina.

Com isso, poderíamos dizer então que os franceses do *Courier* são os introdutores do espiritismo no Brasil? Sim e não. Sim, porque foram eles os primeiros a se preocuparem e trazerem a problemática espírita para dentro do nosso país. Não,

¹⁵ Conflito armado ocorrido entre os anos de 1864 e 1870, que envolveram Brasil, Argentina e Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança para combater o Paraguai, cujo objetivo era anexar terras brasileiras e argentinas ao seu país, e lutar pelo controle da Bacia de Prata.

porque seus debates cumpriram uma função localizada e limitada. O espiritismo era debatido entre seus membros, em bom e comportado francês. Era uma curiosidade, algo para se conversar. Nada de proselitismo, nada de se fundar sociedades. Apenas mais um tema a se discutir. Além disso, pela distinção social dos seus membros, o espiritismo que circulava por essa roda do *Courier* não encontrou nenhum tipo de resistência. Não se levantaram ódios nem polêmicas mais abertas e acirradas, o que ajudaria para a “propaganda” da doutrina em nossas terras. Justamente por isso, apesar de seu pioneirismo, os debates promovidos pelo *Courier du Brésil* pouco contribuíram para a fixação dessa doutrina no país (FERNANDES, 2008, p.83).

Enquanto os intelectuais do *Courier* realizavam uma discussão elitista, para os instruídos que falavam e liam em francês, Luiz Olímpio Teles de Menezes (1825-1893), intelectual baiano, ansiava aproximar essa doutrina de todos e encarar o espiritismo de uma nova maneira. Cinco anos depois, em 17 de setembro de 1865, Luiz Olímpio realizava a primeira sessão espírita no Brasil da qual se tem notícia, em Salvador, na Bahia. Seu trabalho também consistiu em lançar um folheto de nome *O espiritismo- Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, que consistia em algumas páginas de traduções do *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, levando a doutrina para novos segmentos da população.

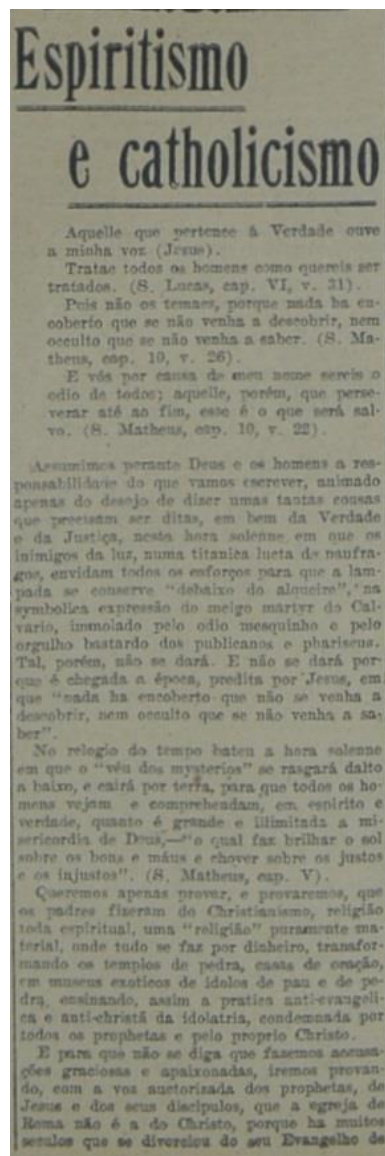
O aumento de adeptos começou a incomodar a igreja católica, que atuou de maneira a polemizar o espiritismo e trabalhar em textos nos jornais em busca de desqualificá-lo e diminuí-lo. Os ataques da igreja a doutrina e sua exposição nos jornais funcionavam de maneira oposta a desejada pelo clero, e atraíam ainda mais pessoas para conhecer o espiritismo.

O embate entre o Espiritismo e o Catolicismo em Belém, acontecia abertamente nas páginas dos jornais. Havia artigos e crônicas de ambos os lados, que utilizavam da imprensa para defender sua crença e, principalmente, deslegitimar o outro. Em 5 de julho de 1920, *O Estado do Pará* trouxe longa reflexão de Carlos B. de Souza, espiritualista moderno, como ele mesmo se chama no texto, acerca da igreja católica. “Em bem da verdade e da justiça”, Carlos se mostra incomodado com a tirania dos padres, e “ódio mesquinho” deles. Seu texto continua ao afirmar que os padres fizeram do cristianismo, uma religião espiritual, em um material que gira em torno de dinheiro, “transformando os templos de pedras e casas de orações em museus exóticos de ídolos de pau e pedras”, mantendo uma prática anti-cristã, e indo contra o próprio Cristo. Segundo Souza, a igreja católica ataca os espíritas por acreditarem em reencarnação, ao invés de renascer, e debocham das materializações e existência de espíritos, o que, para o autor, não faz sentido já que a própria bíblia está cheia de aparições. Como a vez na qual Jesus, no alto de um monte, conversou com os espíritos materializados de Moisés, no

capítulo 17 de S. Matheus, ou quando o próprio Jesus apareceu materializado para Thomé.¹⁶ (João, 20:1-31).

O fato de a igreja debochar dos espíritos, que vêm a terra para confabular com os humanos, de acordo com Souza, chamando-os de demônios é um ato de extrema má fé. O autor finaliza afirmando que será provado mediante a igreja católica a existência da perfeita comunhão entre o mundo dos mortos com o dos vivos.

Figura 22: Parte de matéria do jornal Estado do Pará de 5 de julho de 1920



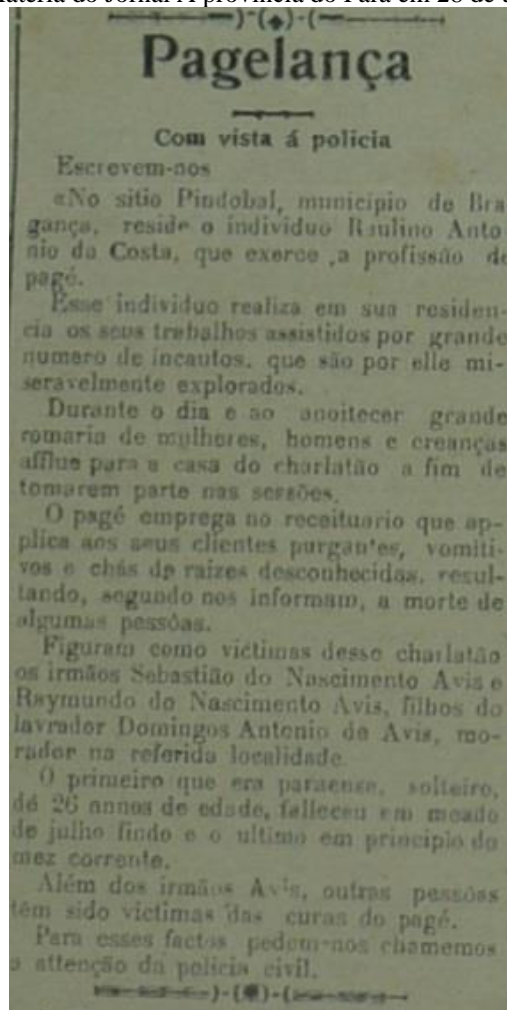
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

¹⁶ Oito dias depois, seus discípulos estavam novamente reunidos, e Tomé estava com eles. Embora as portas estivessem trancadas, Jesus apareceu no meio deles e disse: "Que a paz esteja com vocês." ¹⁷ Depois, disse a Tomé: "Coloque o dedo aqui e veja as minhas mãos; estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar* e acredite." ²⁸ Em resposta Tomé lhe disse: "Meu Senhor e meu Deus!" ²⁹ Jesus lhe disse: "Você acreditou porque me viu? Felizes os que não viram, mas mesmo assim acreditam.

A médium Anna Prado, assim como seus amigos, familiares e colaboradores, lidou com fortes perseguições e ataques extremos de muitas pessoas, principalmente de pessoas ligadas a igreja católica, que se utilizava da imprensa para acusá-la de muitas coisas, como fraudulenta, histórica, e “dotada de pouca inteligência.”

No decorrer da nossa pesquisa podemos constatar o interesse no espiritismo nas matérias publicadas sobre as sessões com Anna Prado nos jornais *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará*. Outro ponto interessante apontado durante a pesquisa, diz respeito a tentativa da ciência médica de lutar contra curandeiros e médiuns espíritas para solidificar a medicina como única qualificada para cura e tratamento de doenças. Assim, a procura por pajés, curandeiros, feiticeiros e afins sempre foi algo muito forte na região amazônica, em parte pela falta de acesso a médicos no interior dos estados, fator recorrente até hoje na imprensa local. A pajelança, de acordo com o historiador e professor Aldrin Moura de Figueiredo (2002), sempre foi uma atividade perseguida pelas forças policiais e governamentais por meio de promoções de políticas sanitárias. Por esta razão, um articulista do jornal *Folha do Norte*, escreveu incomodado, em 1909, um artigo sobre essas “promessas de curas milagrosas” dos curandeiros da capital paraense, e não esconde sua frustração sobre isso, considerando incongruente uma sociedade evoluída como a de Belém, inspirada em Londres e Paris, ainda ter espaço para esse tipo de atividade. Anos depois, em 1921, a perseguição e o pensamento continuavam os mesmos. Como destaca *A Província do Pará*, em Pagelança, matéria que conta a história de um curandeiro no município de Bragança, no estado do Pará, procurado por muitas pessoas em busca de atendimento e receituário médico. O jornal pede atenção a Polícia Civil para lidar com o pajé

Figura 23: Matéria do Jornal A província do Pará em 28 de agosto de 1921



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

O fato de os médiuns espíritas também terem as suas práticas de cura, os torna alvos dessas perseguições também. Os médicos na capital eram muito caros e no interior quase inexistentes, enquanto as práticas alternativas eram acessíveis e mais próximas da população mais carente. Mas, não era apenas um grupo necessitado que recorria aos médiuns e curandeiros, uma parcela abastarda e letrada da população também tinha interesse nessas práticas, como destaca o jornal *A Província do Pará* em junho de 1921. O interesse desse segmento da população nos médiuns e pajés dava-se, em parte, pela sua propensão a curiosidade sobre o que não estava nos livros científicos, e mostrava a dicotomia entre o mundo da ciência, com seus doutores vindo de fora do Estado, as vezes até de fora do Brasil,

e o mundo do sobrenatural, habitado pelos espíritos e forças sobrenaturais que agiam através dos médiuns e pajés.

O interesse do jornalismo na questão espírita não se resumia a médium Anna Prado, pois, havia notadamente esforço em noticiar as situações trazidas pela doutrina, assim como espaço para refutar os fenômenos espíritas. *O Estado do Pará* em 1 julho de 1920 trouxe informação internacional, traduziu matéria da publicação americana *The Homemaker*, cujo foco era contar sobre as montagens fotográficas feitas nos Estados Unidos para imitar a presença de espíritos e mostrar como seria fácil manipular as chapas fotográficas para enganar quem acredita na vida após a morte.

Figura 24: O Estado do Pará em 1 de julho de 1920, página 1



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Figura 25: Destaque das fotos publicadas na matéria em O Estado do Pará em 1 de julho de 1920



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

A inversão e transgressão de Anna Prado à realidade relatadas nas páginas dos jornais também foram motivo de produção intelectual contrária a ela no *Folha do Norte* jornal pelo articulista, e padre barnabita Florêncio Dubois em 1920, ano no qual as sessões espíritas de Anna Prado tiveram maior destaque no jornal.

Os barnabitas do qual Florêncio pertencia tinham origem em Milão, na Itália, e foram fundados em 1533. Migraram para o Brasil 1903, e dividiram-se nas regiões de Pernambuco e Pará. O padre em questão chegou com apenas 25 anos ao país, tinha origem humilde e ingressou aos 15 anos na congregação. Em 1909 fixou-se no Pará.

De acordo com Evangelista (2012, p.53) Dubois encontrou em Belém uma igreja católica ameaçada e perdendo a sua hegemonia para o Espiritismo, que constantemente ganhava espaço nas páginas dos jornais diários de Belém, principalmente após as publicações após as atividades mediúnicas de Anna Prado se expandirem e atraírem muitos curiosos. O

padre notou que a igreja precisava combater essa doutrina, então assumiu o posto de articulista para derrubar as crenças no espiritismo e fortalecer a hegemonia da igreja católica.

Figura 26: O padre Florêncio Dubois



Fonte: EVANGELISTA, 2012, p.53

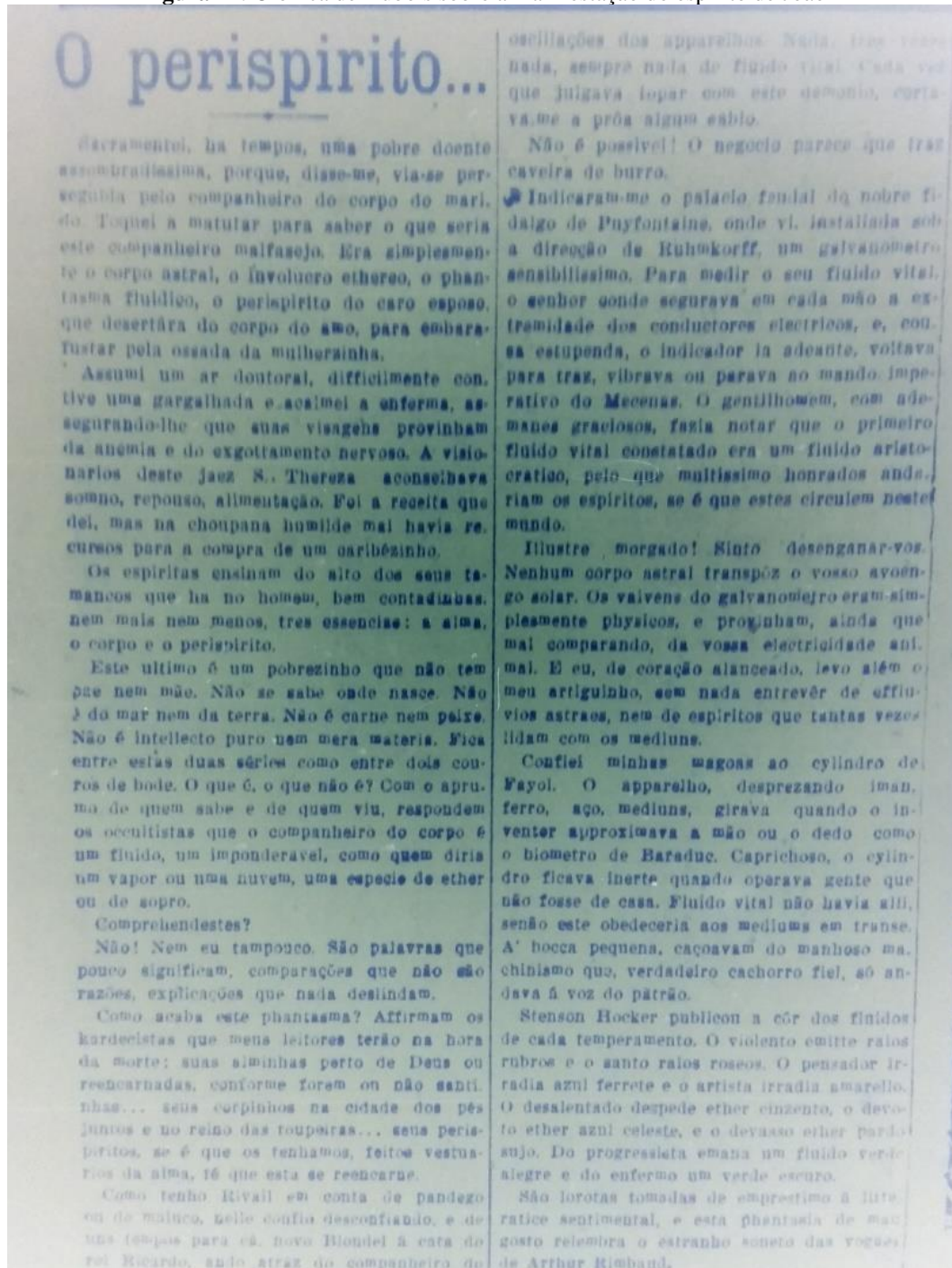
O padre começou suas crônicas no *Folha do Norte* após impressionar o jornalista Paulo Maranhão, na época diretor do jornal, com seu conhecimento literário, e por domar a língua portuguesa de maneira magistral, além de amplo conhecimento cultural e universal. “Diante de tantos atributos intelectuais, seus confrades barnabitas chamavam-lhe de ‘O Comunicador’ devido a sua inteligência aguçada, clareza argumentativa, maestria em reger nosso idioma e contagiante bom humor.” (EVANGELISTA, 2012, p. 53)

Dubois buscava criar a descrença dos fenômenos da médium Anna Prado junto aos leitores e por meio dos artigos publicados manifestava também intolerância com o espiritismo. Sempre de maneira debochada fazia suas análises da crença com bastante ironia para plantar a semente da dúvida e da descrença na cabeça dos leitores do jornal *Folha do Norte*.

O perísprito e *Os médiuns*, ambos nos primeiros meses de 1920, foram seus artigos iniciais criticando a crença. Dubois não poupa palavras para criticar o espiritismo,

inicialmente seus ataques não eram voltados para Anna Prado, que durante o ano de 1919 continuou com suas sessões, e busca explicações científicas em autores europeus para justificar o sobrenatural. Uma das afirmações é a de que doenças como a anemia levam a um colapso nervoso que desencadeia as supostas visões de fantasmas.

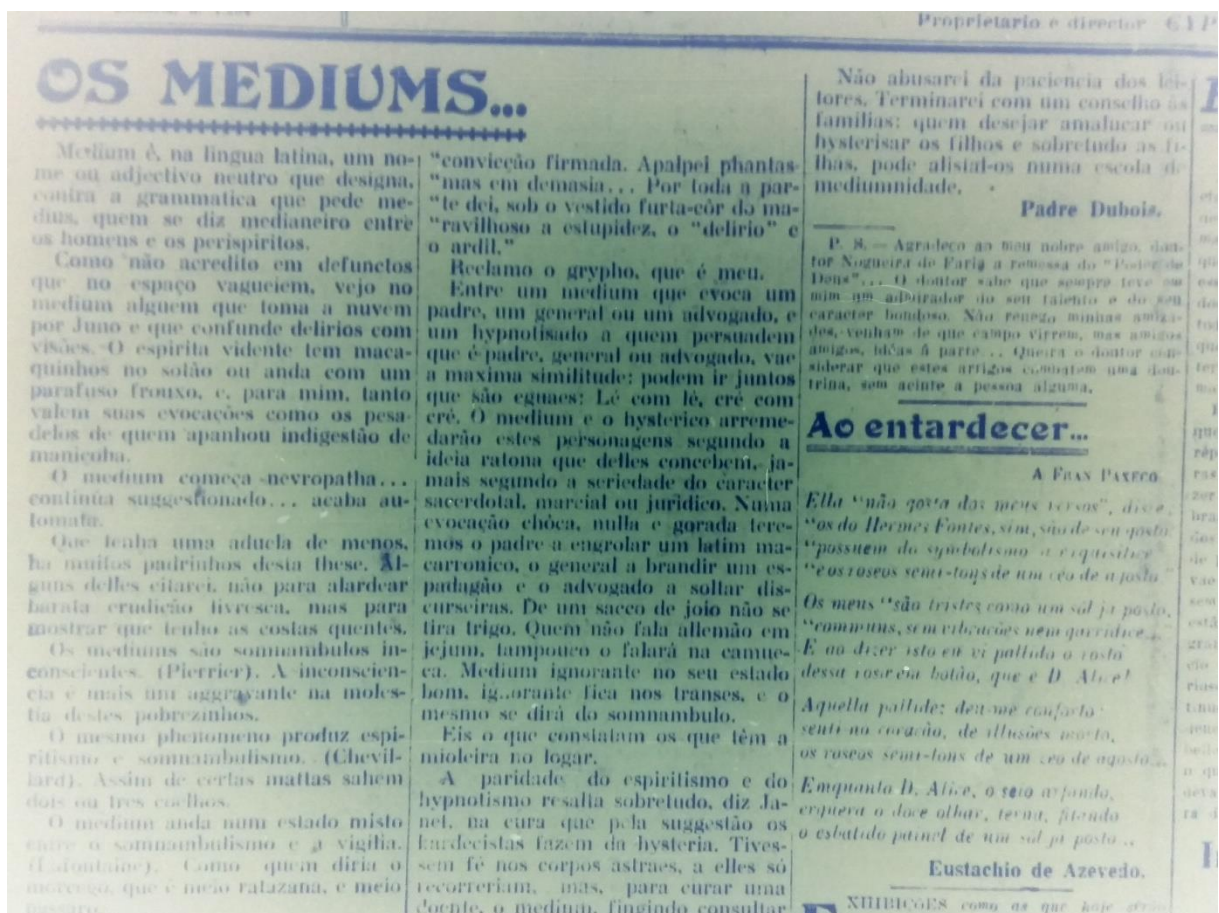
Figura 27: Crônica de Dubois sobre a manifestação do espírito de João



No artigo *O perispírito* o padre continua seu embate contra o espiritismo e Anna Prado, ao relatar uma história sobre uma senhora que lhe disse estar sendo perseguida pelo espírito de seu falecido esposo. A primeira reação de Dubois foi gargalhar, e após alguns minutos disse-lhe que ela estava anêmica e enferma, por isso, delirava em seu esgotamento nervoso. Segundo ele, os espíritas ensinavam que havia três essências no homem: a alma, o corpo, e o perispírito - um “[...] pobrezinho que não tem pai nem mãe. Não se sabe onde nasce, não é do mar nem da terra. Não é carne nem peixe. Não é intelecto puro e nem mera matéria”. Como de usual, buscou a todo momento descredibilizar as crenças espíritas.

Neste primeiro artigo, Dubois também busca a opinião de um especialista para justificar a existências de fotografias de espíritos de pessoas recém falecidas. De acordo com o padre, em 1908 ele teve a oportunidade de entrevistar o Doutor Baraduc¹⁷, um hábil especialista em fotografia que teria lhe afirmado que após a morte, por um éter extra cutâneo, com aparência corpórea, e que esta substância era a responsável pela aparição de fantasmas nas fotos de pessoas recém falecidas.

Figura 28: Matéria de Dubois sobre os médiums da doutrina espírita



¹⁷ Não há mais detalhes sobre quem ele seria o tal Baraduc.

Fonte: FOLHA DO NORTE, 07 de março, de 1920

No artigo *Os Médiuns*, o padre inicia afirmando que essas pessoas confundem delírios com visões, e que estes médiuns “andam com macaquinhos no sótão ou com parafuso frouxo” ou como “pesadelos de quem apanhou indigestão de maniçoba¹⁸”. De forma agressiva Dubois trabalha em sua crônica para desacreditar os espíritas e seus médiuns, sem poupar palavras e xingamentos. Ao finalizar o artigo, ainda afirma que os pais que quiserem deixar seus filhos loucos, devem matriculá-los em uma escola de mediunidade.

O espírita vidente tem macaquinhos no sótão ou anda com um parafuso frouxo, e, para mim, tanto valem suas evocações como os pesadelos de quem apanhou indigestão de maniçoba. O médium começa nevropatha...continúa sugestionando... e acaba autômato. (DUBOIS, Folha do Norte, 07 de março, p.01)

Dubois entendia os espíritas como malucos, que desafiavam os homens da ciência, que não possuíam método e trabalhavam puramente na doutrinação e orações poéticas. Para o padre, o método dos espíritas se resumia em “phantasia reforçada com uma dose de caradura” (DUBOIS, 1920). Sua proposta aqui era forçar a ligação entre a loucura e a mediunidade, utilizando-se do nome de médicos franceses donos de clínicas para tratamento de doenças nervosas e que estavam cheias de praticantes do espiritismo.

No artigo *Espiritismo e Ciencia*, Dubois procura teorias de cientistas europeus para explicar os fenômenos como materialização, incorporação, fluidos fantasmagóricos. Os textos do padre eram sempre muito grandes, e recheados de teóricos e conhecimentos científicos, além da ironia e deboche frente às crenças dos espíritas. Ele sabia escrever extremamente bem e utilizava da persuasão de maneira magistral, com uma estratégia comunicativa utilizada para gerar este efeito no leitor de maneira consciente.

Em 20 de junho, após a publicação da foto na qual Anna Prado materializava um espírito ter sido exposta nas páginas dos jornais, Dubois assinou outro artigo para criticar a foto de Ettore Bósio, desta vez na primeira página, ao afirmar que a fotografia havia causado terríveis calafrios nos leitores do jornal, mas que a ele apenas um “sorriso de ironia”. A crônica do padre ocupa a primeira página praticamente inteira, e não poupa palavras para desacreditar os fenômenos da médium Anna Prado. Segundo o padre Dubois, a foto visivelmente é uma fraude pois fica nítido que na chapa na qual foi revelada a foto da Anna Prado já havia uma outra foto por baixo da forma do “pretenso defundo”.

¹⁸ Com raízes na culinária indígena e tradicionalmente consumida no estado do Pará, a maniçoba é um prato tipicamente brasileiro. Feita com folhas de mandioca fervida com carne de porco, embutidos e defumados.

Dubois utiliza de argumentos dos próprios espíritas de que um espírito é “como uma nuvem, um vapor ethereo (*sic*), uma névoa flutuante”, e, entretanto, o que se viu na foto foi uma figura pesada, com pés no chão, mãos se equilibrando no encosto da cadeira, como se estivesse se segurando para não cair, e não um ser flutuante. Ele ironiza que Anna Prado está com o rosto para baixo na cadeira ou para não ver o fantasma, ou estava gostando de uma enxaqueca, ou para passar um enjoo, ou para querer dormir. Ou ainda, estava zangada e recorreu a “lógica feminil das lágrimas”. Sua matéria inteira é cheia de ataques a médium e aos espíritas, com toques pesados e ironia e deboche. O padre ainda afirma que diante de uma sociedade tão racional e objetiva, não deveria existir espaço que permitisse essas crenças infundáveis. Dubois também zomba das vestes do espírito, e do fato dele não ter sombra na foto, já que Anna Prado e as cadeiras possuem.

Figura 29: Detalhe da foto de Anna Prado publicada na Folha do Norte



Fonte: Folha do Norte, 20 de maio de 1920, p.2

Em 21 de junho, João Alfredo de Mendonça, então secretário do jornal *Folha do Norte*, escreveu no mesmo veículo resposta para o artigo de Dubois publicado no dia anterior. Em *Os Palpavos Espíritas*, Mendonça reforça que as chapas fotográficas tinham sido lacradas

no Centro Fotográfico em 17 de junho pelo maestro e fotografo Ettore Bosio, sendo as assinaturas dos *chassis* do senador do estado Virgílio de Mendonça, Antônio Chermont, diretor do jornal *O Estado do Pará*, e pelo próprio João Alfredo, sendo levado lacrado para a sessão e sendo visto completamente fechado por todos que ali estavam, derrubando a teoria de Dubois de que as chapas haviam sido fraudadas.

Mendonça ainda convida o padre para participar de uma sessão com fotógrafos de sua confiança, para que não houvesse dúvidas em relação a veracidade dos eventos e da possibilidade de fotografá-los. O jornalista não admitia que todos os presentes fossem chamados de *palpavos* espíritas por Dubois, pois ali estavam presentes membros importantíssimos da sociedade paraense, como médicos, cientistas, farmacêuticos, políticos e magistrados, além da presença do primeiro-ministro japonês Kouma Horigoutchy¹⁹, que em viagem pelo norte do país se interessou pelas histórias da médium após tomar conhecimento sobre os fenômenos espíritas na casa dos Prado.

Que agradeçam ao padre Dubois o epíteto de *palpavos* os ilustres clínicos, que muito honram a classe médica do Pará, Drs. Jaime Aben-Athar, Virgílio Mendonça, Porto de Oliveira, Feliciano de Mendonça, Pontes de Carvalho e outros, bem como os não menos ilustres magistrados e advogados, desembargadores Santos Estanislau, Anselmo Santiago e Napoleão de Oliveira, Drs. Xavier de Carvalho, Amazonas de Figueiredo e Nogueira de Faria, engenheiro Gentil Norberto e senador Justo Chermont, estes dois últimos que acompanharam o ministro japonês no Brasil, Senhor Kouma Hourigoutchy, na sua visita à residência do Senhor Eurípedes. Afinal, não cabe a nós a defesa do assunto sobre que o padre Dubois fez disparar o terrível canhoneio do “*trommelfeuer*” da sua ironia aparentemente demolidora, mas inofensiva. Há gente mais autorizada do que nós para realizar essa obra de reparação. O nosso objetivo é apenas manter em toda a plenitude as afirmativas que fizemos aos nossos leitores sobre o que vimos, não com olhos de espírita, mas com olhos de repórter medianamente arguto. Foi com esses olhos que pesquisamos a possibilidade de um truque nesses fenômenos, que não descobrimos pela simples razão da sua inexistência. O fenômeno existe: o que não podemos nem sabemos é explicar a sua causa. E se o nosso ilustre e reverendo amigo padre Dubois persistir na dúvida, há um meio prático e fácil de confundir a nossa afirmativa; e aceitar o convite que lhe dirigimos e que agora reiteramos, para assistir a uma das sessões na residência do Senhor Eurípedes. Estamos certos de que este cavalheiro não oporá contrariedade ao nosso convite. Vamos, pois, até lá, à rua dos Tamoios n. 43, acompanhados de um ou mais fotógrafos, da confiança do padre Dubois. Arranje a licença do Senhor Governador do Arcebispado e toca a ver se há retrato de sombra ou sombra de retrato. Aceite o repto, pois temos certeza de que o nosso reverendo amigo Dubois será arrolado na lista dos “*palpavos*”, em cujo número incluiu o seu devotado amigo e admirador. (FOLHA DO NORTE, 21 de junho de 1920, p. 1)

¹⁹ Filho da gloriosa pátria de Togo, onde a crença na vida de além-túmulo, na pluralidade das existências, dá uma energia admirável ao povo e às qualidades morais que o tornam “*primus inter pares*” no concerto das nações civilizadas - o Senhor Kouma Horigoutchy desejou naturalmente assistir a uma das sessões da Senhora Prado. (FARIAS, 1989, p.90)

Na edição do dia 25 de junho, Raymundo Nogueira de Farias escreveu artigo debatendo as descrenças do padre. Farias afirmava que o fantasma saiu de maneira tão densa na foto porque um espírito ao se materializar revestia seu perísprito de energia fluída e se densificava o bastante para se tornar uma imagem encorpada.

O padre Dubois também afirmava no artigo que não entendia como um suposto espírito de homem estava vestindo roupas de mulher. Nesse caso Farias explica em seu artigo que não há nada de extraordinário nisso, e que o espírito não utilizava roupas de mulher. Ele vestia uma bata que não é necessariamente feminina, e que se Dubois vira sapatos masculinos do espírito não passaria de mentiras pois não é possível distinguir se os sapatos usados por um ser sobrenatural são masculinos ou femininos, mas que no caso da fotografia era apenas um pano, ou bata, que cobria o espírito da cabeça aos pés.

Quanto à falta de sombra do fantasma, outra acusação do Padre, Farias afirma que a luz estava batendo diretamente em frente a ele, que estava adjacente a parede e não poderia deixar sombra na fotografia, além da sombra do braço que encosta na cadeira.

Ao contrário do que o Padre achava, Farias afirma que a proximidade do espírito a Anna Prado se dava basicamente por ela ter materializado ele, e não por ser qualquer tipo de fraude. A falta de relevo na imagem se dava porque se tratava de um espírito imperfeitamente materializado. Uma das últimas acusações de Dubois no artigo do dia 20 era em relação ao espaçamento das sessões, que não corriam com muita frequência.

Os fenômenos, segundo Farias, exigiam muito de Anna Prado, ela necessitava de descanso entre as sessões, a explosão de luz espiritual em cima da médium era muito grande e prejudicial, e de que a desmaterialização do espírito era dolorosa, impossibilitando que as sessões ocorressem com muita frequência.

Curioso com o sucesso de Anna Prado nas páginas do Folha do Norte, o ataque de Dubois ao espiritismo, e o impacto que a fotografia de Ettore havia causado na sociedade, o médico Antônio Porto de Oliveira se interessou em participar das sessões para escrever ao jornal as suas próprias conclusões sobre o caso. Ele afirmava que era um homem de ciência, e que não tinha descrença no que diziam que ocorria na casa dos Prado, mas queria botar seu saber científico em cima dos fenômenos para tentar explicá-los de maneira plausível à sociedade paraense. No artigo *Carta aberta ao Sr. Padre Dubois*, ele buscou instigar o padre Dubois a participar de uma das sessões para que visse com seus próprios olhos o que acontecia ali, e percebesse, assim como o médico, que algo sobrenatural estava realmente acontecendo.

O padre Dubois respondeu ao artigo de Porto de Oliveira com outra matéria no jornal, desta vez impondo condições para sua participação na sessão. Dentre as exigências estavam que a sessão tinha que ser realizada em outro local, que não a casa dos Prado; em um local sem qualquer tipo de mobília; a presença de fotógrafos levados pelo padre para confirmação do fenômeno. Entre outras reproduzidas a seguir

1ª Effectuar-se-á a sessão em outro local que não seja a casa do Sr. Eurípedes Prado: por exemplo, numa casa de família, onde não haja bastidores, gabinetes, alçaçapões, postigos, etc.

2ª A sala ficará sem mobília, quadros, espelhos, cortinas, sophás: apenas cadeiras

3ª duas ou três senhoras revistarão a médium, de modo que não oculte, debaixo do vestuário, flores, mãos artificiaes, tubos de materiasphosphorecente, tecidos finos, cabeças de espectro...

4ª ficará a médium num círculo formado pela assistência de modo a ter liberdade de movimento.

5ª com excepção do marido nenhuma pessoa da família acompanhará a médium.

6ª O marido sentar-se-á no meio da assistência, como expectador.

7ª os convidados serão metade do Sr. Euripedes Prado, metade dos meus amigos.

8ª interrogaremos o espírito que por ventura apparecer .

9ª Tocál-o-emos de leve, a fim de constatar se é deste ou de outro mundo.

10ª levaremos fotografosnossos , como o Sr. Euripedes Prado levará os seus. As chapas deverão estar nos embrulhos como vêm das casas comerciais.

11ª examinaremos o local antes e depois da sessão.

12ª pediremos a médium que evoque defunctos nossos conhecidos.

13ª Dispensamos a execução de trechos musicaes .

14ª igualmente recusamos que a médium se feche na sua gaiola.

15ª finalmente pedimos mais de uma sessão.

Respondam, sim ou não, ao pé da letra, os cavalheiros do espiritismo, que irei ver, com muito prazer, contemplar o que nunca vi, nem verei, um defunto a falar, ou andar (DUBOIS, 26 de jun, 1920, p.01).

Eurípedes Prado se recusou a acatar as exigências do padre Dubois e não se dispôs a permitir que ele realizasse qualquer tipo de experimento com sua esposa. Convidou o padre a participar de uma sessão, sentando-se ao seu lado e perto de membros da Sociedade Médico-cirúrgica do Pará, e da presença de pessoas imparciais, nem amigos de Eurípedes nem amigos de Dubois. Euripedes respondeu o padre publicamente, também no *Folha do Norte*, em 27 de junho de 1920.

Li as condições sob as quais o padre Dubois se dignará assistir a uma ou mais das sessões em que se produzem os fenômenos a cuja observação me dedico. Não disponho das modalidades do fenômeno para submetê-lo a certas e determinadas condições. Replicando proponho, por minha vez, as condições cujo critério submeto à apreciação da intelectualidade paraense. O fenômeno será provocado dentro das modalidades habitais, pois não disponho de poder para modificá-lo. Nada de amigos, nem meus, nem do padre. Sentar-nos-emos, eu e o padre, na fila de cadeiras destinadas à assistência, ficando ao nosso lado oito, dez ou doze (o número não importa) membros da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, excluindo os que professarem ideias católicas ou espíritas. Eu e o padre aceitamos, previamente, o laudo dessa comissão. Entenda-se que não discuto a causa do fenômeno; desejo apenas que fique verificado se há ou não fraude. O padre parece temer o contacto dos médicos, mas eu, que não considero os fatos espíritas uma religião, e que sou, mesmo, contrário à sistematização religiosa, estou convencido de que aos Srs.

médicos ninguém pode negar a presunção de representarem uma das classes mais cultas do meio científico. Não argumentemos com exceções; nada de sofismas. Quem se coloca sob o gládio de homens de ciência, não se esconde.

Repito: nada de amigos, quer meus, quer do padre. Venham juízes esclarecidos e imparciais. Com apreço, firmo-me De VV. SS.^a Am.^o At.^o Obr.^o Eurípedes Prado. (FOLHA DO NORTE, 27 de junho de 1920, p.1)

Dubois retornou a escrever no jornal, e em 29 de junho reforçou que Eurípedes e os espíritas eram uma farsa, desqualificando os médicos e debochando da necessidade que o marido da médium tinha em falar de ciência. Para ele, os médicos serviam para cuidar dos doentes, tendo nenhuma ligação com a situação exposta.

[...]Em vez de discutir uma por uma estas condições, o senhor achou melhor repeli-las em bloco, apelando para médicos, quando a prestímanos é que devíamos recorrer. Sem ofender à culta classe médica, repito aqui a observação de um moço distinto. Cada vez que por aqui aparece um prestidigitador, o seu primeiro cuidado é convidar a Faculdade, para que constate como no palco se degola uma mulher. E os esculápios riem-se do truque, sem atinarem com a explicação. Sentar-me na sessão como simples espectador, dirigindo olhares melosos ao fantasma e à boneca, é coisa que não me convém. Presenciei admiráveis ilusionismos e nunca me foi dada à chave dos artifícios do artista. A cada pergunta este respondia: “E fácil, porém é preciso saber!” Desejo muito ir as mediunizações, mas não quero que me impossibilitem a pesquisa. Ficar, numa cadeira, de mãos juntas, de joelhos apertados, com ares abeatados, quietinho como um colegial, serviria aos planos do Senhor Eurípedes, não à minha vontade de tudo desmascarar. [...] (FOLHA DO NORTE, 29 de junho de 1920, p.1)

O padre Dubois ganhou um aliado público quando, em 03 de julho de 1920, o pastor da Igreja Metodista Universal, publicou artigo parabenizando-o por lutar para desmascarar a farsa espírita. O pastor metodista ainda afirma que admira o padre pela sua coragem, e que é preciso respeitar o nome de Deus.

Dubois continuou as suas investidas contra os espíritas por mais alguns artigos, mas após o experimento realizado pelos médicos, e pelos traumas que atingiam a médium Anna Prado, as notícias sobre a médium tornaram-se escassas assim como os artigos do Padre.

É interessante notar como ocorria uma efervescência religiosa na cidade de Belém, e havia uma certa luta no “mercado” de religiões onde o catolicismo não aceitava perder o seu espaço maior entre as outras que surgiam e cresciam no Pará.

O padre Dubois surgiu nas narrativas sobre a história da médium como uma antítese, na procura desenfreada de desacreditar os fatos relatados pelo jornal e suscitar ódio contra os espíritas. Nesse seu esforço, utilizava-se de ironias e ataques diretos à figura da médium Anna Prado. O padre utilizava até mesmos de comentários machistas e misóginos, em uma busca desenfreada por forçar sob os leitores do jornal sua ótica e opinião sobre o caso da médium.

De um lado temos o ceticismo oriundo do padre Dubois, e de outro a exposição dos acontecimentos das sessões na casa da médium Anna Prado por meio de pessoas que a defendiam veemente, e de jornalistas que apenas escreviam sobre os fatos que presenciaram nas sessões na casa dos Prados.

5 CONCLUSÃO

Ao abrir suas páginas para o fantástico e o desconhecido os jornais buscaram, com o conhecimento institucionalizado das coisas, reforçar a ideia de que o homem possui uma curiosidade insaciável pelo que não consegue explicar racionalmente, pelo desconhecido e, principalmente, o interesse nos habitantes do além e na vida após a morte. Portanto, é curioso e notável o espaço que os fenômenos espíritas da médium Anna Prado conseguiram nos jornais paraenses da segunda década do século XX, principalmente por se tratar de um período caracterizado pelos inúmeros avanços científicos, desmistificações de crenças populares, e mudanças políticas e sociais. Não se limitando apenas para os eventos espíritas, mas, também, para toda a discussão relacionada a estes fenômenos, o jornal impresso abria espaço as partes envolvidas nessas histórias, bem como para a curiosidade e deleite dos leitores dos periódicos.

Os jornais proporcionaram em suas matérias muitas visões de mundo, com diversas crenças e opiniões. Essa pluralidade de pensamentos e de personagens expostos foi importante para a construção narrativa do intrigante caso da médium Anna Prado nas páginas dos jornais, que transitava entre o ceticismo e a crença no sobrenatural.

Ao relatar esses fatos de forma noticiosa os jornais estampavam o fantástico na realidade de Belém, em meio a tragédias do dia a dia da cidade. O jornalismo analisado nesta pesquisa flerta com o fantástico literário, cria no leitor um estado de ânimo, de hesitação como define Tzvetan Todorov. A presença do fantástico transgrede o real, assombra diante do sobrenatural e a verossimilhança criada pela tessitura da intriga na narrativa jornalística aumenta o fator medo, fazendo o leitor não duvidar de que aquilo que está lendo é real.

A fala da categoria dos médicos na narrativa jornalística é sempre o lado racional e cientificista da história, dos fatos. Não estava nem do lado, nem contra Anna Prado pelo que se pode perceber nas narrativas. Na experiência realizada por eles havia vários dispostos a descobrir o que acontecia ali, e a esmiuçar as supostas anormalidades. O padre Dubois em suas crônicas até afirmava que não conseguia acreditar no envolvimento desses homens de ciência nas sessões da médium Anna Prado.

O principal conflito dentro desta narrativa fantástica foi entre o padre Dubois, e seus fortes ataques ao espiritismo, e os defensores da médium Anna Prado, que utilizavam as páginas dos jornais para defender sua opinião e suas crenças. Dubois se constrói como um vilão na história de Anna Prado, sempre à espreita de tudo de acontecia na casa dos Prado e pronto para atacar de maneira feroz a médium e os que acreditavam na doutrina espírita. O padre não se limitava a argumentos religiosos, e demonstrava uma sagacidade e inteligência na construção dos seus textos, com citações de teóricos das ciências e de grandes filósofos.

Em nossa pesquisa foi possível descobrir como os feitos da médium Anna Prado saíram das fronteiras do Pará e chegaram ao Rio de Janeiro, com a vinda da família Figner especialmente para conhecer a médium e seus poderes. Anna Prado foi uma grande fortalecedora do movimento espírita no Pará, ao possibilitar a divulgação do espiritismo por meio do acesso das pessoas as suas sessões de forma facilitada. Seu papel foi importante para garantir a sede a União Espírita Paraense em Belém, que existe até hoje, mostrando como a médium foi uma pessoa importante para a doutrina que caminhava a lentos passos na década de 1920.

O fantástico é caracterizado por uma ruptura com a normalidade, algo que não se pode compreender ou explicar de uma maneira lógica. As matérias sobre o caso da médium Anna Prado nos mostraram exatamente isso, como o a manifestação do fantástico faz parte das experiências mais subjetivas do homem e da sua relação com a natureza, com a vida, sua familiarização com si mesmo e suas perguntas sobre os mistérios e desarmonias do mundo. A médium, ao mesmo tempo que atuou no espiritismo de forma a fornecer respostas sobre o mundo dos mortos, também nos encheu de perguntas, dúvidas e incertezas.

A morte, o “outro lado”, a vida após a morte, e a preocupação dos vivos com os mortos, como afirma Mary Del Priore, estão presentes em qualquer sociedade ou cultura. Cada sociedade possui sua maneira de lidar com a morte, para algumas é extraordinário e fantástico falar com os mortos, para outras é algo natural e comum. Essas crenças, individuais ou coletivas, são importantíssimas para a compreensão de mundo e da nossa existência.

Por fim, só foi possível entender a magnitude da presença sobrenatural de Anna Prado, por meio de nossa pesquisa nas páginas dos jornais sobre as narrativas dos feitos da médium. Portanto, matérias jornalísticas devem ser tratadas também como um documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, pois fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo que não o da pesquisa nos jornais da época.

6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa Brasil-1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

BRITES DA COSTA, Andriolli de. **A Lenda nas Páginas do Jornal: a presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai**. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

EVANGELISTA, Sheila Izoete Mendes. **O arraial do espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas, espíritas e católicos em Belém (1918-1923)**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em História.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **PÁGINAS ANTIGAS: UMA INTRODUÇÃO À LEITURA DOS JORNAIS PARAENSES, 1822-1922**. **Margens: Revista Interdisciplinar do PPGCITI** | ISSN: 1806-0560 | e-ISSN 1982-5374, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 245-266, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <>. Acesso em: 25 jan. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v2i3.3040>.

FARIA, Nogueira. **O trabalho dos mortos (o livro do João)**. 6. Ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazonia; a constituição de um campo de estudo 1870-1950**. 1996. 428f. Dissertação (mestrado) - **Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP**. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279426>>

HENRIQUE, Márcio Couto; AMADOR, Luiza Helena Miranda. **Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924**. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 359-378, jun. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702016000200359&lng=pt&nrm=iso

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013

LAMONT, Peter. **Crenças extraordinárias. Uma abordagem histórica de um problema psicológico**. São Paulo: Editora Unesp, 2017

LOVECRAFT, Howard Philips. **O horror sobrenatural em literatura**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MAGALHÃES, Samuel. **Anna Prado: A mulher que falava com os mortos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira: 2012

MOTTA, Luiz Gonzaga Figueiredo. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 12. n.1, p. 23-50. 2005. Disponível em: <<http://www.contracampo.ufrj.br/index.php/revista/article/view/557>>

MOTTA, Luiz Gonzaga Figueiredo. **Notícias do Fantástico**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2006.

NUNES, Paulo. Belém e seus encantos de cobra **uma leitura-audição fragmentada da cidade**. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2865>> .

SANTANA, Verônica Neuma Ferreira. **A História do espiritismo no Pará: 100 anos de união espírita paraense**. Belém: UEP 2006

SANTOS, Luiz Cezar S. dos. **publiCIDADE belle époque: A mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém entre 1870-1912. Tese de Doutorado apresentada no programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC**, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010

7 PERIODICOS

- A MISÉRIA E A FOME NO PARÁ. **A Província do Pará**, Belém, 16 de fevereiro de 1921, p.1
- APARIÇÕES EXTRANHAS. SERÁ O JOÃO? **A Província do Pará**, 4 de fevereiro de 1921, p.1
- APARIÇÕES EXTRANHAS. **A Província do Pará**, 12 de fevereiro de 1921, p.1
- AS MATERIALIZAÇÕES DE JOÃO. **O Estado do Pará**, Belém, 09 de agosto de 1920, p.1
- CARVALHO, Jose de. Sessões Espíritas. **Folha do Norte**, Belém, 16 de nov.1918. p.1.
- DUBOIS, Florêncio. A última pá de cal. **Folha do Norte**, Belém, 3 de jul.1920. p.1.
- DUBOIS, Florêncio. Espiritismo e Loucura. **Folha do Norte**, Belém, 25 de jul. 1920. p.1.
- DUBOIS, Florêncio. Espiritismo e Sciencia. **Folha do Norte**, Belém, 18 de jul. 1920. p.1.
- DUBOIS, Florêncio. Períspirito. **Folha do Norte**, Belém, 29 de fev.1920. p.1.
- DUBOIS, Florêncio. Retrato da sombra ou sombra do retrato? **Folha do Norte**, Belém, 20 de jun.1920. p.1.
- ESPIRITHISMO E CATHOLICISMO, **O Estado do Pará**, 5 de julho de 1920, p.1
- FARIAS, Nogueira. As perguntas do Padre Dubois. **Folha do Norte**.25 de jun.1920. p.1.
- JORNAL DA TARDE, 24 dezembro de 1919, s/p
- JORNAL DA TARDE, 09 de dezembro de 1919. S/p
- JORNAL DA TARDE, 4 de maio de 1920, s/p
- OLIVEIRA, Antônio porto de. **Carta aberta ao Sr. Padre Dubois**. 24 de jun.1920. p.1
- PAGELANÇA, **A província do Pará**, Belém, 28 de agosto de 1921, p.3.
- PHENOMENOS Espíritas. **Folha do Norte**, Belém, 15 de jul.1920. p.1.
- PHENOMENOS Espíritas: Um habitante do além fotografado na capital. **Folha do Norte**, Belém, 20 de mai.1920. p.2.
- PHENOMENOS Espíritas. **Folha do Norte**, Belém, 26 de jun.1920. p.1,
- PHENOMENOS Espíritas. **Folha do Norte**. Belém, 15 de jul.1920. p.1.
- PHENOMENOS ESPÍRITAS. **O Estado do Pará**,08 de agosto de 1920, p.1
- PHOTOGRAFIAS DE ESPIRITOS, **O Estado do Pará** em 1 de julho de 1920, p.1
- UM DOLORODO INFOTÚNIO, **A Província do Pará**, 24 de abril de1923, p2.